



CONDIÇÕES PRECÁRIAS

Número de ações por acidente de trabalho cresce 20% na PB

*Maior parte das ocorrências foi registrada nas cidades de João Pessoa e Campina Grande. **Página 7***

Problemas com licitações geram mais de quatro mil processos no TCE

Segundo balanço do órgão, falhas mais recorrentes concentram-se nas fases de planejamento e execução contratual. Famup aponta falta de qualificação técnica de gestores nos municípios.

Página 13

Período natalino aquece a economia criativa e gera renda extra a paraibanos

Para muitas famílias, época festiva traz oportunidade de encerrar o ano com bons ganhos, seja incorporando o Bom Velhinho ou produzindo ensaios fotográficos temáticos.

Página 17

Congresso começa a analisar projeto que cria Estatuto dos Cães e Gatos

Texto que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres voltados à proteção animal surgiu a partir de sugestões enviadas por ativistas da causa, e também prevê punição a infratores.

Página 14

Introdução escolar exige acolhimento e diálogo entre pais e profissionais

Especialistas destacam a necessidade de alinhamento entre escola e família para tornar o processo positivo, auxiliando as crianças na adaptação da nova rotina com tranquilidade.

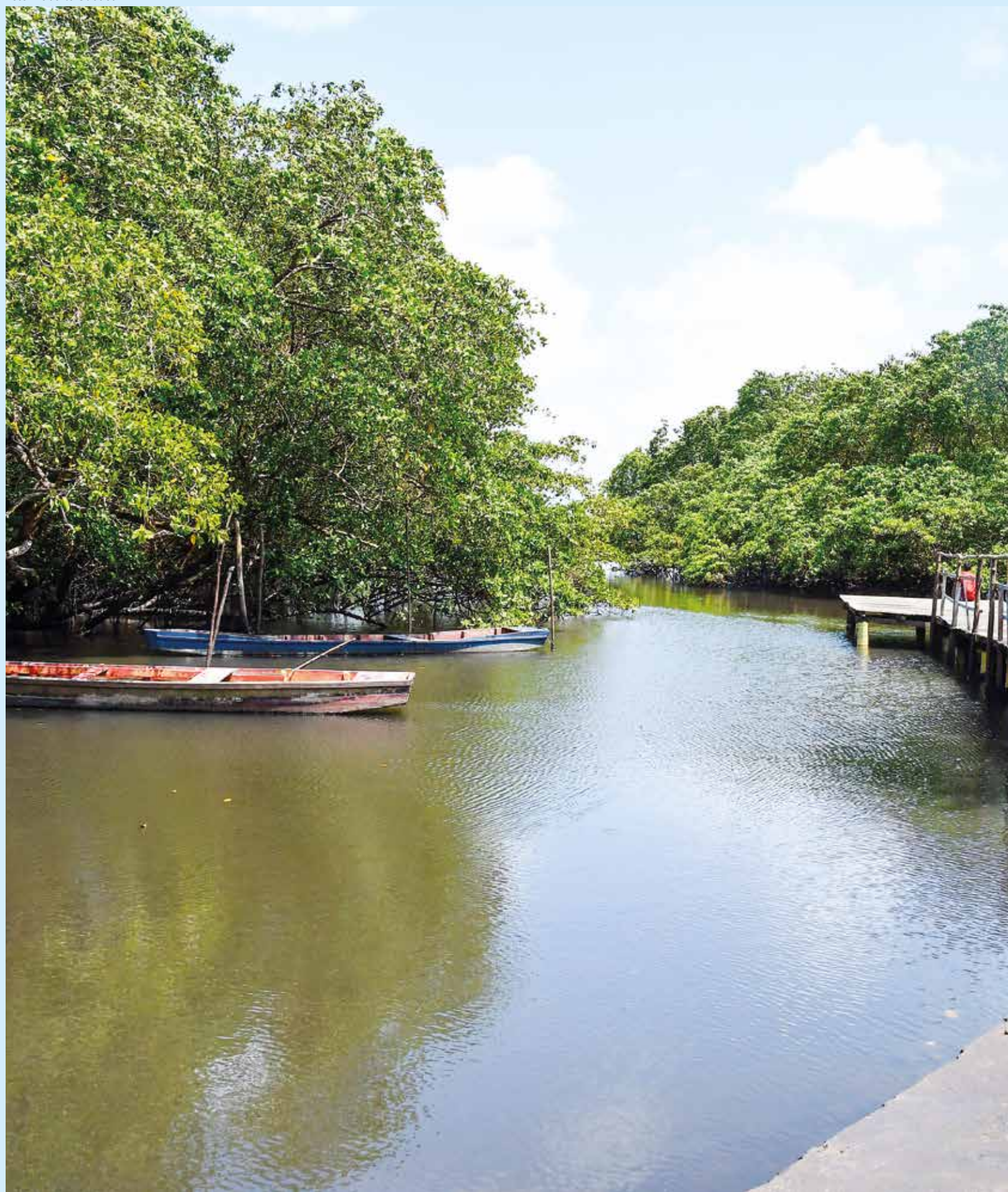
Página 5

■ “Precisamos de 70 anos para que a Paraíba se capacitasse a instalar seu museu, entre lajes e paredes erguidas no início da cidade. Há demoras que valem a pena”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Foto: Roberto Guedes



Programas visam à preservação de rios no estado

Além de enfrentar a poluição das nascentes, ações envolvem o plantio de mudas para recompor a vegetação natural nesses locais, ajudando a prevenir erosão e assoreamento. Campanhas educativas auxiliam na conscientização ambiental.

Página 20

Bate-papo com diretores e exibição de filmes e documentários integram a programação do Fest Aruanda hoje e amanhã

O cineasta paraibano Torquato Joel conversou com a reportagem de **A União** sobre as memórias que inspiraram seu novo longa-metragem, “Corpo da Paz”, que será exibido, gratuitamente, dentro da mostra competitiva nacional que acontece no festival. A sessão será realizada amanhã, às 21h30, no Cinépolis do Manaira Shopping.

Página 9



Foto: Divulgação

Alerta+ Brasil

O Brasil tem ainda enormes desafios a vencer, em áreas-chaves para a consolidação de um processo de desenvolvimento progressista, portanto isonômico, que resultaria em impactos positivos capazes de diminuir ou, preferivelmente, eliminar as desigualdades sociais, ao tempo em que atenuaria ou faria cessar os efeitos deletérios da industrialização e do crescimento populacional no meio ambiente. Em vista disso, entende-se que a harmonia e a independência, de fato e de direito, entre os Poderes da República são alguns dos fatores fundamentais para que o país supere obstáculos históricos e contemporâneos, e consiga fazer jus, do ponto de vista político e socioeconômico, ao *status* de que desfruta, hoje, no cenário internacional, que resiste, inclusive, às controvertidas posições de países como Israel e Estados Unidos. Significa dizer, sem margem para dúvidas, que os “desajustes” que vêm marcando as relações entre o Executivo, o Legislativo e o Judiciário, no plano federal, negam, peremptoriamente, ou emperram as iniciativas que já deveriam estar sendo tomadas, de modo mais incisivo, no sentido de fazer avançar o país, no que se refere a novos e sofisticados empreendimentos políticos, sociais, econômicos e ambientais.

O revide ideológico que se radicalizou, nas últimas semanas, colocando o Congresso Nacional, em termos de maioria parlamentar, à maneira de uma trincheira de resistência aos projetos do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, é um entrave de excessivas consequências para o país. Entende-se, então, que atacam o chefe do Executivo, mas atingem, na verdade, o coração socioeconômico do Brasil.

Em uma leitura estritamente “política” da realidade nacional, conclui-se que o alvo da direita brasileira, por meio do Legislativo, é muito claro: o Executivo e o Judiciário, nas pessoas do presidente Lula e do ministro Alexandre de Moraes. Neutralizar as ações do Governo Federal que carecem de aprovação dos congressistas e garrotear o desempenho do Supremo Tribunal Federal (STF) estaria na “ordem do dia”.

Acrescente-se a isso tudo as tentativas de desestabilização institucional do Brasil levadas a efeito por Eduardo Bolsonaro (PL), tido e havido como o “líder do *lobby* anti-Brasil nos Estados Unidos”, mentor, em última análise, de desastrosas retaliações econômicas, a exemplo do tarifaço autorizado pelo presidente Donald Trump. O Brasil que se quer grande e unido precisa dar um basta aos conspiradores de plantão.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O Brasil sob lentes estrangeiras

“Brazilianista” é o termo usado para definir acadêmicos estrangeiros — inicialmente, sobretudo norte-americanos — que se dedicam ao estudo do Brasil em áreas como história, política, economia e cultura. A expressão ganhou força durante a Guerra Fria, quando, após a Revolução Cubana em 1959, os Estados Unidos passaram a considerar estratégico compreender de forma mais profunda os países latino-americanos.

Na década de 1960, temendo que o exemplo cubano se espalhasse pela América Latina, o governo norte-americano criou programas de pós-graduação voltados à pesquisa sobre as nações vizinhas. Os brasilianistas que surgiram nesse contexto ficaram conhecidos como “os filhos de Castro”, denominação irônica utilizada para designar estudiosos interessados em interpretar a política brasileira no período republicano.

O historiador Thomas Elliot Skidmore, considerado o maior entre os brasilianistas, relatou que o termo foi criado pelo jornalista brasileiro Francisco de Assis Barbosa, impressionado com o número de pesquisadores norte-americanos dedicados a estudos sobre o Brasil na Universidade de Wisconsin. Entre esses estudiosos, destacam-se nomes de grande relevância: Albert Fishlow, Werner Baer, Robert Levine, Ralph Della Cava, Joseph Love, Warren Dean, Riordan Roett, Stuart Schwartz, Kenneth Maxwell e o próprio Thomas Skidmore.

Após o golpe de 1964, o acesso de pesquisadores brasileiros aos arquivos públicos sofreu severas restrições, de forma distinta da experiência dos pesquisadores estrangeiros. Um caso emblemático foi o do historiador norte-americano Robert Levine, da Universidade de Miami, que, ainda nos primeiros anos da ditadura, recebeu autorização para consultar livremente documentos do Departamento de Ordem Política e Social (Dops). A facilidade concedida a estrangeiros provocou protestos entre intelectuais brasileiros, perseguidos e frequentemente impedidos de trabalhar. Havia desconfiança de que a Ditadura Militar preferisse permitir pesquisas que resultassem em interpretações consideradas “adequadas” pelo regime, enquanto acadêmicos brasileiros

eram vigiados e silenciados. Também surgiram críticas ao fato de que a organização e o estudo de documentos históricos estivessem sendo entregues a estrangeiros, o que poderia representar uma desvalorização das competências nacionais. Com a redemocratização, essas tensões diminuíram. Parcerias produtivas foram estabelecidas entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros, favorecendo a elaboração de interpretações mais amplas sobre o desenvolvimento econômico e social do Brasil, difundidas internacionalmente.

Os brasilianistas contribuíram profundamente para revitalizar a memória histórica do país, apoiando a criação de centros de pesquisa e documentação responsáveis por preservar arquivos contemporâneos e coleções privadas. Além disso, introduziram novas áreas de investigação e exploraram fontes documentais até então pouco utilizadas.

Com o fim da Guerra Fria, o interesse estratégico dos Estados Unidos pela América Latina — e pelo Brasil — diminuiu, uma vez que a ameaça de expansão soviética praticamente desapareceu. Ainda assim, o legado dos brasilianistas permanece significativo: eles ajudaram a ampliar a historiografia brasileira, resgatar documentos importantes, fundar centros de pesquisa e oferecer novas perspectivas que contribuíram para a profissionalização e internacionalização dos estudos sobre o Brasil.

Os brasilianistas contribuíram profundamente para revitalizar a memória histórica do país

Foto Legenda

Gilberto Firmino



Sob cuidado materno

Gonzaga Rodrigues Como demora!

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Tomei gosto pela história da Paraíba, eu ainda bem jovem, logo que saí do gíbi. Na biblioteca da minha cidade (Alagoa Nova), os autores preferidos, como no país inteiro, eram Alencar de “O Guarani” e “Iracema”, Castro Alves do “Navio Negreiro”, Macedo de “A Moreninha” e, disputadíssima, a Anthologia Nacional, assim com th, que a prefeitura do espírita e intelectual Arlindo Colação empenhara-se em disponibilizar com o maior número possível de exemplares. A biblioteca era pretensiosa como o seu fundador e sem espaço para o número de “dependentes”. E isso angustiava o prefeito que aparecia com frequência como a conferir a repercussão de sua obra.

Veio dele, de uma dessas visitas frequentes, a recomendação do livrinho que tinha tudo para ser difícil, a partir do título: “Epítome de História da Parahiba”. A nós, particularmente, reforçava a recomendação de ter sido escrito por um alagoa-novense, o dr. Manuel Tavares Cavalcanti, irmão de outro doutor, herdeiro do engenho, que todos os domingos chamava a atenção da nossa grande feira com sua imponente passagem em demanda do papo do cartório, o dr. Pedro Tavares. Esse doutor me cumprimentava com atenção, certamente em consideração a minha mãe, que pertencera com boa voz ao coro da igreja.

E li sem muita dificuldade a primeira história da Paraíba escrita para a escola por autor da escolha do presidente Castro Pinto. Quando descí aqui, numa chuva de verão de 1951, já curtia noções, portanto, de onde viria pisar, tanto que, na semana seguinte, saí à procura do monumento ao ouvidor Martim Leitão, tal o nível de importância readquirida através da narrativa da tal epítome.

Subi até o Ponto de Cem Reis e, num dos antigos pavilhões que abrigava a conversa bem vestida e falante, comecei a aprender fora do livro, a me situar nas particularidades da terra. Chovia muito e um senhor

“Precisamos de 70 anos para que a Paraíba se capacitasse a instalar seu museu

de rosto largo e cabelos soltos, pontificando num dos pavilhões da praça, saiu-se com esta, a propósito da invernada: “Não há chuva que não escorra rápido nesta cidade. Deve-se isto a Martim Leitão, que soube escolher o monte, a colina entre o rio e o mar. A tempestade que cair tem por onde escorrer”. Era o dr. Leon Clerot, que, rodeado de admiradores transpirava um clima de história. Vim conhecê-lo mais de perto e muito o ouvir depois, pioneiro nas cogitações de fundação de um museu histórico da Paraíba. Por iniciativa própria, sem a adesão do Estado, começou a executar um projeto ou a prosseguir na busca e guarda de um pequeno acervo antropológico, de arcos, flechas, ossos e adornos atribuídos aos índios, mas sem qualquer recurso ou estrutura.

Com Linduarte Noronha, Balduino Leles, Deusdedit, cedo fiz coro em reclamar do interesse público e oficial por um museu à altura da nossa história. História a que me liguei (re-pito) a partir do livrinho do doutor Tavares. Precisamos de 70 anos para que a Paraíba se capacitasse a instalar seu museu, por sorte, muita sorte, entre lajes e paredes erguidas no início da cidade, convento, palácio e museu.

Mesmo de séculos, há demoras que valeriam a pena.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa

DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória

DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda

DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão

DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga

GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira

GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Evandro Pereira

Central de Informações Turísticas de Tambaú orienta os visitantes sobre os principais roteiros e indica opções de serviços

NA GRANDE JOÃO PESSOA

Governo mantém centros de serviços voltados aos turistas

CITs têm papel importante no atendimento aos visitantes que chegam ao estado

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

João Pessoa foi eleita a oitava cidade de praia na colocação dos Top 10 do Prêmio Melhores Destinos 2025/2026, figurando entre uma lista de presença quase majoritária de praias nordestinas. Ainda segundo a “Pesquisa Anual do Desempenho do Turismo”, publicada em 2025 pela Fecomércio Paraíba, a estada tem rendido boa impressão nos turistas: 98,09% deles pretendem retornar à Grande João Pessoa nas próximas viagens. No sentido de manter essas boas experiências, João Pessoa conta com uma rede de aparelhos de serviços voltados aos turistas.

No caso do Governo do Estado, há as Centrais de Informações Turísticas (CITs), equipamentos de responsabilidade da Secretaria de

Turismo e Desenvolvimento Econômico e da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur). Há dois pontos oficiais de atendimento: a CIT Tambaú, que funciona diariamente das 8h às 18h, e a Central localizada no Aeroporto Internacional Presidente Castro Pinto, com atendimento de segunda a sábado, das 10h às 14h.

As CITs têm papel estratégico na qualificação do atendimento ao visitante, a partir de equipes que orientam sobre principais roteiros urbanos e de natureza, apresentam atrativos culturais e históricos, indicam opções de transporte, hospedagem e gastronomia, além de esclarecerem dúvidas sobre infraestrutura e serviços disponíveis no Destino Paraíba.

Segundo a PBTur, entre as demandas mais frequentes dos turistas, estão orientações sobre transporte públi-

co, passeios para as piscinas naturais, mapas de localização, dicas de gastronomia, informações sobre regiões ideais para hospedagem e roteiros do interior do estado.

Além disso, um serviço digital é oferecido para tirar as dúvidas dos visitantes. Trata-se do ZapTur, no Whatsapp, no número (83) 98839-1167. Além dele, há também a Central Móvel de Informações Turísticas, que atende a demandas de turismo em outros municípios e percorre estados vizinhos divulgando os atrativos do estado.

“Oferecer informações completas é uma forma de garantir que os visitantes aproveitem ao máximo as diversas opções turísticas que a Paraíba oferece, desde suas praias paradisíacas até o patrimônio histórico e cultural que o estado preserva”, define a secretária de Turismo e Desenvolvimento Eco-

nômico, Rosália Lucas.

O presidente da PBTur, Ferdinando Lucena, destaca a importância do serviço: “Nosso objetivo é orientar o turista desde a chegada. Os centros oferecem informações claras e atualizadas para que o turista aproveite melhor sua estadia e conheça o que a Paraíba tem de melhor”.

■ Um serviço digital é oferecido para tirar as dúvidas dos visitantes. Trata-se do ZapTur, no Whatsapp, no número (83) 98839-1167

Prefeitura de JP também oferece atendimento

A Prefeitura de João Pessoa conta com quatro aparelhos de serviços aos turistas, chamadas de Centros de Atendimento ao Turista (CATs). Um localizado na praia de Tambaú, em frente ao Largo da Gameleira, com funcionamento das 9h às 17h; outro na Igreja de São Francisco, funcionando das 9h às 16h, e, no domingo, das 9h às 14h, sendo fechado às segundas-feiras; e o CAT Móvel, de quarta a domingo, das 9h às 15h. Além deles, há ainda o CAT Adaptado, em Cabo Branco, que conta com academia, banheiros e chuveiros adaptados, junto com rampas de acesso à areia, tudo para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Nesse caso, o funcionamento é diário, das 9h às 17h, e o estabelecimento conta ainda com aulas de natação sempre às 6h.

“A gente fica nesse serviço para oferecer a in-



Foto: Divulgação/Secom-JP

O CAT Adaptado conta com academia, banheiros e chuveiros

formação em qualquer horário. Então, geralmente eles querem realmente se localizar na cidade. Locais para comer, locais para sair, locais para visitar, feiras de artesanato, onde eles podem fazer compras de artesanato”, explica Shirley Fernandes, coordenadora dos CATs na Secretaria de Turismo de João Pessoa (Setur-JP), que informa haver de 40 a 50 atendimentos por dia em cada um dos espaços.

Um diferencial é que o

CAT Tambaú atualmente conta também com serviços de comercialização. “Ele tem quatro boxes com associações, um de buggy turismo, uma com agentes de turismo, outro com transporte terrestre e outro para náutico. Você está com pessoas que são legalizadas, pode comprar seu pacote de turismo com pessoas com quem você vai ter segurança. Quando você pega um pirata, se acontecer alguma coisa, não vai ter esse suporte.

Quando você pega legalizado, se acontecer alguma coisa, como um buggy quebrar, alguma coisa do tipo, eles têm o suporte de ir lá buscar e mandar outro, para que seu passeio não seja atrapalhado”, coloca Fernandes.

Ela indica esperar haver um aumento de 20% a 30% em relação ao ano anterior na vinda de turistas para a cidade agora no período de festas e alta estação. Esse aumento reflete-se em locais com mais concentração de visitantes e são para esses espaços que é direcionado o CAT Móvel. “Geralmente, onde tem o maior fluxo de turistas. Agora que a gente está em alta temporada, tem os locais turísticos que são praticamente paradas obrigatórias. Então, ele fica mais no Farol de Cabo Branco e agora, com a alta demanda turística por causa da decoração de Natal, ele está na no Busto de Tamandaré”.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

A oponente relutante

Ela coloca o peão branco em e4 com uma solenidade que faz meu coração afrouxar. “É assim, amor? O quadradinho claro na frente do rei?” Seus dedos, que conheço tão bem, hesitam por um segundo antes de abandonar a peça no centro exato do quadrado. Assinto, sorrindo por detrás da minha defesa siciliana. “Perfeito”.

Minha amada esposa diante de um tabuleiro de xadrez é a mais bela contradição. A mesma mulher que comanda nossa casa com precisão implacável, que decifra contas e calendários, que me entende com um olhar, transforma-se numa criança diante destas peças de madeira. Uma criança de olhos sérios, mordendo o lábio inferior, com as sobrancelhas levemente franzidas numa expressão que é pura concentração inocente.

“E por que o cavalo se move em L?” Ela pergunta, os dedos pairando sobre o cavalo preto. “Que animal estranho”, ri, e o som é tão leve quanto o bater das asas do bispo que ainda não ensinei a mover. Explico sobre a geometria do jogo, sobre saltos e horizontes, mas meu olhar se perde no seu rosto iluminado pela lâmpada da sala, na mecha de cabelo que escapou e agora dança perto de sua têmpora, distraíndo-me por completo. Eu, que estudo linhas e variantes há anos, descubro que meu maior desafio tático é não me perder na curva do seu sorriso.

Ela aprende como quem desvenda um mundo secreto. Cada captura é um pequeno drama “Ai, matei seu pobrezinho!”, cada xeque um sobressalto que a faz erguer os olhos arregalados para mim, buscando confirmação. E eu, tolo, deixo-a capturar minha torre com o cavalo só para ver a luz de triunfo que acende no seu olhar. Uma luz que ilumina cantos meus que eu nem sabia existirem.

A vida, penso enquanto ela estuda o tabuleiro com a língua entre os dentes, não se trata de gambitos ou finais brilhantes. Trata-se deste momento: o silêncio compartilhado, o tique-taque do relógio de parede acompanhando nosso respirar, a doçura de compartilhar algo que amo com quem amo.

“Não olhe para mim, olhe para o jogo!”, ela protesta, fingindo severidade, quando percebe que estou a admirar mais o arquiteto do que a arquitetura da posição. Mas seus olhos brilham. Sabem que são meu ponto fraco, meu rei exposto. E talvez, neste jogo infinito que é nosso casamento, ela seja minha rainha — não a peça mais poderosa do tabuleiro, mas aquela que dá sentido a todo o resto, que move com graça e força, que protege e ataca com igual amor.

O xadrez, eu lhe digo, é um jogo de paciência. “É esperar”, digo, “e construir”. Ela me olha, e nesse olhar há um entendimento que vai além do jogo. Porque é isso que temos feito, não é? Construído, lance a lance, dia a dia, esta vida que compartilhamos. Alguns movimentos foram hesitantes, outros foram ousados. Deixamos alguns peões para trás, sacrificamos torres de orgulho. Mas aqui estamos, rei e rainha no mesmo tabuleiro, aprendendo ainda.

Ela avança um peão, timidamente. “É bom?” Pego sua mão sobre o tabuleiro, entre peças brancas e pretas. “É perfeito”, respondo. E não falo do lance. Falo dela, deste momento, deste jogo que inventamos a dois, onde cada movimento, mesmo o mais desastrado, é belo, porque é feito com as mãos que escolhi para segurar pelas minhas, com a mente que escolhi para desafiar a minha, com o coração que bate em compasso com o meu.

O xeque-mate pode esperar. A vitória, descubro enquanto ela ri de um erro óbvio e pede para voltar o lance, não está em vencer a partida, está em cada segundo que o relógio conta com ela do outro lado do tabuleiro. Nos seus olhos lindos focados em aprender algo que é meu, para que seja nosso. No seu cabelo esvoaçante que me distrai da jogada, mas me lembra do jogo maior: o de amar e ser amado, em todas as jogadas da vida.

Amo esta mulher. E neste tabuleiro de 64 quadrados, encontro mais uma das infinitas razões pelas quais isso será, sempre, o meu movimento mais sábio.

Foto: Roberto Guedes



Flávio Moreira

Presidente da Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente Alice de Almeida (Fundac)

“É preciso acolher esses jovens e dar a eles uma nova chance”

Presidente da Fundac destaca as ações desenvolvidas no estado e como elas ajudam a mudar a vida dos adolescentes

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Conforme a Constituição Federal, menores de 18 anos são considerados inimputáveis. Embora possam ser responsabilizados pela prática de ato infracional, não podem ser incluídos no sistema prisional — portanto, quem recebe esses jovens é o Sistema de Atendimento Socioeducativo, incubido da tarefa de educá-los e ajudá-los a construir um novo projeto de vida, seja em liberdade assistida, provisoría, semi-internação ou restrição de liberdade, a fim de reintegrá-los à sociedade. Nesse sentido, Flávio Moreira, presidente da Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente Alice de Almeida (Fundac), órgão do Governo da Paraíba responsável por coordenar o atendimento socioeducativo, fala sobre as ações desenvolvidas no estado, e como elas ajudam a mudar a vida dos 201 adolescentes que, hoje, estão inscritos junto à fundação.

Entrevista

■ Como o senhor enxerga o sistema socioeducativo aqui na Paraíba?

Na Paraíba, o número de apreensões de adolescentes não é tão grande. Se você fizer um comparativo, levando em conta as proporções e a população de cada estado, vai perceber que existem outros territórios com mais internações do que o nosso. Quando a gestão atual assumiu, em 2022, encontramos muitos desafios que precisavam ser superados — dentre eles a estrutura técnica e física do sistema. Um concurso recente tinha acontecido, e o pessoal, nomeado no meio da pandemia, não passou pelo curso de formação. Consequentemente, entraram sem o devido preparo, então tivemos que refazer todo esse processo, para chegar onde estamos. Hoje, a Paraíba está muito bem em relação aos demais estados; tanto que muita coisa nossa tem servido de referência para outros lugares do Brasil.

■ Em junho, o senhor foi até Palmas, no Tocantins, para discutir a socioeducação como política pública prioritária com representantes de mais de 22 estados brasileiros. Quais estratégias foram implementadas, ou já estão sendo seguidas, para garantir essa priorização?

A socioeducação é invisibilizada na maior parte do tempo. Ela só fica em evidência quando acontece uma tragédia, como uma morte ou rebelião. Na teoria, a legislação diz que esse é um dever tripartite, compartilhado entre estados, municípios e Governo Federal. Mas, na prática, quem banca todo o processo socioeducacional são os estados e o Distrito Federal. Por isso, a ideia é que a gente crie, em nível nacional, um fundo que seja destinado a cofinanciar, especificamente, as necessidades da socioeducação no Brasil, através da união entre os estados. Apesar de já existir o Fundo da Criança e do Adolescente, há uma série de outras prioridades, no âmbito desse grupo, que precisa de muita atenção. Nós, gestores, criamos um grupo de coordenação de assuntos legislativos. Eu fui indicado como coordenador desse grupo pelos demais estados e, juntos, fizemos uma série de diligências no Congresso Nacional, que nos ajudam a avançar com esse projeto de obter um fundo específico.

■ O senhor ressalta com frequência a importância de preparar os agentes socioeducativos para intervir em momentos de crise. Aqui, na Paraíba, como esse trabalho é realizado para garantir a segurança do socioeducando e do servidor?

Nós criamos o Grupo de Ações Rápidas (GAR), destinado a intervir em caso de situação crítica, e a única instância que pode autorizar esse grupo a agir é a presidência da fundação. Existe uma percepção equivocada de que esses grupos servem para repressão. Na verdade, o objetivo é garantir a segurança de todos e a melhor resolução para o conflito. Ao olhar para o histórico da Paraíba, vemos que, de 2019 a 2021, houve morte de adolescentes dentro do sistema. Em 2017, foram nove mortes em uma única rebelião. Desde 2022, quando assumimos e criamos o GAR, não houve mortes, porque nos capacitamos para impedir as crises. Hoje, nosso tempo médio de resposta, do momento em que o GAR é acionado até a chegada na unidade, é de 12 minutos. Criamos os nossos agentes para negociar, para resolver a situação. Mas entendemos que esse é um trabalho muito delicado, então fazemos questão de que a formação seja rigorosa. Todos os anos, realizamos um curso de ações rápidas, e os agentes não podem responder a nenhum processo, nem civil, nem administrativo e muito menos criminal. Eles também são submetidos a inspeções físicas e psicológicas trimestrais, e só fica em atividade quem está realmente pronto para intervir nessas situações de alto estresse, sendo ponderado.

■ Além de uma rebelião, que outros casos podemos descrever como situações de crise? Existem outras estratégias, além do GAR, para contê-las?

Existem surtos psicológicos de adolescentes, brigas entre eles, que têm sido evitadas porque a nossa equipe técnica trabalha com foco na prevenção. Lidar com jovens não é fácil. Se, às vezes, é difícil conversar com os nossos filhos em casa, imagine com um adolescente que cometeu ato infracional, que está privado de liberdade, que, em 89% das vezes, vem de uma família sem estrutura e não recebeu educação, não

foi para a escola e, muitas vezes, chega para nós sem documentação ou qualquer tipo de registro de sua existência. É necessário ter muito preparo. Por isso, aqui na Paraíba, fazemos questão de trabalhar com uma equipe multidisciplinar, com psiquiatra, psicólogo clínico e social, médicos e nutricionistas. A relação da equipe com os adolescentes precisa ser trabalhada para que possa existir um vínculo de consideração e respeito.

■ Quais são as principais ações preventivas desenvolvidas aqui, no estado, para garantir o funcionamento mais pacífico do sistema?

Quando estudamos as crises, percebemos os fatores predominantes e entendemos o que fazer para acabar com eles. Garantimos atendimento médico, físico e mental, porque qualquer pessoa privada de liberdade tende a desenvolver algum problema psicológico. A nutricionista também tem um trabalho muito importante, porque comida ruim está entre as principais causas de revolta. Se você não tem comida de qualidade, seu corpo não vai ser bem nutrido e a sua insatisfação vai crescer. Também fazemos um serviço de acolhida familiar e disponibilizamos psicopedagogos, psicólogos e assistentes sociais para conversar com a família dos socioeducandos, antes e depois do contato entre eles, que é um direito. Se identificamos um problema, nossa assistente social imediatamente faz a ponte com outra, seja do Município ou do Estado, para que seja possível auxiliar aquela família. Isso passa, para o socioeducando, a garantia de que a família dele está sendo acompanhada e cuidada por nós e pelo estado, o que é importante demais. Mesmo em um sistema penitenciário, a família é sagrada, e um desrespeito a um familiar é um dos motivos que mais gera conflito.

■ Como o apoio familiar colabora com a ressocialização desses jovens?

A participação da família no processo socioeducativo é fundamental. Se o vínculo familiar for quebrado, dificilmente vamos ter sucesso na ressocialização. A socioeducação precisa trabalhar com a mudança ou com a criação de uma consciência saudável na mente dos jovens. Estamos lidando com adolescentes que, quando chegam para nós, não têm nenhuma referência íntegra. Na maior parte das vezes, o parâmetro de vida é o do crime, e o traficante é a referência de pessoa bem-sucedida, o exemplo de sucesso. O nosso trabalho é mudar essa mentalidade, mas a continuidade só é possível se o adolescente tiver vínculos seguros quando sair do sistema. Instaurar esse sistema foi um processo muito lento, que só foi possível graças ao apoio que sempre recebemos do governador João Azevêdo.

■ Em junho deste ano, o governador mencionou que tinha destinado R\$ 50 milhões voltados, justamente, para a reforma e a construção de novos cen-

tros socioeducativos. O senhor pode falar mais sobre as atividades realizadas nesses espaços e como a verba aplicada ajuda a aprimorar, cada vez mais, a socioeducação aqui no estado?

Quando a nossa gestão começou, as unidades eram muito antigas e ofereciam um risco enorme. Foi necessário reconstruir algumas delas e remontar toda a estrutura pensando nos parâmetros do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase). Também investimos em tecnologia e, hoje, todas as nossas unidades são monitoradas 24 horas por dia. Assim, quando acontece qualquer problema ou movimentação estranha, podemos ampliar a imagem e checar de perto, para entender o que está acontecendo. Além da infraestrutura, investimos em capacitação, em fardamento e em cursos e atividades para os jovens. Atualmente, estamos construindo mais duas unidades: uma que já está definida, em Patos, e outra com o terreno sendo definido, em Campina Grande. Será uma unidade de semiliberdade e uma unidade feminina.

■ Falando um pouco sobre o funcionamento do sistema, como o senhor diria que os sistemas meio aberto e meio fechado impactam a vida desses adolescentes?

Quando falo de meio aberto, me refiro a todo um sistema que precede o atendimento socioeducativo. São medidas executadas em liberdade assistida, que normalmente envolvem a prestação de serviços à comunidade. Mas, como o controle é feito pelos municípios, a rede nem sempre consegue acompanhar, e às vezes esse jovem acaba vindo para o meio fechado, que é responsabilidade do Estado. É tudo sobre oferecer a eles um novo plano de vida, então tudo o que esses jovens não tinham antes, queremos garantir que eles conheçam aqui. Escola em tempo integral, cursos profissionalizantes, acompanhamento médico, odontológico e psicológico. Temos todo um sistema funcionando para ajudar. Muitas vezes, eles nem tinham o que comer e, aqui, fazem seis refeições. Temos cursos de gesso, pintor, auxiliar de panificação, mecânico, auxiliar administrativo, barbeiro, confeitiro... tudo pensado para que, fora do sistema, o jovem tenha uma forma de gerar renda. Então o meio fechado funciona criando consciência crítica, e o meio aberto precisa ser o complemento. O objetivo da socioeducação é a paz social, por meio da mudança de consciência desses adolescentes.

■ Em novembro, a Fundac realizou a terceira edição do Festival de Arte, Cultura, Educação e Diversidade da Socioeducação. Qual é a importância de estimular esses jovens a participar de atividades desse tipo?

É impressionante como a arte e a cultura conseguem mudar o comportamento do ser humano, ser libertadores em todos os sentidos. Quando estimulamos essas atividades, vemos a revelação de talentos. Temos adolescentes que fazem

poesia, que compõem músicas, que atuam. Recentemente, fizemos um termo de cooperação técnica com o Conselho Nacional de Justiça, para trazer o cinema para esses jovens. Então pode ser que a gente tenha, também, adolescentes participando de produções audiovisuais e que, de fato, virem atores. Esse acesso à arte é necessário para que eles se sintam cidadãos de pleno direito. Tudo isso, junto com esporte, cultura e lazer, é muito importante para fomentar e descobrir talentos, mostrar que há um mundo diferente daqueles em que eles viviam.

■ E qual a importância da sociedade, como um todo, na ressocialização desses jovens?

Infelizmente, ainda há um estigma muito grande em cima desses adolescentes, de que eles são casos perdidos. Mas é preciso acolher esses jovens e dar a eles uma nova chance. Conseguimos avançar muito com o apoio de empresas, do Tribunal Regional do Trabalho e do Ministério Público do Trabalho, para garantir que esses adolescentes tenham oportunidades quando saírem do sistema, porque não adianta mudar a mentalidade de uma pessoa, só para deixar que ela saia para um mundo em que todas as portas estão fechadas. A sociedade precisa participar e crer que aquele adolescente vai se comportar diferente, porque, se ele sai da instituição, não consegue emprego, é excluído e visto com maus olhos pela sociedade, ele, invariavelmente, só vai ter um caminho, que é voltar para o crime. É claro que existem adolescentes que, a gente vê, não têm vontade de mudar e não demonstram remorso, mas nós identificamos esses casos com a psiquiatria e fazemos os encaminhamentos devidos. Por isso, a mudança de pensamento da sociedade também é importante. Hoje, temos ex-socioeducandos que estão no Exército, que são gerentes de empresas, que têm padarias, que são empreendedores.

■ Há algum fator que, na opinião do senhor, faz a diferença no sistema socioeducacional da Paraíba?

É o apoio que oferecemos aos servidores, cuidando da mente, do físico, do preparo deles. E, também, todas as ações que desenvolvemos pensando nos socioeducandos, como os festivais de talento e jogos internos. Temos também o Programa Nascidos da Fundac, focado em garantir documentos básicos e de cidadania aos jovens, que muitas vezes chegam aqui sem, sequer, um registro de nascimento. Aqui, realmente trabalhamos para que eles tenham perspectivas de vida que não envolvam o crime ou qualquer ato infracional. Oferecemos coisas e ocupamos a cabeça desses jovens com atividades que fazem bem para eles, apresentam uma realidade diferente da que eles conheciam. É um processo de aperfeiçoamento contínuo, mas eu acredito que a Paraíba vai ser, daqui a um tempo, o estado mais desenvolvido na socioeducação do Brasil.

PRIMEIROS PASSOS

Quando é hora de ir para a escola

Pais buscam instituições acolhedoras, proposta pedagógica alinhada à rotina familiar e profissionais preparados

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

Para as crianças, ingressar no universo escolar significa descobrir um mundo novo. Acostumadas à convivência familiar, ao contato diário com pessoas próximas e a ambientes que lhes transmitam segurança, elas, ao tornarem-se estudantes, aventuram-se em novas experiências. O momento traz desafios emocionais para os pequenos, mas também para os pais. O tão esperado primeiro dia de aula costuma ser marcado por choro, desconforto e dificuldade de se adaptar à nova rotina. Todavia, para minimizar tudo isso, é essencial um alinhamento entre a escola e a família, que devem conduzir esse processo com acolhimento e diálogo.

A jornalista Jude Alves, mãe de Maria Helena, que completa dois anos em abril de 2026, está vivendo essa fase. Para poder voltar ao mercado de trabalho com a tranquilidade de saber que sua filha está segura e sendo bem cuidada, ela diz que a família começou a buscar instituições para matriculá-la. “Achei mais confortável matriculá-la na escola do que

Adaptação
Um dos aspectos mais importantes e que deve ser levado em conta, em se tratando do início da inserção na vida escolar, diz respeito ao cuidado relacionado ao acolhimento da criança



Foto: Jade Alves/Arquivo Pessoal

A pequena Maria Helena socializa com outras crianças durante as aulas de musicalização

contratar ou terceirizar um serviço de babá. No ambiente escolar temos, além do monitoramento, a parte pedagógica e educacional. Uma funcionária, por exemplo, não terá essa capacitação. O principal fator, no entanto, aquele que consideramos o mais importante, é a interação com outras crianças”, explica.

Para escolher o local que julgavam mais adequado e também que encaixasse nas suas possibilidades financeiras, Jude, junto com o marido e a filha, visitaram várias instituições. “Quanto ao ambiente, a gente achava importante um lugar com espaço, com verde. Fomos em uma

[escola] com salas muito pequenas, só paredes com ar condicionado, e vimos outra com espaço de horta, parquinho de areia. Essas características foram conquistando meu coração em relação à questão de estrutura”, comenta. Além do espaço físico, o viés pedagógico também marcou esse processo de escolha: “Eu já estímulo a leitura, desde cedo ela tem livrinhos e pelos desenhos já conhece seus preferidos. Esse é outro ponto que eu sempre perguntava nas escolas que visitei. As que não tinham praticavam esse tipo de metodologia eu já ia descartando, porque eu preciso de uma

escola que, também, dê continuidade ao que eu trabalho com ela em casa”, destaca.

Outros aspectos que ela levou em conta foram os voltados para a musicalização da criança e a realização de eventos para marcar datas comemorativas, como Dia das Mães, Dia dos Pais, São João e outras. “Os pais acham isso a coisa mais linda, eu já estou ansiosa para esses momentos”, afirma.

Para ter uma ideia de como a filha iria adaptar-se num ambiente escolar, Jude a matriculou em aulas de musicalização, que aconteciam uma vez por semana. Foi como uma experiência

pré-escolar, antes mesmo de Maria Helena iniciar essa rotina no ano que vem, em uma escola propriamente dita. “Queria ver como seria o desenrolar dela, a interação com outras crianças, e também para ela aprender sobre disciplina. Porque em casa é uma coisa, mas ali ela teria que entender que precisava obedecer a outra pessoa”, pontua a mãe, ressaltando que as aulas aconteciam sempre com a companhia de pelo menos um dos pais.

“Foi muito interessante a experiência, hoje ela já fica confortável na salinha das aulas de musicalização, se eu precisar me ausentar por um tempo, ela já se sente segura”, relata.

Outro aspecto decisivo nessa escolha foi o fato das escolas terem ou não um processo de adaptação para que a inserção da criança não aconteça de maneira brusca. “A gente não chega, nos primeiros dias na escola e simplesmente deixa a criança. Tem que ser uma coisa gradual, para ela ir se familiarizando. Então, nas primeiras se-

manas ficamos lá um tempo, junto com ela, depois vamos embora. A escola tem que estar ali para acolher, para que a criança entenda o espaço como seguro”, aponta.

Jude e o marido estão finalizando a escolha do espaço educacional no qual irão matricular sua filha. A jornalista, em meio a esse momento, destaca que tal processo não é simples e exige responsabilidade. “É necessário que tudo seja feito com tranquilidade, amor, carinho e muita conversa também. Explicar para a criança que: ‘mamãe tá indo, mas já volta’, e ir fazendo essa adaptação com calma”, conclui.

■
A escolha cuidadosa e tranquila está sendo feita para que a mãe tenha a segurança de saber que sua filha está em boas mãos



Foto: Arquivo Pessoal

Jude e seu esposo procuram, com calma, uma opção de escola

Especialista recomenda vivência prévia para as crianças

Para os pais que estão vivenciando essa etapa, sobretudo nos casos em que o filho precisa ingressar na escola antes dos cinco anos, a psicopedagoga e gestora escolar, Jaciara Dantas, destaca que é essencial que a família avalie se o pequeno está pronto para essa inserção.

“O acompanhamento da criança é feito por um pediatra, e com isso é possível saber se o desenvolvimento está dentro do esperado para a idade. Se ela já tem algumas habilidades, por exemplo, de comunicação, e não estou me referindo a fala, mas se consegue escutar, se atende pelo nome, segue instruções, já faz alguns pedidos, então pode estar pronta para este novo ambiente social que é a escola”, destaca.

Nesses casos, a psicopedagoga orienta que, ao escolher a melhor instituição para o início da vida escolar dos filhos, os pais priorizem ambientes com número reduzido de alunos por sala.

Isso permite que professores e auxiliares ofereçam mais atenção a cada criança, investindo em estímulos fundamentais para essa fase do desenvolvimento, esclarece Jaciara.

“Às vezes, as pessoas pensam que a Educação Infantil ou a creche é só para brincar, mas esse brincar ensina muitas habilidades”, pontua. A especialista acrescenta que também é importante buscar um local com ambiente agradável — como fez Jude, que deu preferência a escolas com espaços verdes, parquinhos e outras possibilidades de estímulos sensoriais para a filha.

“Além disso, os pais devem buscar locais com profissionais preparados e com viés humanizado. Conversar com os responsáveis pedagógica e administrativa-mente pela escola, para que a instituição saiba o perfil dessa criança, quais as habilidades que ela já tem, o que sabe fazer, o que tem difi-

culdade. Deve-se preencher a escola de informações sobre o filho”, instrui a psicopedagoga.

Vivência

Jaciara explica que, para facilitar a adaptação da criança ao novo ambiente escolar, é necessário que os pais realizem uma vivência prévia. Ela afirma que é importante oferecer à criança previsibilidade do espaço, permitindo que ela passe pelo menos uma semana frequentando o local junto com os pais, que devem permanecer com ela por um tempo e depois se afastar. Durante esse período de experiência, os responsáveis também podem observar a rotina da escola e a postura dos professores, avaliando se a escolha corresponde ao que esperavam ou se algum ajuste é necessário.

A psicopedagoga destaca uma situação comum: quando os pais chegam ao parquinho da escola, veem



Foto: Arquivo Pessoal

“As pessoas pensam que a Educação Infantil é só para brincar, mas esse brincar ensina muitas habilidades

Jaciara Dantas

várias crianças brincando e pedem ao filho para ir até lá, mas ele não vai por estar

diante de pessoas desconhecidas em um ambiente novo. Segundo ela, a atitude correta é que os pais convidem a criança para ir ao parquinho e a acompanhem, aproximando-a gradualmente das outras crianças e dos adultos. Apenas pedir não é suficiente; é preciso que os pais estejam juntos nesse processo.

Ela orienta ainda que, já durante essa vivência, as crianças devem ser incentivadas a explorar os ambientes e a interagir sozinhas o máximo possível, enquanto os pais retiram sua presença de forma gradual. Jaciara observa que, nos primeiros dias, é comum que as crianças chorem e estranhem o novo ambiente, e que a família deve estar disponível para ajudar nessa adaptação, mas sem transmitir a ideia de que, caso chorem, poderão voltar para casa.

“Eu costumo dizer que essa semana é mais difícil para os pais e não para as

crianças, porque elas comunicam muito bem o que querem e o que não querem, com choro, com grito”, comenta a especialista. Ela explica que a criança, ao chorar, precisa ser acolhida, mas que é essencial também que os pais sigam a rotina, não levem a criança mais cedo para casa, por exemplo, e que busquem sair da sala, ficar no corredor, ausentar-se da presença do filho, deixando-o aos cuidados dos profissionais e ir fazendo essa transferência aos poucos.

“Não é normal a criança chorar incessantemente a tarde inteira sem ser acolhida. Esse acolhimento e essa adaptação são importantes. É o que citei sobre buscar locais com profissionais capacitados, ambiente humanizado. Caso não aconteça, as consequências podem gerar sensação de abandono, aversão a escola e recusa de estar em qualquer ambiente no qual precise socializar-se”, conclui a psicopedagoga.

PARTEIRAS POTIGUARAS

Força ancestral que gera novas vidas

Documentário revela a prática centenária das mulheres que guardam e transmitem seus conhecimentos tradicionais

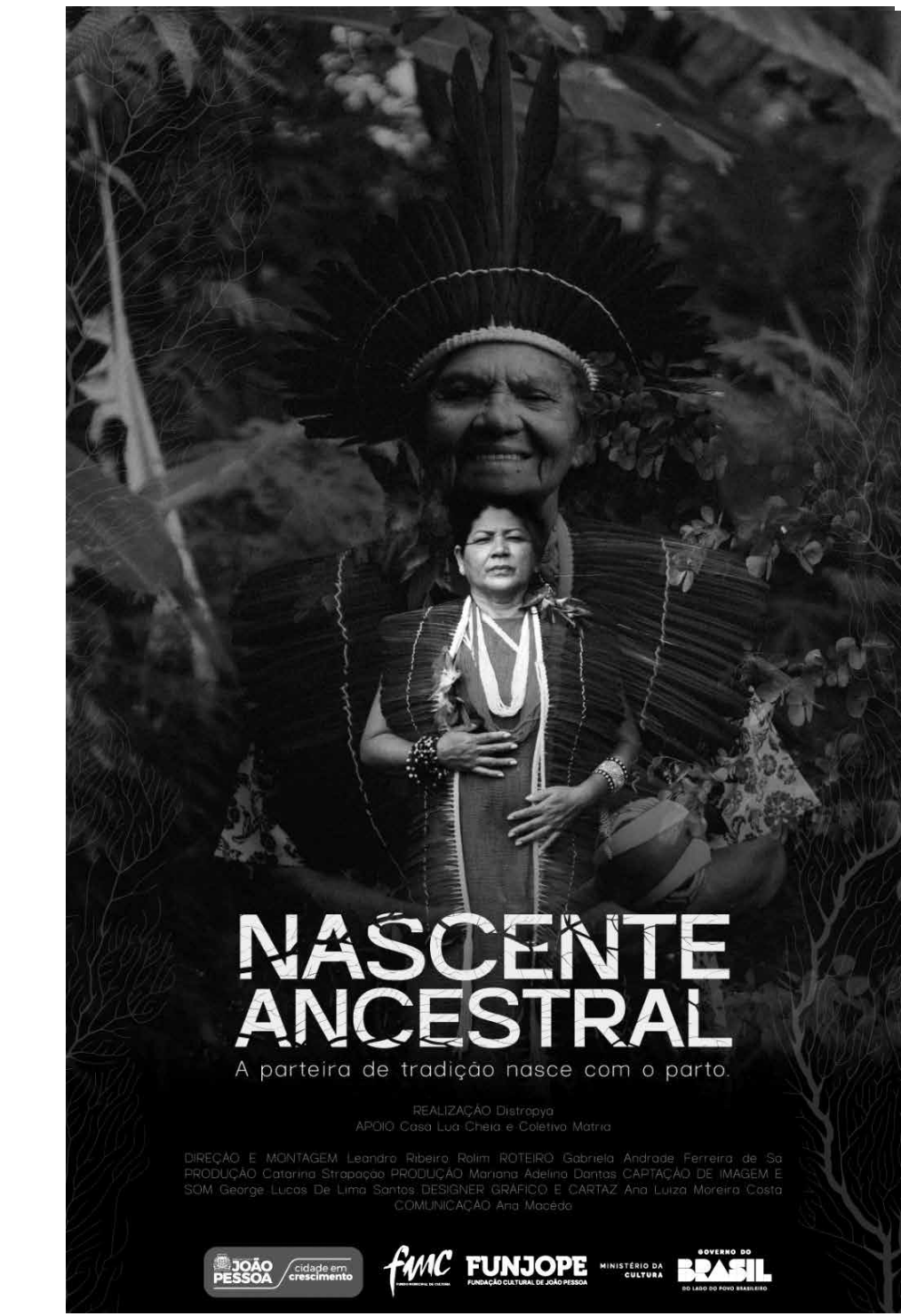
Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Existe uma forma de nascer, em terras brasileiras, que caracteriza a expressão inaugural da vida que preserva, no instante do parto, o percurso de uma ancestralidade secular. Nesse momento, a criança recém-nascida ilumina-se pela tradição cultural ao ser amparada por mãos negras e indígenas. Esse elo germina uma irmandade entre muitas mulheres que partejam umas às outras, vivência tema de um documentário paraibano que conta como essa história é construída por muitas vozes, etnias e religiões.

“Nascente Ancestral”, dirigido por Leandro Rolim, é um média-metragem de 26 minutos que está, desde o último dia 21, disponível no YouTube. O roteiro do documentário segue um formato guiado pelas falas de parteiras em Baía da Traição, João Pessoa e Conde, na Paraíba. Mas as figuras centrais da narrativa são Cida Potiguara e Tia Nanci.

Iraci, ou Tia Nanci, é uma indígena de 81 anos e foi a parteira que primeiro seguiu Cida Potiguara em suas mãos. Aos 55 anos, Cida tem em sua mestra e guia a fonte dos ensinamentos do partear, há mais de quatro décadas.

Desde os 14 anos, Cida Potiguara acompanhava Tia Nanci, a pé ou a cavalo, entre as várias comunidades aldeadas “para pegar menino”, como referem-se ao parto. “Eu seguia Tia Nanci des-



Tia Nanci e Cida estampam, cheias de força, a imagem principal de divulgação do filme

de menina, porque era ela quem sabia tudo do nosso povo, das plantas, das águas, dos sinais do céu e das dores

das mulheres”, lembra Cida. “Quando ela saía para ajudar alguma gestante, a gente ia junto, eu e minhas pri-

mas. Eu gostava de ouvir ela explicando por que aquela planta era boa para febre, por que aquele banho acalmava a

mãe, por que a reza tinha que ser dita baixinho”.

Foi assim que a criança foi aprendendo. Primeiro, apenas olhava. Via como a mestra agia. “Até que, um dia, aos 16 anos, a parteira que estava comigo saiu para ir pegar uma coisa em casa e o menino veio logo. Eu peguei a criança sozinha. Tia Nanci não estava porque fazia tratamento do câncer. Naquele momento eu senti que tudo que ela tinha me ensinado estava nas minhas mãos. E desde então, nunca mais deixei de partear”.

Estima-se que existam, no Brasil, cerca de 60 mil parteiras, das quais 45 mil vivem no Norte-Nordeste, segundo dados da Rede Nacional de Parteiras Tradicionais. Em maio de 2024, a Parteira Tradicional foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O ofício foi inscrito no Livro de Registro dos Saberes, reconhecendo o conhecimento e as práticas dessas mulheres, mas que estão entrando cada vez mais em desuso devido a vários fatores.

Hierarquização de saberes

Com a ampliação do sistema público de saúde, a prática ancestral diminuiu consideravelmente, o que resultou na diminuição das oportunidades de aprendizado. Outro fator para redução na quantidade de partos tradicionais diz respeito ao que especialistas chamam de “hierarquiza-

ção de saberes”, com a predominância da biomedicina em detrimento do conhecimento ancestral.

Esse embate foi um dos motivos que levou a produtora-executiva de “Nascente Ancestral”, Catarina Strapação, a elaborar o projeto aprovado pelo edital da Funjope. Quando engravidou da primeira filha, há quatro anos, ela buscou alternativas ao modelo hospitalar. “Eu tinha muito medo de passar por uma violência obstétrica. Comecei a frequentar as rodas de gestantes, conheci doulas e conheci o conceito de parteira tradicional”, diz.

Ela conta que foi o contato com esse universo que a fez entender a diferença entre a parteira médica e a parteira de tradição. A parteira médica, ou Enfermeira Obstétrica — como também se chama —, é uma profissional de Enfermagem com especialização em Obstetrícia. Sua atuação é focada no parto normal fisiológico, de baixo risco, utilizando técnicas de humanização.

Cida Potiguara explica que só aceita acompanhar gestações em casa quando há um pré-natal adequado e a saúde da mulher está dentro dos parâmetros considerados seguros para o parto fisiológico. “Quando a gente observa que a mulher fez o seu pré-natal todo direitinho, o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento do feto e não tem nenhuma doença, por exemplo diabetes, hipertensão, a gente fica com ela em casa”, detalha.

Cotidiano conduziu o olhar da equipe durante as gravações

Na segunda gestação de Catarina, o envolvimento dela com o tema aprofundou-se, especialmente ao conhecer a Casa Lua Cheia, coletivo de parteiras e doulas de João Pessoa. A partir disso nasceu a ideia do filme, que contou com a participação da roteirista Gabriela Andrade e do diretor Leandro Rolim, seu marido. “Ele participou dos partos das nossas filhas e está envolvido no processo de construção também”, diz Catarina, que vê no documentário uma forma de registrar e fortalecer essas histórias antes que parte dessa memória se perca.

Para lutar pelo mesmo propósito, Cida Potiguara venceu seu receio com as câmeras. As gravações aconteceram durante a última edição do Encontro das Parteiras Tradicionais Potiguara, realizado no território onde ela vive, na Aldeia Forte, em Baía da Traição. A equipe permaneceu no local por alguns dias, acompanhando rodas de conversa, rituais e oficinas realizadas entre as parteiras.

A parteria tradicional tem centralidade na fé em um contexto de recursos limitados. “Eu acredito que muitas pessoas ainda não entendem que é necessário confiar em Deus mesmo, na fé, porque na aldeia, no momento do parto, a gente não tem recursos que, por exemplo, um hospital tem”, pontua. É essa confiança, aliada ao conhecimento secular, que guia suas mãos quando os desafios surgem.

“Quando a mulher está com dificuldade para o bebê nascer, a gente reza”. Essa prática não substitui o cuidado, mas soma-se a ele, representando a profundidade de um ofício que enxerga o parto muito além de um evento médico.

É preciso, para chegar a esse ponto, antes de tudo, preparar o ambiente e a mãe. “Nós temos o ritual do cântico que nossos ancestrais deixaram”, explica. Um dos cantos que mais a emociona e fortalece invoca a “Mãe de Deus”, uma herança da mistura entre as religiões dos povos originários e a do colonizador. “A minha avó, por exemplo, era muito católica, mas nunca deixou os seus rituais, de acreditar nas visões que tinha e na adoração aos santos”, relata Cida.

A preparação do ambiente é meticulosa. “Fazemos o nosso ritual com o fogo, com a água, com o defumador”. Para o defumador, são utilizadas folhas secas de espinafre-de-cigano e erva-cidreira, que produzem uma fumaça aromática. “Isso aí é para espantar os maus espíritos, forças negativas, e receber também os nossos encantados”, detalha. Esses “encantados” são entendidos como a força do bem, manifestada na natureza, no ar puro e no canto dos pássaros, além da força espiritual das antepassadas. “É a força espiritual das nossas avós, das nossas tias que já foram, das mulheres guerreiras que continuam nos fortalecendo”.

Outro pilar é o ritual do

Toré. “São danças circulares, onde a gente usa o tambor, o toque do tambor, o toque da gaita também”. Cida descreve que essas músicas antigas provocam um profundo impacto nas mulheres. “Quando a gente começa no ritual, a gente sente principalmente as mulheres, as mulheres se tornam mais fortes, mais felizes, dá esse sentimento de felicidade, de luta, de preservar o nosso território, as nossas matas, as nossas nascentes”.

Cida herdou da avó, que era parteira e benzedeira, a prática de rezar em silêncio durante as dores do parto. Para o alívio físico, são usadas massagens com “mesquinhas”, um termo local para plantas amassadas. “Para aliviar as dores nas costas da mulher, no quadril, nas pernas, que quando chega no momento da mulher parir, ela começa a sentir fraqueza nas pernas”.

Esses saberes são preservados e repassados coletivamente. Cida conta que hoje existe uma associação de parteiras na Aldeia Forte, composta por 16 mulheres e suas aprendizes. “Onde a gente se reúne para a gente fazer os nossos rituais, as plantas medicinais, fazer xaropes, lambedores, cultivar nossas plantas, a arueira, a colônia, o capim-santo, a erva-cidreira”.

Esse é um rito que Cida Potiguara estima já ter repetido no parto de 300 crianças. Esse trabalho estende-se principalmente pelas aldeias da região,

com destaque para a Aldeia Brejinho, a Aldeia Santa Rita, a Aldeia Alto do Tambá, Laranjeiras. O elo de confiança, no entanto, transcende as comunidades indígenas. “Vem gente de fora, de cidades mesmo, de mulheres brancas que querem fazer parto natural, sempre estão nos procurando”, relata a parteira.

Catarina Strapação foi uma dessas mulheres. “O meu segundo parto foi muito longo, e houve um momento que a gente parou para descansar. Todo mundo parou, e eu dormi e a parteira também. Ao despertar, a parteira de Catarina compartilhou uma visão. “Quando ela acordou ela olhou para mim e falou assim: ‘eu sonhei com uma menina vindo na minha direção’”. A família havia optado por não saber o sexo do bebê. “Depois disso, o parto foi bem rápido.

A minha filha nasceu, e nasceu uma menina”. Para Catarina, aquele foi um momento de profunda força e conexão, uma marca do saber tradicional que o documentário busca registrar.

O ofício secular das parteiras tradicionalmente se mantém em uma fronteira delicada, onde o conhecimento ancestral e a biomedicina, por vezes, encontram-se em um embate silencioso. Cida Potiguara, que também é formada em Enfermagem, vivencia esse conflito na prática. Ela percebe o preconceito que existe, especialmente no ambiente acadêmico, onde seu duplo saber era constantemente confrontado.

“As minhas professoras sempre me questionavam: ‘Cida, e como é que fica o seu trabalho como parteira agora? Você é agora enfermeira’”.



Imagens foram coletadas no último Encontro das Parteiras Tradicionais Potiguara

ACIDENTES LABORAIS

Processos crescem 20% no estado

De 386 casos relacionados ao tema, em 2023, número subiu para 463, em 2024; tendência continua neste ano

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

O Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba (TRT-13) registrou um aumento de 20% no número de novos processos judiciais por acidentes de trabalho no estado: de 386 ações formalizadas em 2023, o índice aumentou para 463, no ano passado. A tendência de crescimento continua: só em 2025, até o mês de novembro, o TRT-13 já soma 543 causas protocoladas.

Ao todo, de 2021 a 2025, o órgão judiciário recebeu 2.172 ações nas quais houve cadastro de pelo menos um agravante referente a acidentes de trabalho, conforme classificação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Os setores mais afetados por número de processos são o comércio varejista-



Foto: Divulgação/ TRT-13

Está havendo um aumento elevado do adoecimento mental dos trabalhadores, que é tipificado como acidente de trabalho

Wolney Cordeiro



Ilustração: Bruno Chiossi

Entre os setores com o maior índice de ações protocoladas junto ao TRT-13, estão o comércio varejista e a indústria de construção civil, ambos com 223 ocorrências

ta (223 casos); a indústria de construção civil e mobiliária (223); serviços (207); indústria de artefatos de couro, plástico e borracha (162); estabelecimentos bancários (134) e telecomunicações (105).

As principais ocorrências estão situadas nos grandes núcleos econômicos do estado, nas cidades de João Pessoa e Campina Grande. Mesmo assim, apesar da quantidade de causas que chegam à Justiça do Trabalho, boa parte dos episódios ainda são subnotificados, como observa o desembargador Wolney de Macedo Cordeiro, do TRT-13. Especificar situações de acidentes laborais não é uma tarefa fácil, segundo ele.

“Quando a gente pensa

em acidente de trabalho, normalmente imagina-se casos da construção civil, em que o trabalhador cai de andaimes ou se fere com o uso de instrumentos. Mas o conceito legal é muito mais amplo. Ele envolve não só esses acidentes, chamados típicos, como também os que são relacionados a doenças do trabalho e profissionais. E tem subido exponencialmente o número de ações relacionadas a essas doenças. Está havendo um aumento elevado do adoecimento mental dos trabalhadores, que é tipificado como acidente de trabalho”, revela o desembargador.

Uma das causas para isso, na visão do jurista, é a inobservância das normas de se-

gurança do trabalhador, por parte dos dirigentes. “Nós vivemos em um ambiente de muita concorrência, de muita competição, de muita exigência. Esse espaço — às vezes, tóxico — de trabalho, com cobrança por metas, tem potencializado esse tipo de acidente. Do ponto de vista dos acidentes típicos, alguns empregadores, não todos, não respeitam as condições mínimas de proteção à segurança no trabalho”, aponta.

Reflexo

Em todo o Brasil, 82% dos acidentes laborais têm relação direta com condições de trabalho. Os dados são da Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e

Contexto

Segundo pesquisa divulgada pela Fundacentro, 82% dos episódios do tipo, no Brasil, têm relação direta com as condições laborais das vítimas

Medicina do Trabalho (Fundacentro), instituição de pesquisa em Segurança e Saúde no Trabalho vinculada

ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Até junho deste ano, o projeto Caminhos do Trabalho, coordenado pela Fundacentro, atendeu 1.039 pessoas, das quais 93,6% afirmaram ter sofrido acidentes de trabalho.

Foram observadas ocorrências de movimentos repetitivos (77,7%), uso de medicação (71,6%), exigência excessiva (64%), ritmo acelerado (58,4%), tristeza (52,3%) e assédio no local de trabalho (38,6%). Sintomas de adoecimento psíquico e agravo osteomuscular foram identificados em 46% dos atendimentos. Em mais da metade dos relatos (52%), o trabalho foi apontado como penoso.

Foco de campanha, entregadores mobilizam-se por apoio mútuo

Com o intuito de promover melhores condições de trabalho e prevenir acidentes laborais, o TRT-13 desenvolve o programa Trabalho Seguro, encabeçado pelo desembargador Wolney de Macedo Cordeiro. O objetivo da iniciativa é conscientizar a sociedade a respeito de questões relacionadas à segurança do trabalho. Neste ano, o projeto lançou a campanha Para Além do Capacete, que pretende reduzir o índice de acidentes e de óbitos de motociclistas que trabalham como entregadores por aplicativo.

Para o desembargador, a categoria enfrenta o maior problema social relacionado ao trabalho nos dias de hoje. “O valor das corridas é muito pequeno e faz com que o motociclista tenha que trabalhar mais, porque as remunerações não são adequadas. Por isso, há um alto nível de informalidade. Os equipamentos, que são deles, depreciam-se, e não há recurso para trocar pneu ou fazer manutenção de freio, então, os acidentes acabam multiplicando-se. Quando você tem esse ambiente quase insano de trabalho, isso afeta outros motoristas, que, por outro lado, também não têm a dimensão do dia a dia dos motoci-



Foto: Leonardo Ariel

Como uma categoria sem vínculos empregatícios, os motociclistas por aplicativo não possuem direitos trabalhistas; na capital, mulheres que atuam na área mantêm uma associação

clistas. É uma mistura explosiva”, declara Wolney.

Por ser uma categoria sem vínculos empregatícios, os motociclistas por aplicativo não possuem direitos trabalhistas: não recebem férias ou 13º salário e não contribuem com o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). E as mulheres entregadoras, além de lidar com a precariza-

ção das condições de trabalho, ainda são expostas a situações de violência de gênero no trânsito, como ressalta a presidente da Associação de Motogirls e Entregadoras da Paraíba (Amen-PB), Mirian de Araújo Confessor.

Em um dos episódios que ela presenciou, uma profissional associada da entidade foi agredida por um homem

embriagado que havia ultrapassado o sinal vermelho. A vítima ficou lesionada por quatro dias. Já em outra ocasião, uma entregadora permaneceu quatro meses acamada porque um jovem avançou em um cruzamento e chocou seu veículo contra a motogirl.

“Hoje, a mulherada enfrenta um problema gigantesco. No trânsito, os homens



Foto: Mirian de Araújo/Arquivo pessoal

Programa visa conscientizar a sociedade sobre a importância da segurança na atividade profissional

são mais agressivos quando veem que são mulheres pilotando. A gente não consegue tomar água e tem medo, porque não dá para parar e não tem banheiro. Estamos sujeitas a ter câncer de pele, por conta do acesso ao sol pesado o dia todo, além do peso excessivo da carga. O trabalhador não tem direito de adoecer ou se acidentar, porque ele não vai ter nenhum tipo de apoio, a não ser dos próprios colegas, com vaquinhas *on-line* e algumas pessoas que se juntam para fazer cestas básicas”, pontua.

A Amen-PB surgiu em 2023, como uma rede de apoio e de capacitação a mulheres que trabalham por aplicativo, em João Pessoa, e já realizou aulas de primeiros socorros, campanhas de tatuagens funcionais — que sinalizam o tipo sanguíneo, alergias ou comorbidades para ajudar em casos de urgência médica — e ações de distribuição de capas de chuva e garrafas d’água a motociclistas. Agora, com o apoio de um edital, a entidade abrirá uma escola solidária para incluir entregadoras no mercado de oficinas mecânicas. “A gente não quer que as mulheres perpetuem-se em cima dessas motocicletas, porque elas estão adoecendo

diariamente. Além desse amparo, a associação tenta capacitá-las para ingressar em outro ramo de trabalho, já que neste, no momento, a gente não tem nada”, conta a presidente da instituição.

Para denunciar

Condições laborais precárias ou irregularidades com relação à garantia da segurança no ambiente de trabalho podem ser denunciadas. O Ministério Público do Trabalho na Paraíba (MPT-PB) atende tanto de maneira presencial quanto pela internet, por meio do endereço *on-line* <https://peticionamento.prt13.mpt.mp.br/denuncia>. Em João Pessoa, a sede do MPT-PB está localizada na Rua Almirante Barroso, nº 234, no Centro, e fica aberta ao público das 8h30 às 15h30.

Já o Ministério do Trabalho e Emprego disponibiliza a central Alô Trabalho (Disque 158) para ligações gratuitas, das segundas-feiras aos sábados, das 7h às 22h. Há ainda o canal oficial de denúncias trabalhistas do MTE, no *site* <https://denuncia.sit.trabalho.gov.br>.

Outro caminho possível é o contato com o sindicato da categoria a que o trabalhador pertence.

RAÍZES DO BREJO

Duas Estradas recebe Alceu Valença

Com o cantor pernambucano entre suas atrações, cidade espera reunir 20 mil pessoas em etapa local do festival

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Com uma atração de destaque nacional na programação, o município de Duas Estradas sediará a penúltima etapa da Rota Cultural Raízes do Brejo, que acontece de 19 a 21 de dezembro. O evento é uma iniciativa do Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (FRTSB-PB), com o apoio do Governo do Estado. Entre os principais atrativos da agenda na cidade, o cantor e compositor pernambucano Alceu Valença animará a noite de sábado (20), trazendo sucessos como “Morena Tropicana” e “La Belle de Jour”.

A secretária de Cultura e Turismo de Duas Estradas, Flávia Rocha, comentou a expectativa de público para os três dias de festival no município, situado a cerca de 100 km de João Pessoa. “Temos a vantagem de estarmos localizados muito próximo da capital paraibana, em torno de uma hora de viagem. Além disso, estamos pertinho também do Rio Grande Norte. Juntando tudo isso com o convidado especial da programação, Alceu Valença, acredito que vamos alcançar umas 20 mil pessoas”, projetou.

De acordo com Flávia, Duas Estradas abraçou o Raízes do Brejo de modo que toda a população aguarda ansiosa pela passagem do circuito itinerante. “O evento tornou-se uma das nossas maiores festas. O pessoal espera muito por isso, porque é uma festividade muito cultural. A gente sempre faz uma apresentação contando a história da cidade, e essa *performance* é feita por pessoas do próprio município”, destacou. A representante do Executivo municipal ainda frisou que a participação efetiva da população aproxima os duas-estradenses da agenda cultural da rota. “A primeira coisa que a gente faz é exatamente trazer o povo da cidade, para que vejam seus filhos, filhas, sobrinhos, sobrinhas participando. A gente vem trabalhando isso ao longo desses últimos oito anos, fazendo com que as pessoas sintam-se parte do evento”, relatou Flávia.

Além de contar com o engajamento dos habitantes locais, a Prefeitura de Duas Estradas organizou a coordenação do festival de maneira intersetorial, abarcando todas as secretarias municipais. Conforme a secretária de Cultura e Turismo, foram realizadas reuniões periódicas para a preparação do evento, tendo a segurança como um dos temas em destaque. “Se já tínhamos cuidado com a segurança, ele vai triplicar, quadruplicar. Temos também duas vantagens: a festa acontecerá em uma praça em cujo início está instalado um pelotão da Polícia Militar; e a região do Centro Histórico, onde ocorre a maioria dos nossos eventos, é toda monitorada por vídeo. Há câmeras na cidade inteira”, salientou.

Para a prefeita Myllena Nayara Nunes, ter o município integrando, mais uma vez, ao Raízes do Brejo é uma “felicidade imensa”, ainda mais com uma programa-

ção “preparada com muito carinho para a população de Duas Estradas e os turistas”. Flávia lembrou que a cidade transformou-se após passar a fazer parte da iniciativa. “Quando a gente entrou na rota, em 2017, a gestão municipal da época fez a promessa de que, em todas as edições do Raízes, entregaria ou um novo equipamento turístico ou a reforma de algum que já existia, sempre pensando na melhora da estrutura local”, declarou a secretária.

Itinerância

A rota cultural teve início em outubro, na cidade de Lagoa de Dentro, e estende-se até o fim deste mês. Ao todo, o circuito itinerante engloba 10 municípios, já tendo passado por Alagoinha, Serra da Raiz, Dona Inês, Juarez Távora e Guarabira. Depois de Pirpirituba, a parada deste fim de semana, o festival segue para Belém (de 12 a 14 dezembro), antes de chegar a Duas Estradas. O destino final do evento é Pilõezinhos (de 26 a 28 de dezembro).



Foto: Leo Aversa/Divulgação



Foto: Raneeses Henrique/Colaboração

Conhecido por sua preservada estação ferroviária, município sedia show do compositor de “La Belle de Jour”, no próximo dia 20

Programação integra artes, culinária e esporte



Foto: Arquivo pessoal

“

O evento tornou-se uma das nossas maiores festas. A gente sempre faz uma apresentação sobre a história da cidade

Flávia Rocha

A abertura oficial do Raízes do Brejo em Duas Estradas acontecerá na sexta-feira (19), às 19h30, na Praça Roberto Carlos Nunes — nomeada em homenagem a um ex-prefeito do município, falecido em 2021 —, e contará com a apresentação do musical “Estradas de An-

tônio Silvino”, além da entrega da Comenda Antônio Costa, que presta tributo, todos os anos, a uma figura ilustre da cidade. Logo após a inauguração da rota, às 21h30, a animação ficará por conta da banda local Som da Nossa Terra.

Antes da solenidade de lançamento da programação, às 19h, haverá uma *performance* do projeto Nota Solidária, com a banda que também leva o nome do gestor duas-estradense. A iniciativa social, promovida pela parceria entre a Prefeitura e a Polícia Militar da Paraíba (PMPB), visa oferecer oportunidades de desenvolvimento, por meio da educação musical, para crianças e adolescentes ma-

triculados nas escolas municipais. Às 19h15, será a vez da exibição do documentário “Retratos da Nossa Gente”, de Agnaldo Cordeiro.

Tanto na sexta-feira (19) como no sábado (20), a Praça Roberto Carlos Nunes abrigará uma feira de gastronomia, organizada por um grupo de mulheres que participaram de oficinas de culinária realizadas pela Prefeitura de Duas Estradas. “Nós fizemos cursos de bolos, de salgados e de petiscos e montamos a feira, para elas poderem vender essa produção”, explicou a secretária de Turismo e Cultura da cidade, Flávia Rocha.

Além disso, a agenda dos três dias abrirá espaço para as artes visuais: a partir da

primeira noite da festividade, a estação ferroviária do município receberá as exposições artísticas “Traços que Narram”, do professor e artesão Tiago Ribeiro, e “Trilhos de Duas Estradas: um Cordel Ilustrado”, do artista plástico Jeferson Pedro.

Fim de semana

A agenda do sábado (20) tem início bem cedo, às 7h, com as atividades do projeto Viola e Saúde na Feira, abrangendo atendimentos relacionados a serviços de Saúde para a população e um show dos violeiros Antônio Costa e Auremir Caetano. Em seguida, saindo da Estação Ferroviária de Duas Estradas, será promovido um passeio de pedal

ecológico. Ainda no âmbito das atividades esportivas, às 15h30 acontecerá a Corrida da Emancipação de Duas Estradas, terminando com forró pé de serra e sorteio de brindes.

À noite, moradores e visitantes da cidade poderão apreciar a atração mais aguardada do fim de semana: Alceu Valença sobe ao palco para animar o público do evento, desfilando seu consagrado repertório, que segue encantando gerações de brasileiros, a partir das 22h.

O domingo (21), último dia de programação, traz como destaque o FestIdoso no Armazém Cultural. O encontro intermunicipal de grupos da terceira idade está previsto para as 9h. No fim da tarde, a população duas-estradense e os turistas serão convidados para apreciar o pôr do sol no Mirante de São Francisco, que fica a 480 m acima do nível do mar. Lá, o público vai poder assistir à apresentação da Orquestra Sanfônica Flor de Tangerina. Para fechar a agenda local da rota, o Estádio Antônio Miguel dos Santos sediará o torneio de abertura do campeonato municipal de futsal.



Foto: Divulgação/Prefeitura de Duas Estradas

No Mirante de São Francisco, público poderá apreciar boa música e o pôr do sol

Valor histórico e beleza natural compõem atrativos



Nome atual da localidade originou-se do cruzamento da rodovia com a linha férrea em seu território; emancipação aconteceu em 1961

O município de Duas Estradas conta com produtos turísticos que chamam a atenção de quem pretende conhecer mais a fundo a cidade. A estação de trem, por exemplo, foi inaugurada em 1940 e desativada em 1979, tendo se tornado uma atração de valor histórico para aqueles que se interessam em conferir um dos complexos ferroviários

mais preservados da Região Nordeste.

Há ainda o já citado Mirante de São Francisco. Construída em 2012, a estrutura possibilita uma vista privilegiada de Duas Estradas e de municípios vizinhos da área, como Lagoa de Dentro e Serra da Raiz. Próximo ao mirante, também é possível conhecer o cruzei-

ro da cidade, erguido na década de 1950.

Origens

Pesquisadores e relatos históricos apontam o industrial Antônio José da Costa como o fundador da cidade brejeira. Por isso, em 1903, o lugarejo chamava-se Vila Costa. O nome atual da localidade originou-se do cruzamento da rodovia com a

linha férrea em seu território. A primeira capela local foi edificada em 1919, sendo reformada em 1963, e constituiu-se, mais tarde, como a Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Desmembrada de Caiçara e, em seguida, anexada a Serra da Raiz, Duas Estradas só foi elevada à categoria de município pela Lei Estadual nº 2.658, de 22 de dezembro de 1961.

CINEMA

Sentimento e mistério

Memórias dos anos 1960 pautam “Corpo da Paz”, novo longa de Torquato Joel, que será exibido amanhã, no Fest Aruanda

O filme é centrado no garoto Teobaldo (Giovanni Sousa) e o americano Greg (Vinícius Guedes), que chega ao local sem deixar claro suas intenções

Fotos: Divulgação

PROGRAMAÇÃO/ HOJE E AMANHÃ

DOMINGO, 7/12

Cinépolis Manaíra/ sala 5

11h – Cine Aruandinha: *Missão Pet*, de Benoit Daffis e Jean-Christian Tassy (fic, 1h39, livre)

15h – A Pedra do Reino e o Sertão de Dom Pantero, de Manuel Dantas Vilar (doc, 59min, livre); *Habeas Pinho*, de Aluizio Guimarães e Nathan Cirino (fic, 24 min, livre)

18h – Mostra Sob o Céu Nordestino: *Teatro em Jampa Vive*, de Kelly Freire Moreira (doc, 14min, livre); *Colmeia*, de Tatiane de Oliveira (doc, 11min, livre); *Outono em Gotham City*, de Tiago A. Neves (fic, 1h37, 12 anos)

21h30 – Mostra competitiva nacional: *A Nave Que Nunca Pousa*, de Ellen de Moraes (doc, 15min, 10 anos); *A Arte de Morrer ou Marta Díptero Braquicero*, de Rodolpho de Barros (fic, 14min, 14 anos); *Honestino*, de Aurélio Michiles (doc, 1h25, 14 anos)

Cinépolis Manaíra/foyer da área VIP

17h – Lançamento literário: *Luz & Sombra*, de André Cananéa

SEGUNDA, 8/12

Hotel Aram

9h – Debate: com diretores de curtas de sábado e domingo

10h – Debate: com diretores de longas de sábado e domingo

11h30 – Debate: sobre o filme *Lendo o Mundo*

Cinépolis Manaíra/ sala 9

14h30 – Mostra Internacional Cinema dos Quatro Cantos do Mundo

18h – Mostra Sob o Céu

Nordestino: *Jacu*, de Ramon Batista (fic, 13min, 12 anos); *Boi do Mato*, de Ana Calline (fic, 16min, 12 anos); *O Nordeste sob a Caravana Farkas*, de Arthur Lins e André Moura Lopes (doc, 1h47, 12 anos)

21h30 – Mostra competitiva nacional: *Samba Infinito*, de Leonardo Martinelli (fic, 15min, livre); *Gilson de Souza – Na Corda Bamba*, de Bruno Alexandre (fic, 11min, 12 anos); *Corpo da Paz*, de Torquato Joel (fic, 1h18, 14 anos)

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

As memórias pautaram a conversa que o cineasta paraibano Torquato Joel teve com **A União** sobre seu novo longa-metragem, *Corpo da Paz*, que será exibido amanhã, no 20º Fest Aruanda. Não somente porque as lembranças de infância serviram de inspiração para o projeto, mas também porque esta edição emblemática do evento trouxe à tona outras participações importantes de Torquato no festival, como diretor e como espectador. O filme será exibido, gratuitamente, às 21h30, dentro da mostra competitiva nacional, depois dos curtas *Samba Infinito*, de Leonardo Martinelli e *Gilson de Souza – Na Corda Bamba*, de Bruno Alexandre. As sessões acontecerão no Cinépolis do Manaíra Shopping.

Corpo da Paz é ambientado nos anos 1960, no interior do Nordeste. A narrativa focaliza em dois personagens principais: o garoto Teobaldo (Giovanni Sousa) e Greg (Vinícius Guedes) — este último apresenta-se como um pesquisador norte-americano recém-chegado à região. Mistérios estão no ar: permanecem sob véus os sentimentos que o menino nutre em segredo e as verdadeiras intenções de Greg naquele local, silenciosamente afetado pela Ditadura Militar brasileira. Os moradores, personagens secundários, fazem coro a essa ambivalência entre o desejo e o silêncio. A aura nostálgica do longa é alicerçada na direção de arte de Romero Sousa e na fotografia — em preto e branco, com tom sépia — assinada por Rodolpho de Barros.

A infância no município de São Gonçalo, Sertão paraibano, constituiu o arcabouço de imagens reunidas por Torquato no roteiro, também escrito por ele. Sobre tudo no contraste entre o cotidiano favorável em que sua família vivia (graças ao trabalho do pai, ex-funcionário do Departamento Nacional de Obras contra as Secas — Dnocs) e a árida realidade dos demais.

“Naquela época, a condição de vida era muito brutal no Sertão, apesar da abundância do algodão, produzido por pequenos e grandes agricultores para as muitas fábricas que ali tinham. A distribuição de renda era precária, muito mais que hoje. E, diante disso, temos Teobaldo, num conflito interno e violento sobre desejo e sexualidade”, antecipa.

Apesar de o projeto ter sido pensado para ser um longa desde a sua gênese, a intenção foi modificada diante da possibilidade de submeter *Corpo da Paz* a um edital de financiamento. A partir do início das filmagens, na Paraíba, e diante do material que tinha registrado, Torquato retornou à ideia inicial, criando, na montagem, painéis de personagens que se entrelaçam.

“Cada um deles está num mosaico e têm o seu ‘curta-metragem’ apontado na narrativa. Uns aparecem muito pouco, outros bem mais e outros tantos são o cerne. Mas a gente não tinha recurso para a segunda parte. Fizemos, então, na raça. Produção, elenco, todo mundo apostou no filme. Tem muita gente da cena do teatro e da atuação em cinema na Paraíba”, informa.

Finalizado, *Corpo da Paz* estreou em setembro, no Festival de Brasília. Por lá amealhou críticas positivas da imprensa local e quatro prêmios: melhor fotografia (Barros), direção de arte (Sousa), edição de som (Bruno Alves) e trilha sonora (Haley Guimarães). Apesar da confiança no projeto, Torquato diz que se surpreende com os elogios que recebe por sua qualidade técnica.

“Mas a minha preocupação é essa: a gente tem um cinema realmente fértil, reconhecido lá fora. Temos um potencial impressionante. Mas as políticas ainda não estão atendendo a essa demanda de projetos. Tudo isso gera emprego e renda em vários setores, desde o

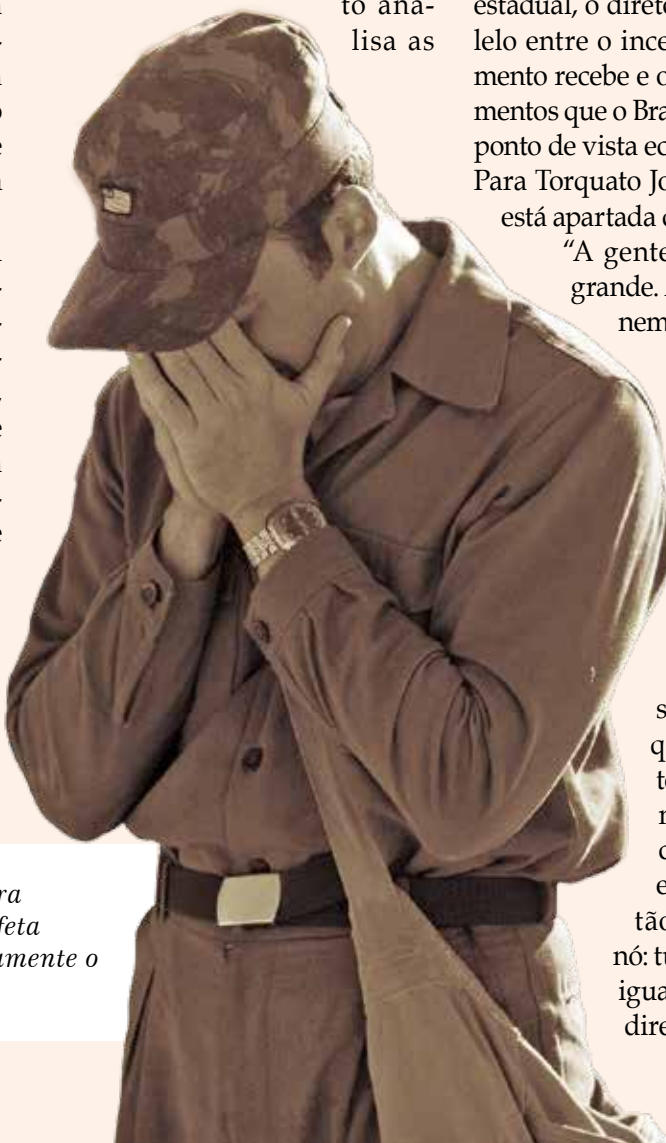
hotel, até transporte para equipe e o pagamento de costureiras, para o figurino”, aponta.

Essa estrutura remete, segundo o próprio Torquato, ao seu longa anterior, *Ambiente Familiar*, de 2018. O cineasta define seu trabalho como “minimalista”, com a possibilidade de atomizar conflitos em uma única cena. Por outro lado, a dilatação do tempo do projeto refletiu na composição de planos mais duradouros, ação que acabou tornando-se benéfica para o filme.

“Muitas vezes a contemplação implica em tomadas mais observativas, mas para falarmos de algo que é muito pertinente: a importância da soberania. É um filme sutil em sua narrativa também, porque se trata de um ambiente de muito controle, de muita vigília e de muita perseguição, no período da Ditadura Civil-militar dos anos 1960”, assevera.

Torquato analisa as

A Ditadura Militar afeta silenciosamente o Sertão



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Entre o Big Bang e o Big Crunch

O tempo e a origem do universo estão entre os temas filosóficos e científicos mais atraentes que existem. Sinto uma dificuldade agostiniana quando procuro responder o que é o tempo: “Se ninguém me pergunta, eu o sei; se desejo explicar a quem o pergunta, não o sei”. O certo é que, subjetivamente, alguns dias se esvaem com uma ligeireza assombrosa, provocando a ingrata sensação de que caminho mais rápido para a morte. Porém, quando considero que há milhões de anos o dia era apenas a terça parte do que é hoje, acabo tomado por um estranho sentimento de vaidade.

A Terra, como todos os planetas do Sistema Solar, foi vomitada pelo Sol quando este não passava de uma enorme massa de matéria em brasa e atirava perdigotos fumegantes para todo lado. Cindiu-se formando a Lua. É assustador. O movimento da Terra já foi mais rápido e diminui lentamente, assim como a sua temperatura que tende a diminuir ainda mais. O filósofo Bertrand Russell dizia que, se a segunda lei da termodinâmica estiver correta, num futuro longínquo o Sol esfriará impossibilitando a vida no planeta. O que deve encher de alegria os espíritos mais niilistas. Se, do ponto de vista geológico, a reconstrução do passado já é problemática, no plano cosmológico os desafios crescem ainda mais. Com base em avaliações geológicas, é difícil determinar a idade exata da Terra: o uso de medições de espessuras e análises de estratos falha-

riam por serem as condições atuais da natureza bastante diferentes. Os mares e os ventos de hoje não são mais arredios como eram antigamente, capazes de contínuas, velozes e gigantescas transformações na paisagem do planeta. Dessa maneira, especula-se que o intervalo evolutivo pode ser bem menor do que o atualmente apresentado pelos paleontólogos.

Desde a formulação da teoria do Big Bang, apresentada pelo padre e cosmólogo belga Georges-Henri Edouard Lemaitre, em 1927, fala-se na existência de um “átomo primordial” capaz de armazenar toda matéria, ulteriormente libertada numa extraordinária fissão nuclear geradora do universo. Essa teoria viria a sofrer curiosas reformulações. A versão hoje com a maior aquiescência para explicar o movimento de expansão do universo parece ser aquela que toma por ponto de partida o Princípio de Friedmann, isto é, o conjunto de equações que governariam a expansão métrica do espaço.

Devemos considerar que a temperatura das partículas, sua energia, varia em medida proporcional à quantidade de matéria. A cada aumento do universo — até hoje, segundo alguns teóricos, o universo não parou de crescer — haveria uma diminuição de energia proporcional que nos levará, inexoravelmente, para entropia. Em alto e sonoro português: à destruição do universo. Os físicos chamam esse cenário de Big Crunch. Não é preciso acrescentar que o futu-

ro do universo, sob essa perspectiva, não é nada animador.

Outra questão complicada, com base na teoria do Big Bang, é a explicação do surgimento do tempo como algo posterior à “grande explosão”. Tentarei ser o mais claro possível: admitamos a concentração inicial de energia originadora do universo e sua posterior fissão. Mesmo que acreditemos que para esse empreendimento seja necessário o tempo, somos obrigados, por via axiomática, a aceitar que de algum modo em um estado anterior à “grande explosão”, o tempo e a matéria não existiam e que um evento qualquer provocou a reação físsil nuclear acabando por originá-los. O “estopim”, normalmente, pressuporia a preexistência do tempo. O que estabeleceria dessa maneira um paradoxo.

Os defensores dessa tese, entretanto, dizem que o antitempo, a antimatéria e o acúmulo de energia foram suficientes para dar origem ao que hoje os físicos chamam de tempo-espaço-matéria. Desse modo, acho que não ficaria claro como foi possível um evento iniciar o processo, sem a existência do tempo, provocando o famoso desequilíbrio. Daí a afirmação de muitos teólogos e religiosos sobre a participação de Deus na origem do processo. Por outro lado, muitos físicos estão convencidos de que a expansão do universo obedece a leis constantes e que o nosso *big bang* não foi, não é e nem nunca será o único. Universos sempre teriam existido.

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Estética e Existência

Reconstrução da sensibilidade

Vivemos em uma época marcada por transformações tecnológicas aceleradas, *hiperexposição* a estímulos, intensificação das dinâmicas produtivas e fragilização dos vínculos comunitários. Esses processos produzem um modo de existência no qual a sensibilidade — entendida como capacidade de perceber, afetar-se e responder eticamente ao mundo — sofre um visível apequenamento. Reconstruir a sensibilidade significa reinstaurar a potência do sentir, reeducar a percepção do olhar e reaproximar o sujeito de si, do outro e da realidade. Trata-se, portanto, de uma atitude que envolve não apenas dimensões individuais, mas também institucionais e civilizatórias. A reconstrução da sensibilidade é uma resposta necessária aos processos de desumanização que atravessam a modernidade. Ela exige reaprender a sentir, reaprender a ver e reaprender a ouvir para manter a dignidade de todos.

A racionalidade instrumental moderna — isto é, o raciocínio focado na eficiência e na escolha dos meios mais eficazes para atingir um objetivo específico — reduz a experiência à funcionalidade, produzindo sujeitos incapazes de perceber a singularidade dos acontecimentos. A sensibilidade, nesse fenômeno, é substituída por respostas padronizadas e automatizadas. A condição de ser selvagem, cruel, desumano ou incivilizado inicia na perda cotidiana da capacidade de indignar-se com o sofrimento alheio. O embrutecimento transforma o sujeito em um ser bombardeado por violentos choques visuais e informacionais, levando-o a desenvolver uma postura defensiva que inibe o contato com o real, isto é, com o espaço social. Assim, a reconstrução da sensibilidade é um imperativo



Nussbaum: habilidade de compreender a própria complexidade

ético contra a reificação dos indivíduos, pois devolve à experiência um caráter crítico e não adaptado. Esse processo restitui uma experiência que não é apenas percebida, mas incorporada na memória, na imaginação e na convivência. Isso também se dá por meio da vivência da arte, possibilitando a reabertura da sensibilidade.

No campo ético, Martha Craven Nussbaum (1947), filósofa estadunidense, em *Justiça Poética* (1995), defende que emoções como compaixão, indignação e empatia são processos cognitivos que estruturam a habilidade humana de compreender a própria complexidade. Em sociedades marcadas pela violência simbólica, desigualdade e indiferença, a reconstrução da sensibilidade é um ato de resistência: ela permite reconhecer a vulnerabilidade comum e fundamentar uma ética voltada ao cuidado e à justiça social. Nesse sentido, a reconstrução da sensi-

bilidade atua contra os sistemas burocráticos e tecnológicos, os quais dissociam ações de suas consequências, diluindo a responsabilidade. A sensibilidade moral enfraquece quando o sujeito não vê a dignidade do outro, não escuta o grito social nem percebe o sofrimento humano. Fortalecê-la exige restabelecer o vínculo entre ação e consequência, devolvendo acolhimento às relações sociais. Nesse desafio, a sensibilidade é uma forma de estar-no-mundo, e o corpo é o lugar no qual a realidade torna-se significativa. Considerando isso, a reconstrução da sensibilidade é um retorno ao corpo vivido. Em sociedades que tendem a desmaterializar a experiência por meio de virtualizações constantes, a recuperação da presença corpórea torna-se vital para restituir o sentido estético de existir.

Reconstruir a sensibilidade significa denunciar o enclausuramento narcísico que,

ao fechar o sujeito em um circuito autorreferencial, inviabiliza o encontro efetivo com a alteridade. Trata-se de romper com uma subjetividade desgastada pela autorreclusão afetiva e pela incapacidade de acolher a diferença, reinstaurando o respeito ao diálogo, da escuta atenta e ao acolhimento às narrativas que revelam falhas psíquicas, cicatrizes existenciais e espaço social de vulnerabilidade humana. Nessa perspectiva, a reconstrução da sensibilidade constitui um gesto de compaixão e político que forma sujeitos capazes de solidariedade e dotados de um senso crítico desembrutecido. Ao promover a integração entre razão e emoção — frequentemente dissociadas pela tradição da banalidade da maldade — esse processo prioriza o bem comum relacionado à dignidade humana, a qual se expressa na habilidade de cooperação e reconhecimento mútuo, os quais dignificam os sofrimentos humanos, permitindo que eles sejam nomeados, compreendidos e acolhidos dentro de uma responsabilidade ética. Isso implica reorganizar modos de sentir e de estar-no-mundo que sustentem experiências de cuidado, justiça e pertencimento comunitário mais inclusivo, capaz de resistir aos processos de desumanização e indiferença.

Sinta-se convidado à audição do 546º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 7 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei a importância do conjunto da obra do bandedoneista e compositor argentino Astor Piazzolla (1921-1992), que contribui para reconstruir a sensibilidade humana por meio do tango.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Ela é Antônia

A escritora Antonia Claudino trouxe a linguagem do Sertão, universal, pedra sobre pedra, um açude sangrando, para seu primeiro livro de crônicas que ousa já no título: *Eu Sou Antonia*.

O lançamento aconteceu na celebração dos 10 anos do museu do escultor Jurandir Maciel, que inaugurou, naquela tarde, uma escultura da primeira mulher, ela, Antonia Claudino, a figurar no acervo do museu. Não é para qualquer um, digo, uma.

O tempo é a tarefa que a escritora apresenta no saber colher e acolher. Não é só um tom a dar nessa dimensão, nesse fio que não se perde ou enreda de tal modo que se registra em escritos. Os temas são tirados da vida da gente. Impressionantes.

Seu primeiro livro é suporte à mão, e ainda alguns arrancados da imaginação de um horizonte nunca adiado. Ela nasceu num sítio direto para o mundo, sua linguagem afronta a mesmice dos textos publicados por outras escritoras. Ela sabe escrever.

Os textos falam do tempo e trazem o sol, o mais quente, as pancadas da vida entre os fios e meadas, de uma sertaneja que nasceu para brilhar. Ela estampa ao se comunicar com as rotas necessárias da vida.

Não é autobiográfico, mas seus textos se identificam com as agonias, a falta de respeito, o leva e traz, da religião ao cotidiano, as feridas e a cura das dores.

São signos, imagens, cenas e experiências de uma mulher que se transforma todos os dias. Ela é Antônia. Li esses textos e muitos outros publicados na página de Opinião do *MaisPB* – e, ao me deparar com uma realidade, de tal modo, que parece cartas escritas para destinatários diversos.

Mais do que uma escrita fluente, os textos de Antônia parecem conduzir a todos os rituais em que os temas surgem como se desfeitos pelo próprio destino. Está tudo aí para quem quiser ler. É difícil, hoje em dia, encontrar temas de um cotidiano que não abandona o sonho.

As histórias contadas por ela podem não oferecer grande consolo, e é natural que alguns poetas e escritores mandem recados tentando libertar-se da obrigação de sermos caretas, ao completar frases que mexem muito com o leitor.

Eu Sou Antônia não contém discursos mortos, eles pulsam na necessidade de se libertar, buscando sustento na verdade. E não há coisa mais necessária do que a verdade, doa em quem doer. Às vezes, seus textos são de uma existência que não cessa de buscar significados nas palavras, sim, as palavras que tem seus pesos e medidas

Não é uma obra-prima, mas anuncia o que virá, que se obstina em ignorar o trivial e ela está certa, o terrível momento da mesmice que se apresenta em vários textos alheios. Ao suportar e driblar o antigo, Antônia se imortaliza no fôlego de gerações na recriação de um estilo único, no qual denuncia e rasga preconceitos e idiossincrasias.

Ela não vira as costas para o mundo, pelo contrário, este virar de costas não é sua praia, porque ela concentra a existência em várias páginas quando fala da solidão, do sim e do não, do comportamento, da estupidez, da falta de amor entre as pessoas, e para isso ter sentido ela rasga as páginas do velho calendário.

Antonia prende o leitor daquilo que pressentiram os grandes escritores, de que é preciso tirar o passado a limpo nos ensinando, alinhando motivos e consequências.

À medida que envelhecemos, e não o caso dela, ainda é muito jovem e tem muito a mostrar, o talento e toda história escrita dela é uma espécie de literatura que marca, marcou, marcará

O que surpreende mais em seu texto são as iniciativas com vistas a lembrar que a cultura é uma resistência brasileira, que não tem hora de acabar. Leia *Eu Sou Antonia*.

Kapetadas

- 1 – Escrever é cortar palavras até sobrar o desespero.
- 2 – Tava aqui pensando, né, como pode marchar se está soldado?



Antonia Claudino e seu busto no Museu Jurandir Maciel

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

O cronista e sua arte de Luz & Sombra

Invocando uma máxima que sempre atribuí ao cinema em meus artigos de “a arte de luz e sombra”, para definir a sétima arte como algo especial, mágico e encantador, nosso parceiro de jornalismo André Cananéa tituló e lançou, recentemente, o livro *Luz & Sombra – 32 Pensamentos sobre Cinema*.

Congratulo-me com o confrade da Academia Paraibana de Cinema, André Cananéa, que estará fazendo novamente o lançamento de seu livro, hoje, no Fest Aruanda do Audiovisual Brasileiro, no Manáira Shopping, em João Pessoa.

Com o seu livro, é bom afirmar, os “pensamentos sobre cinema” de André não vieram simplesmente à toa. Eles têm uma base, uma raiz realmente singular. Uma “estirpe” importante, que é de sua própria família. Refiro-me ao seu avô Simeão Cananéa, que foi juiz da Comarca de Santa Luzia, no Alto Sertão da Paraíba. Assunto sobre o qual já tratei, aqui mesmo nesta coluna dominical.

Com o título de “Estirpe que apoiou o feito de *Aruanda*”, havia algumas semanas, e baseado em declarações do próprio André, argumentei sobre o sentido e acuidade

de sua origem paterna, justamente aquilo que o neto escritor, hoje, exerce bem como jornalista: “Foi ele quem providenciou o transporte para o

cineasta Linduarte e sua equipe subirem à Serra do Tachado, em lombo de jumento”. Afirmou-me André, na conversa que tivemos.



Foto: Evandro Pereira

André Cananéa autografa, hoje, seu livro “Luz & Sombra”, no Fest Aruanda

Ao tomar posse na cadeira 37 da Academia Paraibana de Cinema, vaga do jornalista Carlos Aranha, evento ocorrido recentemente na Fundação Casa de José Américo, o confrade André Cananéa trouxe-nos também outro interessante relato sobre as reais origens do documentário *Aruanda*, em entrevista ao jornal **A União**. “Foi ele (Linduarte Noronha) quem me deu as primeiras informações sobre cinema. Eu me sinto orgulhoso em poder contar isso”.

Esse encontro aconteceu na realidade quando Linduarte Noronha era seu professor na Universidade Federal da Paraíba. E como já é sabido, o jornalista André Cananéa tem se mostrado sempre presente, não só pelas ondas do rádio, do qual faz parte, mas também citando, atualmente, os programas de filmes que estão e cartaz na cidade.

Temos convivido o dia a dia em nossa mídia imprensa. O amigo Cananéa na diversidade dos seus conhecimentos culturais, abordando os segmentos de artes, enquanto eu revendo as “Coisas de Cinema”.

Para mais Coisas de Cinema, acesse o blog: www.alexssantos.com.br



APC: Agenda cheia de cinema

O presidente da Academia Paraibana de Cinema, prof. João de Lima relançou nesta semana o seu livro *DocTV 20 Anos*, no 7º Colóquio Internacional de Cinema, e presidiu o júri da competição Tropeiros da Borborema. Quando o confrade Luiz Carlos Vasconcelos foi premiado como melhor ator, na competição, com o filme *A Arte de Morrer...*, do júri da crítica participou Romero Azevedo confrade campinense, que também reiniciou na última terça-feira as atividades do cineclube Memorial.

Em João Pessoa, alguns confrades participam do Fest Aruanda. O destaque é para nossa ex-presidente que estreia na longa-metragem *Outono em Gotham City*, hoje, às 18h. O festival acontece no Cinépolis do Shopping Manaira.”

STREAMING

Floribella entra no catálogo da HBO Max

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O conto de fadas original é francês; a adaptação-base, argentina. E a versão brasileira levou crianças dos anos 2000 a ter proximidade, na televisão, com o mito da “gata borborema”. *Floribella*, novela da Band exibida de 2005 a 2006, em duas temporadas, narra as aventuras de Maria Flor (Juliana Silveira), moça simples que arruma emprego de babá na mansão dos Fritzenwalden, ricos que são permanentemente afetados pelo jeito descolado e doce da jovem — sobretudo o *playboy* Fred (Roger Go-beth). Os nostálgicos matarão as saudades: *Floribella* entra amanhã, completa, no catálogo do HBO Max.

Juliana Silveira havia acabado de protagonizar uma temporada exitosa de *Malhação*, na Globo, quando foi convidada para liderar o elenco desse projeto — um *remake* da telenovela

Floricienta, criada por Cris Morena e veiculada na Argentina, em 2004. Na primeira temporada, acompanhamos a trajetória de Flor, órfã de pai e mãe, criada pela madrinha Titina (Zezé Motta).

Ao adentrar no dia a dia da família Fritzenwalden, a nova babá conquista o coração de seus pupilos e desperta a paixão de Fred, mas ataca a ira de Delfina (Maria Carolina Ribeiro) e Malva (Suzy Rêgo), respectivamente a noiva e futura sogra do homem.

No final dessa primeira parte, Fred morre num acidente de avião, criando um novo *plot*, explorado na segunda temporada — para “substituir” o mocinho, foi escalado o ator

Mário Frias,

que deu vida ao conde Máximo, primo do falecido. Novos conflitos são criados com a chegada da vilã Kriseida (Cássia Linhares) e a disputa pela herança de Fred.

O programa foi responsável por revelar o talento de atores infantojovens que seguiram na profissão nos anos seguintes — Johnny Massaro (João Pedro); Mariah Rocha (Bruna); e Gustavo Leão (Augusto).

Floribella amalehou uma parcela considerável do público, num momento de expansão da teledramaturgia brasileira: tanto o SBT quanto a Record investiram pesado na produção de novelas com um êxito considerável, como *Esmeralda* (no SBT, de 2004 a 2005) e

Prova de Amor (Record, 2005). O trunfo do produto da Band esteve no direcionamento do público infantojvenil, sem programação no horário noturno da TV aberta.

O sucesso ultrapassou o âmbito das telas: os CDs com as canções que embalavam a trama, cantadas pelo elenco, venderam mais de 300 mil cópias. Os atores também fizeram shows na capital paulista.

Juliana Silveira não perseverou na carreira de cantora e/ou de ídolo infantil. E o público de *Floribella* tornou-se menor, mas cativo, com o passar dos anos. A novela foi reprisada algumas vezes na TV paga e pela própria Band, na pandemia, sem a mesma repercussão de Ibope das décadas passadas. Mas esse último “repeteco” antecipou o show-tributo *Juliana Silveira canta Floribella*, que circulou por algumas cidades brasileiras, celebrando as duas décadas da trama.

Em abril, o jornalista Mateus Silomar, do perfil *Papopopcast*, informou a possibilidade de a turnê passar por João Pessoa; o show, todavia, não aconteceu.



Foto: Divulgação/Band

Juliana Silveira fez sucesso com shows, cantando as músicas da novela infantojvenil

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Alguns contos de minha vida

Adoro fazer listas. De um tudo, em especial de coisas literárias. Quem faz listas desse tipo, de certa maneira faz a gestão da beleza, nas suas misteriosas virtualidades. Lista dos 10, 15 ou 20 melhores sonetos e poemas, crônicas preferidas, romances inesquecíveis ou contos amados, não importa. Importa mesmo o fervor de listar, em escalas específicas ou critérios gerais, aqueles textos que bateram forte na alma da gente e calaram fundo nas reservas emotivas do velho coração.

Se for de contos, curtos, médios e longos, estes quase novelas, a me valer do fator quantitativo nem sempre confiável, embora, às vezes, urgente e necessário, gostaria de compartilhar com você, caro leitor, algumas sugestões que reputo do melhor quilate, entre autores de lá fora e de cá de dentro, da língua portuguesa e de outros idiomas estrangeiros.

Penso logo em três colunas vertebradas da contística mundial, como Anton Tchekov, Guy de Maupassant e Katherine Mansfield, alicerçando uma tradição que vai do melhor realismo psicológico e social às inquietações difusas do texto moderno. Do russo, lembro-me de “Enfermaria número 6”, “O assassinato” e “O professor de Letras”; do francês, impossível não citar “Bola de sebo”, “A pensão Thellier” e “Em família”; da novazelandesa, aprecio, em particular, “Felicidade”, “Na praia” e “Je ne parle pas français”.

Em geral são contos longos, densos, dolorosos, carregados de ressonâncias existenciais que podem servir para temperar as fibras frouxas de nossa pequenina condição humana. Nesta mesma linhagem, convoco Tolstói, com “A morte de Ivan Ilich”, segundo Otto Maria Carpeaux, o conto mais perfeito da literatura universal; “O padre Sérgio” e “Memórias de um louco”. E já que falei num russo, não posso olvidar o belo e pungente conto de Maximo Gorki, intitulado Konoválov, lido na adolescência e relido a vida inteira com estesia sempre renovada.

De Henry James, este anglo-americano como T. S. Eliot, com suas sofisticadas incursões pelo universo ambivalente da vida literária, destaco “A lição do mestre”, “O desenho do tapete” e “A vida privada”, escritos sob as espátulas da mais fina e sutil ironia e com inteiro conhecimento de causa acerca dos intrigantes dilemas das ilusões literárias.

Na língua espanhola, quem o lembra, pelo menos dentro de certa perspectiva, é o Jorge Luís Borges dos labirintos discursivos e do ceticismo estético diante das fábulas do mundo. Do argentino genial, vamos ler “O outro”, “A biblioteca de Babel”, “Pierre Menard” e “As ruínas circulares”. De outro argentino, Julio Cortázar, chamo a atenção para “A autoestrada do sul”, “A saúde dos doentes” e “O perseguidor”, este um relato destemido e poético sobre a vida de Charlie Parker e os meandros sombrios do jazz.

Na língua espanhola, no entanto, há um livro que vale por uma lista, uma lista de ouro de contos extraordinários. Quero me referir a *Doze Contos Peregrinos*, de Gabriel García Márquez, livro no qual trabalhou 18 anos para chegar a forma final que almejava dentro da mais rigorosa exigência artística. Todos os contos são simplesmente geniais, mas aposto na grandeza singular e absoluta destes três: “O avião da bela adormecida”, “Só vim telefonar” e “O rastro de sangue na neve”.

Va lá, leitor, e confira. Você jamais achará que me equivoquei! Ora, e quanto aos de casa?

Meu amado Machado de Assis me parece o paradigma insubstituível. Ninguém sai impune da leitura de “A cartomante”, “A missa do galo”, “A causa secreta”, “Cantiga de esponsais”, “Noite de almirante” e de “Uns braços”, principalmente “Uns braços”, dissecado, com olhar de mestre pela intuição crítica do poeta Lêdo Ivo, em ensaio magistral.

E há tantos outros contistas de primeira. Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Sérgio Sant’Anna, Dalton Trevisan, Luís Vilela, Hélio Pólvora, Moacyr Scliar, Aramis Ribeiro Costa, Breno Aciolly, Heloísa Seixas, Moreira Campos e Antônio Bulhões, com exemplos de contos que podem integrar a lista mais refinada. Outro dia darei notícias do que li e escolhi destes autores.

PUBLICAÇÃO

Revista aborda questões linguísticas

Primeira edição de Caetana é lançada pelo Curso de Letras EaD do IFPB de Cabedelo e já está on-line

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Durante a retomada das atividades acadêmicas pós-pandemia, ainda em 2022, nascia a ideia de criar um periódico acadêmico que reunisse e impulsionasse a produção intelectual ligada ao curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). O projeto, inicialmente esboçado pelo servidor Rafael Torres e a professora do curso Analice Pereira — hoje, editora geral da publicação — resultou na revista on-line *Caetana*, que acaba de lançar seu primeiro número (disponível gratuitamente em <https://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/caetana/issue/view/146>).

“Estávamos, ali, saindo da pandemia e Rafael, que é formado em Letras, trouxe a ideia de fazermos uma revista acadêmica”, recorda. Ela assumiu a proposta “como uma empreitada conjunta”, dando início ao que seria um trabalho editorial de construção coletiva.

A revista, que surge inteiramente produzida dentro do IFPB, articula ainda profissionais do Campus João Pessoa e da reitoria da instituição. A capa e demais ilustrações foram desenvolvidas por artistas da própria instituição,

e a diagramação também segue essa lógica interna de cooperação.

A editora-geral destaca que o projeto visual foi concebido a partir de referências definidas ainda na fase inicial de planejamento. Já o título, *Caetana*, remete diretamente ao universo de Ariano Suassuna (1927-2014). A escolha surgiu como sugestão de um dos idealizadores, que pretendia vincular o periódico a elementos da cultura literária nordestina.

A personagem Caetana, presente à obra do escritor, serviu de ponto de partida para a criação gráfica assinada por Raoni Xavier. Os elementos do poema de Ariano mostram-se na arte da capa, incorporados também ao desenho tipográfico do título.

Embora tenha sido pensada como acadêmica e voltada à divulgação de pesquisas em Linguística e Literatura, a estreia de *Caetana* assume formato distinto. O primeiro número é dedicado integralmente em memória da professora Moema Selma D’Andrea, do curso de Letras da UFPB, referência nacional nos estudos literários.

“A intelectual já recebeu distinções acadêmicas e mantém trajetória relevante na produção crítica do país. A edição reúne textos inéditos de estudiosos que conviveram

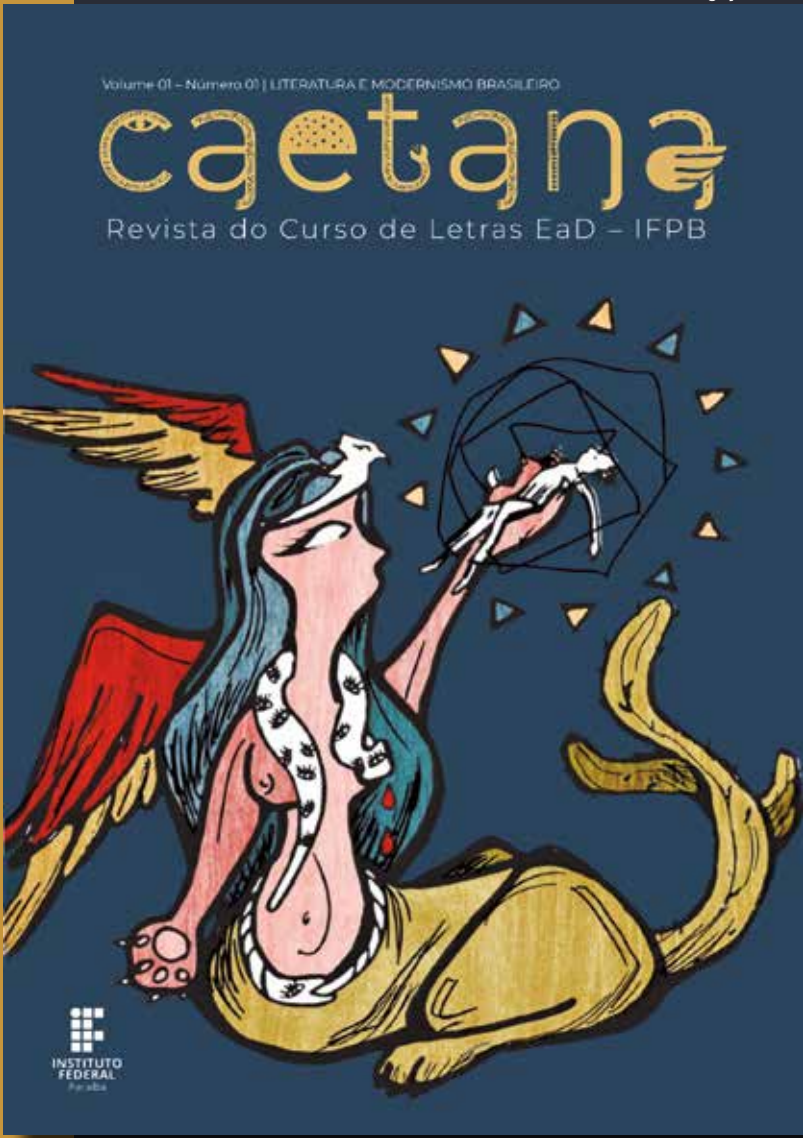
profissional e pessoalmente com Moema, entre eles Sérgio de Castro Pinto, Expedito Ferraz Jr. e Amador Ribeiro Neto”, diz ela.

Analice Pereira destaca que os colaboradores foram convidados por manterem relação direta com a homenageada e por integrarem o círculo de pesquisadores que dialogam com sua obra. Nesse primeiro volume, portanto, não há artigos acadêmicos tradicionais, mas relatos, ensaios e reflexões que compõem um tributo coletivo. Os próximos números retomarão o formato técnico, com textos de autores vinculados, ou não, ao IFPB.

A previsão é que a revista tenha periodicidade semestral, com um número dedicado à área de Linguística e outro à de estudos literários, acompanhando as duas grandes linhas do curso. As submissões já começaram: “Nós já estamos preparando o número dois, porque já temos artigos submetidos”, afirma a editora. A partir do terceiro número, os envios serão, oficialmente, regulamentados por edital, permitindo a participação de pesquisadores externos.

Com o lançamento de *Caetana*, o curso de Letras do IFPB passa a contar com um espaço editorial próprio, aberto ao diálogo acadêmico e à circulação de pesquisas.

Foto: Divulgação/IFPB



A revista foi totalmente produzida dentro do IFPB, da diagramação às ilustrações

Em Cartaz



Cinema

Programação de 4 a 10 de dezembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Remígio e São Bento.

ESTREIAS

A QUEM EU PERTENÇO (*Me el Ain*). Tunísia/França/Canadá/Noruega/Catar/Árabe Saudita, 2025. Dir.: Meryam Joobeur. Elenco: Salha Nasaoui, Mohamed Grayaa, Malek Mechergui. Drama. Mulher fica em impasse quando o filho volta da guerra e desencadeia escuridão em sua aldeia. 2h. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: sex, 12/12: 17h30; seg., 15/12: 20h; qua., 17/12: 16h30; dom., 21/12: 19h.

D.P.A. 4 – O FANTÁSTICO REINO DE ONDION. Brasil, 2025. Dir.: Mauro Lima. Elenco: Emily Puppim, Stéfano Agostini, Samuel Minervino, Fabiula Nascimento, Erika Januza, Gabriel Braga Nunes, Érico Brás, Anna Sophia Folch, Suely Franco. Aventura. Os Detetives do Prédio Azul vão parar em um mundo mágico. 1h49. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 14h. CENTERPLEX MAG 4: 17h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 12h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h40, 16h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: seg., a qua.: 13h, 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h45, 16h15, 18h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 1: 18h30. CINESERCLA TAMBIA 2: 16h20. CINESERCLA TAMBIA 3: 15h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 16h20. CINESERCLA PARTAGE 5: 15h.

ETERNIDADE (*Eternity*). EUA, 2025. Dir.: David Freyne. Elenco: Miles Teller, Elizabeth Olsen, Callum Turner, Da’Vine Joy Randolph. Comédia/drama. Após a morte, três pessoas precisam escolher onde e com quem passarão a eternidade. 1h54. Classificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 21h.

FIVE NIGHTS AT FREDDY’S 2 (*Five Nights at Freddy’s 2*). EUA, 2025. Dir.: Emma Tammi. Elenco: Josh Hutcherson, Elizabeth Lail, Piper Rubio. Terror. Menina retorna a pizzaria abandonada para recontrar animatrônicos assombrados. 1h44. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 17h; leg.: 19h15, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 15h, 17h20, 19h40; leg.: 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dom.: dub.: 14h, 16h30; leg.: 19h, 21h30; seg., a qua.: dub.: 14h, 16h30, 19h; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 14h45, 16h45, 18h45, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 14h45, 16h45, 18h45, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 14h50, 17h, 19h, 21h. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 15h55, 18h40,

21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 14h40, 17h, 19h15, 21h30; seg., a qua.: 14h45, 17h, 19h15, 21h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: 16h, 20h30. **São Bento:** CINE VIEIRA: dub.: 16h20, 21h.

FOI APENAS UM ACIDENTE (*Yek Tasadef Sadeh*). Irã/França/Luxemburgo/EUA, 2025. Dir.: Jafar Panahi. Elenco: Vahid Mobasseri, Mariam Alishari, Ebrahim Azizi. Policial/drama. Grupo organiza plano de vingança contra homem que eles acreditam ser seu torturador. 1h43. Classificação indicativa não informada.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h15.

SEU CAVALCANTI. Brasil, 2025. Dir.: Leonardo Laeca. Documentário. Cineasta filma o próprio avô, com 90 anos e uma saúde de ferro. 1h30. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter, 9/12: 20h; sex., 12/12: 16h; sáb., 20/12: 15h; seg., 22/12: 16h30.

SOLDADO DE CHUMBO (*Tin Soldier*). Reino Unido/EUA, 2025. Dir.: Brad Furman. Elenco: Scott Eastwood, Jamie Foxx, John Leguizamo, Robert De Niro. Aventura. Ex-soldado é recrutado pelo governo para desbaratar um culto do qual ele já fez parte. 1h26. 18 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 17h, 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 17h, 20h50.

PRÉ-ESTREIA

TRAÍÇÃO ENTRE AMIGAS. Brasil, 2025. Dir.: Bruno Barreto. Elenco: Larissa Manoela, Giovanna Rispoli, Emmanuelle Araújo. Comédia/drama. Amigas entram em crise quando uma fica com o namorado da outra. 1h59. Classificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dom.: 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 21h15.

ESPECIAL

FEST ARUANDA. Domingo, 7/12: 11h – *Missão Pet*; 15h – *A Pedra do Reino* e o *Sertão de Dom Pantero*; *Habeas Pinho*; 18h – *Mostra Sob o Céu Nordestino*: curtas, *Outono em Gotham City*; 21h30 – *Mostra competitiva nacional*: curtas; *Honestino*. **Segunda, 8/12:** 14h30 – *Mostra Internacional Cinema dos Quatro Cantos do Mundo*; 18h – *Mostra Sob o Céu Nordestino*: curtas; *O Nordeste sob a Caravana Farkas*; 21h30 – *Mostra competitiva nacional*: curtas; *Corpo da Paz*. **Terça, 9/12:** 10h30 – *Concurso Vídeo de 1 Minuto pela Integridade*; 14h – *Mostra Caleidoscópio Universitário*; 18h – *Mostra Sob o Céu Nordestino*: curtas; *Malaika*; 21h30 – *Mostra competitiva nacional*: curtas; *Cyclone*. **Quarta, 10/12:** 10h30 – *Mostra competitiva de curtas produzidos por alunos da Rede Estadual de Ensino*; 14h30 – *Sessão Premiere Paris-Paraíba*; 17h – *Avant premiere curta PB*.

João Pessoa: BUSTO DE TAMANDARÉ (Av. Almirante Tamandaré, Tambaú). CINÉPOLIS MANAÍRA 9: leg.

FESTIVAL DE CINEMA FRANCÊS DO BRASIL. Domingo, 7/12: **Centerplex MAG:** 14h – *O Segredo da Chef*; 16h05 – *Mãos à Obra*; 18h10 – *13 Dias, 13 Noites*; 20h25 – *Voz de Aluguel*. **Cine Bangüê:** 15h – *Mãos à Obra*; 17h – *Era uma Vez Minha Mãe*; 19h – *13 Dias, 13 Noites*. **Cinépolis Manaira:** 18h – *Era uma Vez Minha Mãe*; 20h05 – *Vizinhos Bárbaros*. **Segunda, 8/12:** **Centerplex MAG:** 14h – *13 Dias, 13 Noites*; 16h15 – *A Mulher Mais Rica do Mundo*; 18h40 – *Os Bastidores do Amor*; 20h30 – *Eu, que Te Amei*. **Cine Bangüê:** 14h30 – *Sonho, Logo Existo*. **Cinépolis Manaira:** 18h – *La Pampa*; 20h – *Fanon*. **Terça, 9/12:** **Centerplex MAG:** 14h – *Mercato, os Donos da Bola*; 16h25 – *Fanon*; 19h05 – *O Estrangeiro*; 21h30 – *Era uma Vez Minha Mãe*. **Cine Bangüê:** 16h – *O Estrangeiro*; 18h – *Mercato, os Donos da Bola*. **Cinépolis Manaira:** 18h – *O Apego*; 20h10 – *O Segredo da Chef*. **Quarta, 10/12:** **Centerplex MAG:** 14h – *Uma Jornada de Bicicleta*; 15h55 – *Voz de Aluguel*; 18h – *O Apego*; 20h10 – *A Mulher Mais Rica do Mundo*. **Cine Bangüê:** 16h – *Mãos à Obra*. **Cinépolis Manaira:** 18h – *Sonho, Logo Existo*; 19h55 – *Uma Jornada de Bicicleta*.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg. Até 10/12. **CINE BANGÜÊ:** leg. Até 14/12. **CINÉPOLIS MANAÍRA:** leg. Até 17/12.

MONSTA X – CONNECT X (*Monsta X – Connect X*). Coreia do Sul, 2025. Dir.: Margo Yeji Lee e Yoon-Dong Oh. Documentário/show. Registro dos dez anos do grupo Monsta X. 1h58. Classificação não informada.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: dom.: 15h.

CONTINUAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil/França/Países Baixos/Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Tomás Aquino, Buda Lira, Joáílsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 8/12, dom., 14/12, qui., 18/12, sáb., 20/12: 16h30, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h15, 16h45, 20h15.

BUGONIA (*Bugonia*). Irlanda/Reino Unido/Canadá/Coreia do Sul/EUA, 2025. Dir.: Yorgos Lanthimos. Elenco: Emma Stone, Jesse Plemons, Alicia Silverstone. Policial/comédia. Dois homens sequestram uma empresária achando que ela é uma alienígena invasora. 1h58. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h45.

MÃE FORA DA CAIXA. Brasil, 2025. Dir.: Manuh Fontes. Elenco: Miá Mello, Danton Mello, Malu Valle. Drama/comédia. Mulher bem-sucedida tem toda sua vida sob controle até ter sua primeira filha. 1h33. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: seg. a qua.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 21h45.

MALDITO MODIGLIANI (*Maledetto Modigliani*). Itália, 2020. Dir.: Valeria Parisi. Documentário. A vida de Modigliani vista pelo olhar da esposa Jeanne. 1h30. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: qui., 11/12: 15h; ter., 16/12: 19h30; dom., 21/12: 15h; ter., 23/12: 16h.

QUASE DESERTO. Brasil/EUA, 2025. Dir.: José Eduardo Belmonte. Elenco: Vinicius de Oliveira, Angela Sarafyan, Daniel Hendler, Alessandra Negrini. Suspense. Dois imigrantes em Detroit se envolvem em um crime ao salvar uma testemunha. 1h46. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: qua., 10/12: 19h30; seg., 15/12: 16h; dom., 21/12: 17h; ter., 23/12: 19h30.

TRUQUE DE MESTRE – O 3º ATO (*Now You See Me – Now You Don’t*). EUA, 2025. Dir.: Ruben Fleischer. Elenco: Jesse Eisenberg, Woody Harrelson, Isla Fisher, Dave Franco, Rosamund Pike, Morgan Freeman. Policial. Ilusionistas aposentados se unem a novos talentos para enfrentar criminosos. 1h52. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h30. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 16h20. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 21h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 21h. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h40. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 18h30, 20h45. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 21h10.

WICKED – PARTE 2 (*Wicked – For Good*). EUA, 2025. Dir.: Jon M. Chu. Elenco: Cynthia Erivo, Ariana Grande, Jeff Goldblum, Michelle Yeoh. Musical/drama. A Bruxa Má do Oeste e a Bruxa Boa do Norte testam sua amizade diante das tensões do mundo de Oz. 2h18. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h, 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 21h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h25. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 15h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: sáb. a qua.: dub.: 3D: 15h30; leg.: 2D: 18h25.

ZOOTÓPIA 2 (*Zootopia 2*). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Iozzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/aventura/animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso aparecimento de uma cobra em Zootopia. 1h48. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 13h45, 16h20, 18h45. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 14h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h20, 15h50, 18h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h, 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 13h45, 16h30, 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: 13h30, 16h, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h45, 16h45, 18h45, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 13h45, 16h45, 18h45, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 13h45, 16h45, 18h45, 20h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: sáb. a qua.: dub.: 3D: 15h30; leg.: 2D: 18h25.

RA 4: dub.: 14h15, 16h45, 19h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h30, 15h45, 18h15, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 14h10. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h30, 17h30, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h30, 17h30, 19h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 16h. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 14h45, 16h50, 19h; 2D: 21h10. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 12h30. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 3D: 14h40, 19h50; 2D: 17h05. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 18h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h, 16h20, 18h40, 21h; seg. a qua.: 15h30, 18h10, 20h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: 14h, 18h30. **São Bento:** CINE VIEIRA: dub.: 18h40.

Música

HOJE

CHORA QUE PASSA. Show da clarinetista Dany Dantass e da bandolinista Laídia Evangelista.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 7/12, 19h. Ingressos: R\$ 15 (promocional) e R\$ 20 (porta), antecipados na plataforma Shotgun.

MAIGUAL. Show da banda colombiana. Atração de abertura: Maya.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 7/12, 19h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), R\$ 30 + 1 kg de alimento (solidário) e R\$ 20 (meia e promocional), antecipados na plataforma Shotgun.

MIRA MAYA. Cantora apresenta show no Ensaios de Domingo.

João Pessoa: LOCA COMO TU MADRE (R. Joaquim Avundano, 62, Miramar). Domingo, 7/12, 19h. Ingressos: R\$ 30 (couvert).

RAQUEL STEOLA. Cantora apresenta show de samba.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, 153, Bessa). Domingo, 7/12, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais. Participação de Totonho.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 8/12, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

LEI DE LICITAÇÕES

Norma é zona cinzenta para gestores

Dificuldades na assimilação e no cumprimento de regras resultaram na abertura de mais de quatro mil processos

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A modernização da gestão pública brasileira é um processo contínuo que enfrenta desafios constantes. Um bom exemplo disso é o cumprimento da Lei nº 14.133, que, desde 2024, passou a ser obrigatória nos processos licitatórios, modificando, significativamente, a forma de aquisição de bens e serviços pela administração pública.

A nova Lei de Licitações e Contratos Administrativos foi promulgada em 2021, prevendo um período de dois anos de transição para sua obrigatoriedade. Em março de 2023, foi prorrogada via Medida Provisória nº 1.167, facultando aos gestores, até dezembro de 2023, a adoção da nova ou da antiga legislação. Sendo assim, desde 2024, todos os processos licitatórios são regidos pela nova legislação, o que ainda acaba gerando dificuldades aos gestores para o seu cumprimento.

De 1º de janeiro a 26 de novembro de 2025, o Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE-PB) julgou 4.364 processos relacionados à nova Lei de Licitações. De acordo com o presidente da



Dados do TCE-PB, órgão responsável pelo controle externo, apontam que falhas mais recorrentes concentram-se nas fases de planejamento e execução contratual



Quem tem gestão de riscos administra contingências; quem não tem administra crise

Letácio Guedes

Corte, Fábio Nogueira, as falhas mais recorrentes concentram-se nas fases de planejamento e execução contratual.

“Existe uma necessidade premente de aperfeiçoar as rotinas de gerenciamento de riscos, desde a formulação da demanda até o recebimento do objeto contratado. Identificamos, também, a necessidade de melhorias nas pesquisas de preços”, pontua.

Conforme o presidente do TCE-PB, servidores das Prefeituras de Teixeira, Catolé do Rocha, Serra Branca, Picuí, Guarabira e Itabaiana foram submetidos a treinamentos e, neste mês de dezembro, serão realizadas atividades nas cidades de Bayeux, Região Metropolitana de João Pessoa, e Picuí, na região da Borborema.

“Já iniciamos prepara-

tivos para futuras capacitações de equipes responsáveis, previstas para acontecerem ao longo de 2026, com fins de que o tema seja levado diretamente para o maior número possível de fiscais e gestores de contratos”, declara.

O secretário-chefe da Controladoria Geral do Estado (CGE), Letácio Guedes, defende que a nova lei busca simplificar a burocracia e tornar as compras públicas mais objetivas, focando na real necessidade da administração. Contudo, a lei ainda sofre resistência dos gestores por conta de “mais de 20 anos de uma legislação com rigidez que parte para outra em que você tem mais liberdade”.

A mudança de paradigma do menor preço para o

melhor preço é apontada como uma das principais mudanças na lei. Para Letácio Guedes, muitos gestores não assimilaram que “a lei mudou a chave” e é preciso encontrar o melhor preço para as necessidades de determinada localidade.

Além disso, Guedes também reforça a incorporação da Gestão de Riscos como um dos principais desafios para o cumprimento da nova lei. “É essa cultura que tem que ser assimilada pela administração. É como a gente fala: ‘quem tem gestão de riscos, administra contingências; quem não tem, administra crise’”, aponta.

O presidente da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), George Coelho, avalia po-

sitivamente a nova legislação, uma vez que ela permite maior proteção jurídica aos gestores e maior transparência nos processos licitatórios. Por outro lado, ele acredita que a falta de qualificação técnica, principalmente nos municípios de pequeno porte, pode comprometer a correta aplicação da lei, gerando problemas na tramitação das licitações.

George Coelho pondera que a entidade não registrou nenhuma reclamação sobre a lei, por parte de um gestor municipal, e tem realizado constantes treinamentos e assessoramento aos Municípios, “para o aprimoramento das equipes de licitação, fazendo com que a proteção do recurso público seja sempre consolidada com os órgãos controladores”.



Já iniciamos preparativos para futuras capacitações, com fins de que o tema seja levado para o maior número possível de fiscais

Fábio Nogueira

Controladorias municipais são aliadas nos atos de fiscalização

O advogado criminalista Iarley Maia destaca que a nova lei trouxe mudanças significativas no combate às fraudes e às irregularidades em contratações públicas, ressaltando o agravamento das penas, com algumas chegando a dobrar.

“Eu chamo a atenção para os crimes mais comuns nesse tipo de procedimento, que são a fraude, a frustração, ao caráter competitivo da licitação, que na lei anterior era de dois a quatro anos e multa. Hoje, esse mesmo crime tem pena de quatro a oito anos e multa”, ressalta.

Para Alex Taveira, especialista em Direito Ad-

Análise

Especialista em Direito Administrativo, o professor Alex Taveira, da UFPB, elogia ferramentas do controle externo, contudo propõe posicionamento mais proativo dos entes de controle interno

ministrativo e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a nova legislação representa um salto qualitativo nas licitações brasileiras, buscando a modernização dos processos, mas sua plena eficácia dependerá do fortalecimento dos mecanismos de controle interno e da garantia de uma transparência efetiva para o controle social.

No cenário paraibano, o docente aponta que, mesmo com a nova lei, irregularidades como empresas fantasmas ou laranjas, superfaturamento de obras e contratações irregulares (com dispensas de licitação

indevidas) persistem e desafiam as autoridades.

“Você percebe que, mesmo diante dessa nova legislação, as fraudes continuam e o Tribunal de Contas continua a combater. Empresas criadas somente para concorrer em licitações, empresas fantasmas ou empresas laranjas, isso é muito difícil de combater, muito embora o TCE-PB tenha uma ferramenta muito poderosa, chamada Ajunta, que tem permitido que o Tribunal faça um controle mais efetivo, fazendo o cruzamento de dados de empresas [licitantes]”, sustenta.

Alex Taveira acrescenta,

ainda, que, embora o controle externo seja eficaz, ele é tardio e que o fortalecimento dos órgãos de controle interno, como as controladorias municipais, é fundamental para uma fiscalização mais proativa e segura. “O controle externo funciona bem, mas ele vem posteriormente. Os órgãos de controle interno, as controladorias internas nas Prefeituras, têm um papel muito importante em fiscalizar e combater essas irregularidades”, enfatiza.

No que tange à identificação de fraudes, como conluios ou empresas de fachada, o TCE-PB tem se valido

de ferramentas de inteligência artificial (IA), destacando o Turmalina — um robô fiscal que monitora e avalia, diariamente, a qualidade e a conformidade das informações divulgadas nos Portais da Transparência, verificando o cumprimento da Lei de Acesso à Informação (LAI) e outras legislações. Essa iniciativa visa auxiliar tanto o controle social quanto os trabalhos das equipes de fiscalização, que também contam com outros sistemas de Tecnologia da Informação, como o Ajunta e o Observatório Sagres, para identificar práticas fraudulentas em contratações públicas.

LEGISLATIVO

Estatuto dos Cães e Gatos tramita como projeto de lei

Sugestão enviada por ativistas da causa animal foi analisada por colegiado federal

Agência Senado

A Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) aprovou, na última semana, uma sugestão legislativa (SUG) que cria o Estatuto dos Cães e Gatos. Relatada pelo senador Paulo Paim (PT-RS), a matéria começa a tramitar no Senado como projeto de lei. A SUG nº 10/2025 foi proposta pelas entidades Instituto Arcanimal, Instituto Faço pelos Animais e Associação Amigos dos Animais. O texto estabelece princípios, garantias, direitos e deveres voltados a proteção, bem-estar, saúde e convivência harmoniosa de cães e gatos com os seres humanos, nos âmbitos familiar e comunitário.

Segundo Paulo Paim, a sugestão legislativa estabelece um marco regulatório abrangente para o tratamento digno e responsável dos cães e gatos. Para o senador, a legislação atual é fragmentada e insuficiente para tutelar plenamente o bem-estar de cães e gatos.



Num país com tantas brigas, a gente vem com uma matéria dessas. É uma matéria do coração do povo

Damares Alves



Fotos: Edilson Rodrigues/Agência Senado

Na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa, texto teve como relator Paulo Paim (PT)

“Prevalece uma visão anacrônica que os trata como meros objetos, destituídos de direitos e dignidade própria. Essa lacuna legal contribui para a persistência de cenários de maus-tratos, abandono, exploração e sofrimento, em detrimento da ética e do respeito à vida”, disse o relator.

A presidente da CDH, a senadora Damares Alves (Republicanos-DF), celebrou a aprovação da sugestão. “É uma matéria de consenso. Num país com tantas brigas, a gente vem com uma matéria dessas. É uma matéria do coração do povo. É o animal que ajuda as pessoas com doenças, que ajuda as pessoas com deficiências. O animal é usado em muitas terapias”, pontuou.

Mudanças

O texto original previa que cães e gatos seriam reconhecidos como “sujeitos de direito dotados de capacidade jurídica plena”. De acordo com Paulo Paim, a expressão “capacidade

jurídica plena”, tal como usada na legislação brasileira, é privativa de seres humanos e pessoas jurídicas, entendidas como titulares de direitos e obrigações na ordem civil.

Além disso, a sugestão tratava cães e gatos como “absolutamente incapazes de exercer diretamente os atos da vida civil”, devendo, por isso, ser representados. Contudo, essa ideia é uma transposição direta, segundo o relator, da categoria da incapacidade civil humana, prevista no Código Civil. Para o parlamentar, o texto reforçaria uma “equiparação antropológica” indevida, fundada em parâmetros humanos.

Para resolver essas questões, o relator adotou o entendimento previsto no Projeto de Lei (PL) nº 4/2025, que propõe a reforma do Código Civil. Segundo essa proposta, os animais são seres vivos sencientes (capazes de sentir e ter consciência), passíveis de proteção jurídica própria, em virtude da sua natureza especial.

Definições

O texto traz o conceito de “animais comunitários”, que são cães e gatos em situação de rua com vínculos de dependência com a comunidade. Outra definição prevista é a “custódia responsável”, compromisso legal e ético de garantir o bem-estar do animal.

O cuidado comunitário é o amparo oferecido por moradores, em conjunto com o Poder Público, a cães e gatos sem lar fixo, assegurando abrigo, alimentação e atendimento. O Município é responsável por vacinar, esterilizar e cuidar da saúde desses animais.

A adoção responsável exige que o adotante tenha mais de 18 anos, com condições adequadas e sem antecedentes por maus-tratos. O interessado deve assinar termo com força de contrato. Adoções devem atender aos interesses do animal, principalmente em casos de trauma ou abandono.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (21)

Gosto se discute. Política se discute. Religião se discute. Quando acabam as discussões, alguma coisa está fora da ordem.

Cachorro também vai pro céu. Igreja Católica distribui “ração benta” no dia de São Francisco de Assis.

“Em Tambaba os meninos nascem nus” (Sonsinho).

“Com honrosas e raríssimas exceções, o político brasileiro é conservador e canalha ao mesmo tempo” (Citado por Petrônio Souto).

“O eleitor idem” (Complementa o poeta Nelson Nunes Farias).

“Se um povo só tem os governos que merece, quando vamos merecer não ter governo nenhum?” (Paul-Jean Toulet).

“As pessoas que sabem como dirigir o país estão todas ocupadas dirigindo Uber e cortando cabelo” (George Burns).

Amigo meu trabalha para patrão que se dá ao feio vício da agiotagem. É bancário.

Antigamente os homens tratavam as mulheres com a deferência de um puxa-saco. Chamavam-se cavalheiros.

“Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo” (Isso é do Guimarães Rosa, um sujeito definitivo na literatura de todos os tempos no Brasil).

“Se cada um recebe o que merece, quem escapará da chibata?” (William Shakespeare).

“Se os americanos tivessem colonizado o Brasil, não existiria esse calor todo” (Sonsinho, o meteorologista).

Poeta do cordel brasileiro, Bebê de Natércio deixou de compor cordel depois que todo mundo passou a produzir essa poesia de cunho popular, sem respeitar as regras básicas do gênero.

Bebê está lançando seu livro “Verdades que inventei”. Parece que é um livro sobre histórias bizarras.

Eu queria que o maestro Bebê de Natércio fizesse um frevo de bloco em minha homenagem.

“Cordel é a ‘arte naïf’ da literatura” (Quem disse essa bobagem?).

Carlos Alencastro é um amigo de infância. Com ele brincamos de teatro e de construir uma corrente de pensamento na cidade de Itabaiana. Carlos vive em São Paulo, e, em nome dele, envio meus cumprimentos aos companheiros teatristas do Grupo Experimental de Teatro de Itabaiana, que vai comemorar cinquenta anos em 2026.

Trecho da mensagem que Carlos enviou: “Dou testemunho da tua coragem e de muitos(as) outros(as) que contigo fazem coro em não perder de vista o ativismo pela cultura, arte, literatura, educação, comunicação e, consequentemente, a paz. A todos e todas, o meu fraterno abraço”.

Em 2010, recebi esta mensagem: “Caro Fábio Mozart, registro com alegria a notícia de sua premiação pelo MinC (Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel 2010), com ‘Biu Pacatuba, um herói do nosso tempo’, cuja leitura aguardarei quando de sua publicação. Parabéns por mais essa conquista. Um abraço do ‘contrerrâneo’ Vladimir Carvalho”.

Texto dispõe sobre proibições e penalidades

De acordo com a SUG nº 10/2025, cães e gatos têm direito à vida e à integridade física e psíquica. O texto também assegura liberdade de movimentos, acesso a alimentação e água, abrigo adequado, atendimento veterinário, convivência social, cuidado comunitário, transporte, proteção do Estado e defesa judicial.

O texto proíbe abandono, agressões, mutilações estéticas, uso em rinhas, restrição injustificada de liberdade, uso em testes com sofrimento. Também ficam proibidos confinamento inadequado, comercialização clandestina e negação de acesso à água e comida para animais em áreas comuns.

O responsável legal deve garantir alimentação, higiene, socialização, atendimento veterinário, vacinação e identificação do animal, além de evitar riscos à saúde e segurança. Também deve evitar a reprodução descontrolada, utilizando a esterilização cirúrgica quando necessária.

O Poder Público deve promover políticas permanentes de bem-estar animal, garantir atendimento veterinário gratuito à população vulnerável, fiscalizar criadores e comerciantes, apoiar abrigos e ONGs e implantar programas de esterilização, vacinação e controle populacional ético.

Penalidades

As infrações administrativas incluem maus-tratos, abandono e descumprimento de deveres legais. As sanções vão de advertência, multa e apreensão do animal até interdição de atividades. O infrator também pode ser proibido de adotar por 10 anos. Entre os crimes previstos, estão:

- Matar cão ou gato: pena de dois a seis anos de reclusão;
- Abandono: até quatro anos de detenção;
- Testes com sofrimento: até seis anos de reclusão; e
- Negar socorro a animal ferido: até seis meses de detenção, podendo triplicar em caso de morte do animal.

Sugestões legislativas

Qualquer pessoa ou organização da sociedade civil — como o Instituto Arcanimal, o Instituto Faço pelos Animais e a Associação Amigos dos Animais — pode enviar ideias de leis ao Senado. Basta se cadastrar no Portal e-Cidadania, acessar a página Ideia Legislativa e clicar em “Enviar ideia”. O Portal e-Cidadania foi criado pelo Senado, em 2012, para estimular a participação dos cidadãos no processo legislativo.

É possível enviar quantas ideias quiser, desde que não sejam repetidas. As ideias ficam abertas por quatro meses para receber apoios da sociedade, por meio do portal. As que alcançam 20 mil adesões são encaminhadas à Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) do Senado e formalizadas como “sugestões legislativas”.

Na comissão, essas propostas são debatidas pelos senadores e recebem um

parecer. As aprovadas passam a tramitar como projeto de lei, com as mesmas prerrogativas das propostas de parlamentares. Foi o que ocorreu com a sugestão de criação do Estatuto dos Cães e Gatos.



Pelo QR Code, acesse o portal e-Cidadania



Pelo QR Code, acesse a página Ideia Legislativa

ESTRADAS VICINAIS

Precariedades geram perdas ao país

Falta de condições de trafegabilidade nas vias em áreas rurais causa prejuízos econômicos, ambientais e sociais

Amanda Wendland
Jornal da USP

As estradas vicinais são vias majoritariamente municipais e não pavimentadas, que conectam áreas rurais a centros urbanos e às principais rodovias estaduais e federais. Diretamente associadas à logística da produção da agropecuária, representam o primeiro elo do transporte da safra, superando 1,4 bilhão de toneladas movimentadas anualmente.

Um estudo do Grupo de Pesquisa e Extensão em Logística Agroindustrial (Esalq-Log) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da Universidade de São Paulo (USP), feito em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), descreve a situação dessa malha no país. O diagnóstico traz também um alerta: apesar de sua relevância no escoamento da produção agropecuária, as estradas vicinais apresentam condições precárias de manutenção e trafegabilidade, o que gera enormes prejuízos econômicos, ambientais e sociais.



Foto: Elizângela Lopes/CNA

Buracos, erosões e outros problemas estruturais dificultam a mobilidade nas vias, gerando perdas de produtos e risco de acidentes

Riscos

A frequente presença de buracos, erosões, atoleiros, excesso de pó, dentre outros gargalos de infraestrutura presentes nessas vias, resulta em interrupções do transporte, atrasos e dificuldades de mobili-

dade de bens e pessoas, além de perdas de produtos e riscos de acidentes. A precariedade das vias gera ainda atrasos, perda de produtividade operacional no transporte, aumento do custo logístico e maiores emissões de gases de efeito es-

tufa (GEE), entre outros problemas. O relatório aponta que uma infraestrutura adequada de estradas vicinais assegura acessibilidade, dignidade e segurança para o deslocamento nas áreas rurais do país. Além disso, fortalece a competitivi-

dade econômica, promove a sustentabilidade e impulsiona o desenvolvimento local e nacional.

Tamanho da malha

A malha vicinal brasileira soma 2,2 milhões de quilôme-

tros, distribuídos em 557 microrregiões, o que representa uma extensão 10 vezes superior a das rodovias pavimentadas de Norte a Sul. A limitação de recursos públicos e a falta de planejamento estratégico dificultam a priorização dos investimentos e a melhoria das condições das estradas vicinais no país.

O professor Thiago Guilherme Péra, coordenador do Esalq-Log comenta que o problema das estradas vicinais não deve ser mais negligenciado e precisa de soluções duradouras. “Muito se discute no Brasil sobre a criação e o desenvolvimento de grandes infraestruturas logísticas para o escoamento da produção agroindustrial. No entanto, ainda se faz muito pouco para melhorar as condições das estradas vicinais — justamente o elo mais crítico e estratégico de toda a cadeia logística, por onde circulam diariamente a produção, os insumos e as pessoas que sustentam o agronegócio nacional e tem sido pouco valorizada”, explica Péra.

Pesquisa indica quais os investimentos prioritários

A pesquisa propôs a criação do Índice de Priorização das Estradas Vicinais (Ipev), ferramenta que indica as prioridades de investimento e intervenção em cada região do Brasil. A partir da análise de uma série de dados econômicos, sociais, ambientais e de infraestrutura referentes a estradas vicinais, combinados com a produção agropecuária brasileira, a metodologia desenvolvida permite encontrar regiões prioritárias para o investimento de melhoria nas estradas. O Ipev fornece um instrumento técnico e transparente de apoio à decisão pública, permitindo identificar regiões prioritárias para investimentos.

A partir da identificação das regiões prioritárias, foram selecionadas oito microrregiões para uma análise mais detalhada dos problemas enfrentados nas estradas vicinais e da realidade vivenciada pelos produtores rurais. Durante o trabalho de campo, mais de 1.200 km de estradas foram percorridos e 150 produtores rurais e gestores municipais das áreas de infraestrutura e agricultura foram entrevistados.

O estudo abrangeu microrregiões situadas na Bahia, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará e Paraná, permitindo identificar os principais gargalos logísticos e reunir subsídios técnicos para a formulação de propostas de melhoria da malha vicinal. A pesquisa de campo identificou graves desafios de gestão na manutenção das estradas vicinais, marcados por limitações orçamentárias diante de uma

Locais

Foram selecionadas oito microrregiões para uma análise mais detalhada dos problemas enfrentados e da realidade vivenciada pelos produtores rurais

malha extensa, dependência de repasses estaduais e federais, frota de máquinas obsoleta, falta de planejamento técnico e coordenação entre Secretarias, além de dificuldades logísticas e de acesso a insumos, escassez de mão de obra qualificada e fortes heterogeneidades regionais que agravam as disparidades na infraestrutura rural do país.

Ao comentar os resultados do levantamento, a assessora técnica da CNA, Elizângela Lopes, destaca a relevância do estudo para o planejamento da infraestrutura rural brasileira. “Esse estudo mostra, de forma inédita, a real situação de estradas que são essenciais para a logística da produção agropecuária. Com base em critérios técnicos, conseguimos propor soluções práticas e criar o Ipev, que ajuda a priorizar investimentos e orientar políticas públicas em todos os níveis de governo. A ideia é usar melhor os recursos, capacitar os gestores locais e integrar a mobilidade rural às estratégias nacionais de infraestrutura”.

Problemas somam R\$ 16 bi em custos anuais

Estima-se que as condições precárias atuais das estradas vicinais gerem R\$ 16,2 bilhões anuais em custos de transporte para o escoamento da produção agropecuária. Esses custos, hoje inevitáveis, poderiam ser significativamente reduzidos com intervenções adequadas na malha vicinal, resultando em ganhos operacionais e logísticos de até R\$ 6,4 bilhões por ano a partir de melhorias. Por exemplo, ampliar as condições viárias poderia representar reduções anuais superiores a R\$ 2,3 bilhões no transporte de cana-de-açúcar, R\$ 2,1 bilhões na movimentação de grãos e cerca de R\$ 1 bilhão no escoamento da produção animal, evidenciando o impacto direto da infraestrutura rural sobre a competitividade do agronegócio.

Outro efeito importante está relacionado às emissões de dióxido de carbono (CO₂) diretamente no transporte. Os caminhões que atualmente trafegam nessas estradas emitem três milhões de toneladas de CO₂ por ano, quan-

tidade que poderia ser reduzida em mais de 30% após melhorias nas vias, permitindo maior fluidez e eficiência energética da frota.

A pesquisa dimensionou os recursos necessários para sanar o problema das condições precárias das estradas vicinais em diferentes cenários e regiões a partir de dados primários e secundários. Ao contrário do que poderia parecer a solução mais óbvia, o estudo não propõe pavimentar a malha vicinal. As análises indicam 177 microrregiões altamente prioritárias para ações de melhoria das condições estradas de terra. Os investimentos necessários variam de R\$ 4,9 bilhões a R\$ 22,7 bilhões e são decorrentes das ações de engenharia adotadas (de um padrão mínimo, envolvendo nivelamento do solo e material de cobertura, até um padrão superior, com projeto técnico mais robusto, incluindo preparo da base, abaulamento e sistemas de drenagem), e também da estrutura atual da estrada (de vias mais simples

e estreitas, até estradas mais largas, permitindo passagem de dois veículos de grande porte simultaneamente).

Os resultados do estudo oferecem subsídios para políticas públicas, orientando o desenvolvimento de projetos prioritários e fomentando iniciativas de inovação tecnológica, com suporte técnico, maquinário especializado e equipes capacitadas. Ao fazer um diagnóstico das condições das estradas e apontar as microrregiões prioritárias para investimentos, o estudo direciona a utilização de recursos públicos escassos para regiões que apresentam, simultaneamente, grande vulnerabilidade de infraestrutura, elevada demanda por acessibilidade da população e grande volume de produção agropecuária. É uma ferramenta que auxilia a gestão pública e otimiza o uso do recurso para regiões cujos impactos positivos são mais amplamente percebidos.

“Durante a pesquisa, ficou evidente que a falta de planejamento e a limitação de re-

ursos — sejam orçamentários, técnicos, operacionais ou de maquinário — continuam sendo obstáculos reais para os gestores públicos que buscam melhorar as estradas vicinais. Nesse contexto, o Ipev surge como uma ferramenta prática e transparente, capaz de orientar o planejamento, otimizar investimentos e gerar resultados concretos na vida de quem produz e vive no campo — fortalecendo o desenvolvimento local e a competitividade do agronegócio brasileiro”, destaca a pesquisadora do Esalq-Log, Daniela Bartholomeu.

Investimentos necessários para melhorar as vias variam de R\$ 4,9 bi a R\$ 22,7 bi e devem ser usados em ações de engenharia



Foto: Divulgação/Dnocs

Estudo não propõe pavimentar as estradas de terra, mas melhorar nivelamentos, sistemas de drenagem e extensões

PARAÍBA E PIAUÍ

Editais de dezembro têm 268 vagas

IBGE, Caixa e Universidade Federal do Piauí oferecem oportunidades para candidatos de níveis médio e superior

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Dezembro chega avisando que o ano está prestes a virar, mas ainda dá tempo de disputar uma vaga no serviço público e começar 2026 com a tão desejada estabilidade profissional. O mês está com editais importantes, com ênfase para o processo seletivo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), um dos mais robustos do momento. Só na Paraíba, são mais de 250 vagas, espalhadas por cidades como João Pessoa, Campina Grande e Patos. Outro destaque da temporada é o concurso da Caixa Econômica Federal, que oferece oportunidades para profissionais de nível superior dentro da Paraíba. Enquanto isso, no estado vizinho, a Universidade Federal do Piauí (UFPI) reforça o cenário com vagas técnicas e administrativas.

Seleção nacional

Muito aguardado pelos concurreiros, o edital do IBGE é o que concentra, hoje,



Foto: Divulgação/IBGE

Edital do IBGE tem 251 oportunidades temporárias



Foto: Divulgação/Caixa

As vagas disponibilizadas pela Caixa são uma para arquiteto e quatro para engenheiro civil

a maior oferta de vagas no estado. Ao todo, são 251 oportunidades temporárias, distribuídas entre os municípios de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Sousa, Esperança, Guarabira, Itabaiana, Itaporanga, Pombal e Sumé, todas para profissionais de nível médio. As inscrições seguem abertas até a próxima quinta-

-feira (11) e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo site da Fundação Getúlio Vargas (FGV). A taxa cobrada é de R\$ 38,50.

As vagas são para Agente de Pesquisas e Mapeamento (APM) e Supervisor de Coleta e Qualidade (SCQ), com salários de R\$ 2.676 e R\$ 3.379, respectivamente, além de benefícios como auxílio-alimentação, no valor de R\$ 1.175. De acordo com o edital, a jornada prevista é de 40 horas semanais, mas cada função possui atribuições próprias, que vão desde entrevistas domiciliares até supervisão técnica de coleta e indicadores. No caso do SCQ, além de Ensino Médio completo, o candidato deve ter habilitação na categoria B ou superior.

Sobre a avaliação, a seleção será feita por meio de prova objetiva, de caráter eli-

minatório e classificatório, prevista para 22 de fevereiro, com questões de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, Informática, além de conhecimentos gerais e específicos. O processo ocorrerá em todos os municípios paraibanos com oferta de vagas.

Caixa Econômica Federal

Na Paraíba, o novo concurso da Caixa é voltado especialmente a profissionais de nível superior. Por aqui, há cinco vagas imediatas em disputa: uma para arquiteto e quatro para engenheiro civil, além de cadastro de reserva para ambas as áreas. Os salários variam de R\$ 12,3 mil a R\$ 16,4 mil, e os aprovados poderão atuar em jornadas de 30 a 40 horas semanais, conforme a necessidade da instituição.

Para participar, os interessados no concurso têm até amanhã para se inscreverem no site da Fundação Cesgranrio, mediante pagamento de taxa única de R\$ 68. Quanto à seleção, está prevista a aplicação de provas objetiva e discursiva em 1º de fevereiro de 2026, seguidas de avaliação de títulos. No conteúdo programático constam línguas Portuguesa e Inglesa, conhecimentos digitais, Probabilidade e Estatística, Comportamento Ético e conhecimentos específicos. Todo o processo será realizado em João Pessoa, assim como nas demais capitais brasileiras contempladas pelo edital. O resultado será publicado em 26 de maio do próximo ano.

No Piauí

Agora, se você está na Paraíba e cogita atuar em estados próximos, o concurso da UFPI é uma ótima oportunidade. Ao todo, são 12 vagas destinadas ao cargo de técnico-administrativo em Educação, distribuídas entre as áreas de Enfermagem, Nutrição, Radiologia, Contabilidade, Agropecuária e Educação Física. Os salários variam entre R\$ 3 mil e R\$ 4,9 mil, com jornadas de 24 a 40 horas semanais e exigência de nível médio ou superior — conforme o cargo.

As inscrições ficam abertas até 11 de dezembro e demandam o pagamento de taxa no valor de R\$ 120 a R\$ 140. Para inscrever-se, acesse o site da Coordenadoria de Concursos, Projetos

Estratégicos e Seleções (Copesse) da universidade e siga as instruções. Segundo o cronograma, as provas objetivas serão aplicadas em 25 de janeiro, na cidade de Teresina, enquanto o resultado do processo deverá ser divulgado até 12 de fevereiro. Entre os temas abordados estão Língua Portuguesa, Matemática e Legislação, além de conhecimentos específicos de cada cargo.



Use o QR Code para acessar o edital do IBGE



Use o QR Code para acessar o edital da Caixa Econômica Federal



Use o QR Code para acessar o edital da UFPI

Vida por trás do jaleco: a potência e a pressão da Enfermagem

Séries como Grey's Anatomy, The Pitt ou The Good Doctor colocam o drama hospitalar em evidência ao mostrar emergências imprevisíveis e os bastidores de atendimentos que parecem não ter fim. A maior surpresa, porém, é perceber o quanto daquilo conversa com a vida real dos profissionais de saúde, sobretudo de quem está na linha de frente, como os enfermeiros. A televisão dramatiza e até extrapola, mas a pressão, essa sim, é muito verdadeira. Entre organizar fluxos de trabalho, acompanhar pacientes em momentos críticos e tomar decisões que exigem preparo técnico e emocional, é o enfermeiro quem garante o funcionamento desse sistema tão complexo. “A Enfermagem ganhou destaque após a pandemia. Ela é a base do cuidado”, resume a enfermeira e técnica Érica Daiane Oliveira Barros.

Segundo ela, foi justamente a partir do caos daquele período que a sociedade passou a enxergar “melhor” o trabalho realizado não apenas pelos médicos, mas por todos os profissionais que atuam no atendimento ao público. Para Érica, essa visibilidade também deixou cla-

ro, aos olhos da população, o quanto a profissão demanda estudo contínuo e inteligência emocional para enfrentar uma rotina marcada por dor, pressão e tomadas de decisão urgentes. “No âmbito da atenção primária, é o enfermeiro que coordena o cuidado. Mas, querendo ou não, ainda tem gente que observa com muito mais atenção a atuação médica”, pondera. Parte dessa percepção também se explica pelo desconhecimento sobre as diferenças entre os três cargos ligados à área. Embora funcionem de forma complementar, são papéis distintos: o auxiliar cuida das tarefas mais básicas; o técnico executa procedimentos mais complexos, como medicações e curativos; e o enfermeiro conduz decisões clínicas e coordena toda a equipe.

Protagonismo silencioso

Ao citar “autonomia em prescrição, encaminhamentos e solicitação de exames”, Érica destaca a responsabilidade clínica do enfermeiro, que precisa, ainda, orientar e supervisionar técnicos, lidar com questões burocráticas, incluindo relatórios, metas e planejamento, e encarar desafios constantes no tra-

to com os pacientes. “O que o técnico sabe, o enfermeiro também deve saber”, afirma, lembrando que a base da prática combina domínio teórico e pensamento clínico.

Hoje, já tendo atuado como técnica e, agora, no papel de residente na unidade de Roberval Eliseu da Nóbrega, em Santa Luzia, no interior da Paraíba, ela reforça que escolher a Enfermagem como profissão significa abraçar um caminho que exige preparo contínuo, domínio completo dos protocolos e força emocional para lidar com situações que mudam a cada plantão. Por isso, a permanência na área, de acordo com ela, depende de alguns fatores, desde o alinhamento coletivo até a rede de apoio, passando pela identificação com o trabalho exercido. “Um enfermeiro que não se vê na Atenção Primária, mas atua, mesmo sem gostar, precisa ter uma atenção maior com a saúde mental”, analisa Érica.

Rotina que não aparece na TV

Isso acontece porque, na Atenção Primária, o profissional é obrigado a lidar, simultaneamente, com diferentes públicos — adultos, idosos, crianças e gestantes



Foto: Arquivo pessoal

Érica considera o enfermeiro protagonista na Atenção Primária

— e precisa organizar bem seu tempo para dar conta de diversas demandas ao longo da semana. Reuniões com agentes comunitários, acompanhamento de indicadores, organização do cronograma e monitoramento das metas fazem parte da rotina. “Considero o enfermeiro protagonista na Atenção Primária.

Tudo passa por ele e a unidade reflete a atuação dele”, reforça a enfermeira, destacando que o trabalho envolve muito mais do que consultas e procedimentos.

Já nos hospitais, o cenário pode ser diferente, mas a complexidade só aumenta. Érica, que já viveu essa realidade ao acompanhar alunos

no Hospital Infantil de Patos, conta que a atenção precisa ser redobrada, sobretudo em setores de urgência e emergência, onde imprevistos tumultuam o trabalho. Para ela, nesses dois ambientes, a liderança do enfermeiro é incontestável. “Como profissional de uma unidade de saúde, observo o quanto as demandas e rotinas partem bastante do enfermeiro. Organização e direção. Tudo passa por nós”, afirma.

Vaga no Piauí

Para quem se identifica com a área, o edital da Universidade Federal do Piauí (UFPI) traz uma oportunidade direta para enfermeiros. São duas vagas de nível superior para atuação no Departamento de Enfermagem do Campus Petrólio Portella, em Teresina, com jornada de 40 horas semanais e vencimento básico de R\$ 4.967,04. O cargo exige diploma de graduação em Enfermagem e registro no conselho profissional. Entre as atribuições previstas estão a participação em ações de saúde, coordenação de equipes, realização de consultas, solicitação de exames e outras atividades pertinentes à função.

Selic Fixado em 5 de novembro de 2025 15%	Salário mínimo R\$ 1.518	Dólar \$ Comercial +2,31% R\$ 5,433	Euro € Comercial +2,23% R\$ 6,325	Libra £ Esterlina +2,68% R\$ 7,273	Inflação IPCA do IBGE (em %) Outubro/2025 0,09 Setembro/2025 0,48 Agosto/2025 -0,11 Julho/2025 0,26 Junho/2025 0,24	Ibovespa 157.369 pts -4,31%
---	---	--	--	---	--	--

NEGÓCIOS SAZONAIS

Até o Papai Noel consegue lucrar na reta final do ano

Interpretar o Bom Velhinho virou tradição rentável para uma família de CG

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

Um dos principais símbolos do Natal, famoso pela lenda de distribuir presentes às crianças, também rende bons frutos no mundo real — especialmente em Campina Grande, onde interpretar o Bom Velhinho virou uma atividade lucrativa, durante um dos períodos mais aquecidos da economia.

O Papai Noel é uma das presenças mais requisitadas da temporada. Famílias, escolas, hospitais e estabelecimentos comerciais recorrem ao Bom Velhinho para levar alegria às celebrações e eventos de fim de ano. É nesse espírito que Jonatha Elvys encontra uma oportunidade de garantir uma renda extra — o suficiente para pagar a anuidade escolar do filho — interpretando o personagem natalino.

A agenda, que começa a ser preenchida já em março, ganha ritmo acelerado a partir de outubro. Na semana que antecede o Natal, a procura atinge o auge. O que começou como uma homenagem ao pai, hoje se transformou em uma fonte importante de renda e orgulho para Jonatha.

“Meu pai sempre era o Papai Noel da igreja, com uma fantasia simples, feita de TNT, dessas que a gente encontra prontas nas lojas. Quando ele faleceu, em 2019, decidi dar continuidade ao que ele fazia, mas de uma forma melhor”, relembra Jonatha Elvis. “Fui com minha sogra, que é costureira, comprar o tecido para fazer uma roupa mais caprichada. Escolhemos velu-

O dinheiro extra que Jonatha Elvys ganha dando vida ao personagem é suficiente para pagar a anuidade escolar do filho



do, pelúcia, tudo de alta qualidade. Gastamos R\$ 600 só de pano — minha esposa quase enlouquece”, brinca.

Com a nova fantasia pronta, Jonatha criou uma conta no Instagram para divulgar o trabalho e começou a postar fotos do personagem. As oportunidades logo apareceram, e o investimento inicial pagou-se rapidamente. “No primeiro ano, já fui convidado pela Prefeitura de Alcantil para ser o Papai Noel da cidade. Depois vieram os convites de Campina Grande, Matinhas, Boa Vista... sem falar nas festas em condomínios, escolas e confraternizações. Fazemos cerca de 40 eventos durante o Natal”, conta.

O que começou de forma simples transformou-se em um verdadeiro empreendi-

mento familiar. A esposa, Carol Melo, virou motorista oficial do Bom Velhinho; a sogra continua responsável pelos reparos e melhorias na fantasia; e uma amiga do casal assumiu o papel de Mamãe Noel. Até um trenó foi construído especialmente para Jonatha. “Tudo isso faz o preço variar. Se o cliente quiser a Mamãe Noel e o trenó, o valor já muda. E neste ano estamos planejando incluir até as renas do Papai Noel como novidade”, revela, animado.

Além do figurino, Jonatha também precisou aprender a interpretar o personagem com mais autenticidade. Pela internet, ele conheceu o trabalho de outros Papais Noéis do Brasil e passou a incorporar novas técnicas e gestos ao

seu trabalho. “No começo, eu achava que era só se sentar e dar tchau para as crianças. Mas, hoje, aproveito cada encontro para conversar com os pequenos sobre o verdadeiro significado do Natal, sobre a história de Jesus. Sei que, para mim, pode ser apenas mais um evento entre tantos, mas, para eles, é um momento único com o Papai Noel, e eu tento torná-lo especial”, relata.

Mesmo com a agenda cheia de compromissos pagos, Jonatha mantém viva a tradição iniciada pelo pai. Todos os anos, ele reserva tempo para participar de ações sociais com a igreja e realizar visitas a hospitais, levando não apenas o personagem, mas também o espírito solidário que o inspira.

Período natalino aquece a economia criativa

Naiara Bezerra, fotógrafa de Campina Grande, transformou os ensaios temáticos de Natal na época mais rentável do ano e em uma forte expres-

são da economia criativa. Especializada em fotografias de família, ela investe anualmente em cenários natalinos exclusivos para o estúdio, que se

tornam o carro-chefe da temporada.

“Meu foco é criar decorações atemporais e minimalistas, que permitam que as famí-

lias tenham fotos que remetam ao Natal, mas que também possam ser usadas em qualquer outro contexto”, explicou Naiara.

O trabalho com temática natalina começou em 2022 e, a cada ano, a fotógrafa renova a decoração. A proposta deste ano, intitulada “As doces memórias do Natal”, contará com um cenário de cozinha, onde as famílias poderão ser fotografadas enquanto cozinham biscoitos natalinos juntas.

“Abro a agenda no dia 4 de novembro e fecho em 10 de dezembro, porque preciso de tempo para editar as fotos, montar os álbuns e entregar antes do Natal. Sempre dou prioridade aos clientes que já fizeram ensaios comigo; se sobrar alguma vaga, abro para novos clientes. Mas é raro ter disponibilidade, pois este é, de longe, o período mais lucrativo do ano, até mais que o Dia das Mães”, afirmou a fotógrafa.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Emprego, renda e o ciclo virtuoso de João Pessoa

A divulgação mais recente do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) trouxe um número que deve ser celebrado e analisado com a devida atenção em João Pessoa: 61.517 novos empregos com carteira assinada (CLT) criados de janeiro de 2021 a outubro de 2025. Mais do que uma mera estatística, esse dado é o retrato de uma robusta injeção de capital e confiança na economia local.

Esses 61 mil novos postos de trabalho representam um aumento direto na massa salarial da cidade. Ao considerarmos a renda média do pessoense, o que estamos testemunhando é um volume significativo de recursos adicionais sendo injetado mensalmente no mercado de consumo. São famílias com maior poder de compra, mais capacidade de realizar sonhos e, consequentemente, mais demanda por produtos e serviços.

E a fotografia é ainda mais nítida quando lembramos que esse número foca apenas o setor privado com carteira assinada, excluindo os novos servidores públicos contratados no mesmo período, que também contribuem para o aumento do estoque total de pessoas ocupadas na capital. Portanto, a força de trabalho ativa e remunerada de João Pessoa está em franca expansão.

A relação entre emprego, renda e desenvolvimento é um ciclo virtuoso, e João Pessoa está demonstrando isso na prática. Mais postos de trabalho geram mais renda. Essa renda, por sua vez, transforma-se em maior consumo — nas compras de supermercado, no lazer, na educação, em novos móveis e até na compra do primeiro imóvel.

O aumento do consumo não se esgota em si mesmo; ele é o principal combustível para que o ciclo continue girando. A demanda aquecida incentiva os empresários locais a investir mais, expandir seus negócios e, crucialmente, contratar mais. Assim, mais consumo gera mais desenvolvimento, mais renda e, finalmente, mais emprego. O IBGE considera a renda média pessoense em 2,7 salários mínimos (dado de 2023); eu prefiro projetar dados mais modestos para os assalariados CLTs, cujos estudos me levam a um valor de R\$ 2.800 (médio). De toda forma, a entrada desses 61 mil novos trabalhadores representa, para João Pessoa, uma injeção potencial acima dos R\$ 170 milhões por mês. Este fluxo constante de dinheiro é o que transforma o crescimento do emprego em desenvolvimento real e tangível, elevando o consumo e, consequentemente, estimulando a contratação de ainda mais pessoas, perpetuando o ciclo virtuoso.

Os dados do Caged não são apenas um número frio; são um indicador de que a economia de João Pessoa entrou em uma rota de crescimento sustentável, beneficiando-se da confiança do empresariado e do talento do trabalhador local. É um capital social e financeiro que, se bem gerido e apoiado por políticas públicas de infraestrutura e capacitação, continuará a impulsionar a capital paraibana rumo a um desenvolvimento ainda mais vigoroso.

A notável criação de 61.517 novos empregos CLTs em João Pessoa, de janeiro de 2021 a outubro de 2025, não é um fenômeno aleatório. Ele é o resultado direto da força de dois setores que se complementam e injetam capital maciço na economia local: o Turismo e a Construção Civil. Como condimento, injetamos o fator: Qualidade de Vida!

O desafio, agora, é manter e acelerar este ritmo, garantindo que o ciclo virtuoso do crescimento alcance todos os bairros e setores da nossa capital.



Fotógrafa aposta em vender pacotes de ensaios temáticos produzidos em estúdio

DESENVOLVIMENTO

Estado leva mais ciência e tecnologia ao interior

Complexo Científico do Sertão descentraliza investimentos do estado no setor

Bea Alcântara
Ascom Secties

“Sistema formado por um meio natural e pela comunidade de organismos, assim como as inter-relações entre ambos”. Essa é a definição do Dicionário Michaelis para a palavra “ecossistema”. Ao adicionar a inovação nessa equação, o resultado é o projeto que está sendo desenvolvido pelo Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), no Sertão paraibano, com o Complexo Científico do Sertão.

O objetivo do Complexo é descentralizar as ações de Ciência, Tecnologia e Inovação da capital para chegar também ao interior do Estado, alcançando o Sertão e transformando essa região em referência. Dentre as iniciativas que fazem parte do projeto, quatro equipamentos destacam-se como protagonistas: o Radiotelescópio Bingo, localizado no município de Aguiar; a Cidade da Astronomia, em Carrapateira; o Monumento Natural Vale dos Dinossauros, em Sousa; e o Museu de Arqueologia, que será em Cajazeiras.

Para garantir a melhor gestão nesse território, a Secties conta com a parceria da La Salle Technova Barcelona, uma instituição que é referência em ecossistemas de inovação com *expertise* na implantação ao redor do mundo. O acordo entre as duas entidades foi firmado em abril deste ano e busca trazer metodologias inovadoras e sustentáveis na implementação do Complexo Científico do Sertão, a fim de promover o desenvolvimento territorial.

São ações que vão potencializar o turismo, comércio, educação e desenvolvimento científico desse ecossistema de inovação no Sertão, considerando o desenvolvimento de tecnologias sociais e de sustentabilidade do bioma Caatinga em torno do Complexo.

Outro resultado dessa parceria Paraíba/Espanha, fruto do Programa Paraíba sem Fronteiras, é a criação de um Pacto de Inovação no Sertão paraibano, seguindo as melhores práticas e diretrizes

da La Salle Technova Barcelona. Pensando nisso, a Secties promoveu uma série de reuniões estratégicas da tríplice hélice com a La Salle, em novembro, para apresentar a região e o Complexo Científico do Sertão, certificando-se de que a instituição catalã, além de gestores locais e a comunidade em geral, possa compreender as particularidades do território e as demandas.

Para o secretário Claudio Furtado, esse diálogo direto entre as hélices e a La Salle é de suma importância. “Primeiro, para aproveitar a experiência que a La Salle tem, para que a gente una aqui os setores da empresa, governo e academia e a sociedade civil, que hoje é chamada de ‘quádrupla hélice’, e a gente possa pensar para os próximos anos no pacto pela inovação do Estado”, explicou.

Esse foco no desenvolvimento territorial, principalmente voltado ao Complexo Científico do Sertão, é um tra-

balho de formiguinha. “Tudo isso para que as pessoas que vivem lá possam se aproveitar disso para melhorar a qualidade de vida e desenvolver aquela região. É uma maneira de aproveitar todas as competências que temos no estado para desenvolver o estado e, em particular, o Sertão”, ressaltou o secretário da Secties.

O presidente da La Salle Technova Barcelona, Josep Piqué, afirma que essa iniciativa “assegura esforços para o desenvolvimento do Sertão em um trabalho coletivo para um propósito comum”. Segundo ele, a aposta na criação de um pacto pela inovação no semiárido paraibano é “muito inteligente e vai significar uma mudança na região, um antes e depois”. Afinal, as políticas públicas podem transformar os paradigmas estabelecidos em um território “e a expectativa é que isso possa inspirar futuramente e esse modelo possa ser aplicado em outros lugares”, concluiu Piqué.

Os próximos passos da consultoria envolvem os esforços de uma equipe técnica vinculada à Secties e todos os agentes que estão vinculados a essa ação, no entendimento das pautas discutidas durante as reuniões e na consolidação desses dados. O resultado de todo esse trabalho culminará na oficialização do Pacto pela Inovação, previsto para 2026.

O objetivo desse pacto é transformar o Sertão em um polo turístico científico, a partir da promoção de projetos de pesquisa aplicados às necessidades da região, da capacitação de profissionais para setores estratégicos e do fomento a *startups* e empresas do campo da inovação. Com isso, fortalece-se a pesquisa científica e o empreendedorismo local, garantindo sustentabilidade e melhor qualidade de vida para o Sertão.

“É uma maneira de aproveitar todas as competências que temos no estado para desenvolver o estado e, em particular, o Sertão

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Por que somos feitos de poeira estelar?

“O cosmo está dentro de nós. Somos feitos de matéria estelar. Somos uma forma do universo conhecer a si mesmo” — essa frase do astrônomo e comunicador Carl Sagan, que ficou muito conhecido pelo seu seriado de divulgação científica “Cosmos” (1980), exemplifica bem a afirmativa de que nós somos pó de estrelas. Mas de onde vem essa afirmação poética de Carl Sagan, da qual nós nos apropriamos para o título desta coluna semanal?

Logo depois do Big Bang, não havia átomos; depois foram se formando átomos como o hidrogênio e hélio; 100 milhões de anos depois, tínhamos as primeiras estrelas. No interior delas, havia hidrogênio sendo transformado em hélio, num processo de fusão nuclear, onde o hidrogênio vai sendo fundido, ou seja, dois átomos de hidrogênio são transformados em um átomo de hélio liberando energia.

Isso acontece até a estrela consumir todo o seu hidrogênio e transformar em hélio. Ela passa então para uma fase chamada de “gigante vermelha” e, daí em diante, começa a ter mecanismos que vão fazendo com que aconteçam processos de fusão cada vez mais fortes, criando átomos mais pesados, chegando até o ferro.

No processo de vida evolutiva das estrelas, quando elas atingem uma certa idade, o equilíbrio físico que as mantém estáveis começa a entrar em colapso, levando-as a uma grande explosão que conhecemos como “supernova”. Essas primeiras estrelas, ao atingir essa fase, jogaram no universo elementos que compunham uma poeira estelar, uma poeira cósmica.

Com a ação da gravidade, essas massas de poeira vão dando origem a novas estrelas, planetas e sistemas planetários. Se, por exemplo, enxergarmos a formação do nosso Sistema Solar e de um planeta como a Terra, percebemos que o surgimento da vida decorre desse mesmo processo. Os átomos que compõem tudo que está no planeta Terra e cerca de 84% da composição do corpo humano são formados por carbono e nitrogênio, e os outros 16%, por outros elementos.

Então nós podemos dizer, por exemplo, que os átomos de ferro na nossa corrente sanguínea vieram de uma estrela muito antiga. É uma memória do universo que está em nós.

Ao afirmar aquela frase poética e lúdica, Carl Sagan tinha um senso da realidade do que acontece no universo e da evolução que nos trouxe até aqui: a evolução estelar, as grandes explosões, os efeitos catastróficos que espalham matéria no universo e fazem surgir vida. É interessante perceber que, de uma explosão, um fenômeno turbulento, se originam todas as condições para que exista vida.

Trazendo para um lado mais filosófico da questão, quando perguntavam a Einstein se ele acreditava em Deus, ele dizia que acreditava no deus do filósofo holandês do século XVII, Baruch Espinosa, que dizia: “*Deus sive Natura*”. Ou seja: “Deus ou a Natureza”.

A partir desse pensamento, Deus não é uma entidade separada de tudo o que existe no universo. Do ponto de vista do filósofo, em sua obra-prima “*Ética*”, Deus e o universo não são separados, mas dois aspectos da mesma realidade fundamental e infinita. Deus e a natureza são, na verdade, uma e a mesma coisa.

Logo, fazendo o paralelo com a poeira estelar de Carl Sagan: o que nos constitui é nada mais do que partes produzidas pelo próprio universo; isso vai de encontro ao ponto de vista filosófico de Espinosa.

Essa constatação, unindo ciência e filosofia, nos permite olhar para a nossa existência como parte de um processo maior, regido pelas mesmas leis naturais que moldaram o universo desde o início. Somos, literalmente, um fragmento do próprio universo. Somos poeira estelar.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba e professor doutor em Física da UFPB

Columnista colaborador



Fotos: Mateus de Medeiros



Secretaria da Ciência, Tecnologia e Inovação tem parceria com a La Salle Technova Barcelona



O governador João Azevêdo (centro) acionou o Estado nessa iniciativa parceira

Claudio Furtado

RESERVA HÍDRICA

Ações buscam preservar rios da PB

Bacia hidrográfica do Rio Paraíba abrange 38% das terras do estado e é a segunda maior da Região Nordeste

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

As águas dão nome ao estado. A bacia hidrográfica do Rio Paraíba, a segunda maior desse território, abrange 38% das terras paraibanas e batiza a região. Considerada uma das mais importantes do semiárido nordestino, tem uma área de 20.071,83 km², que só é menor que a do Rio Piranhas-Açu (26.183,00 km²), que nasce aqui e também passa pelo Rio Grande do Norte — totalizando 43.681,50 km². Além delas, o estado possui outras nove bacias, sendo 11 no total. A gestão desses espaços é feita por meio da criação de conselhos ou comitês (três estaduais e um federal), com integrantes da sociedade civil e Poder Público.

O Governo do Estado, por intermédio da Agência Executiva de Gestão das Águas (Aesa), cuida de seis dessas bacias, e o Governo Federal, das cinco restantes. Além de gerir os usos da água, os órgãos gestores, com base no Plano Estadual de Recursos Hídricos, também desenvolvem ações voltadas à preservação ambiental nesses locais.

Mesmo com menor área, em seu curso, a bacia do Rio Paraíba abriga 1.828.178 habitantes, que correspondem a 52% da população total do estado, incluindo as duas maiores cidades paraibanas: João Pessoa e Campina Grande. Esse número é superior ao do Piranhas-Açu, que abrange 102 municípios na Paraíba e alcança a população local em 914.343 habitantes.

Ao longo da bacia do Paraíba, por meio da ação dos governos Federal e Estadual, foram construídos vários açudes públicos, que são utilizados sobretudo para o abastecimento das populações e dessedentação dos rebanhos. Esses reservatórios são as principais fontes de água da região e, historicamente, nas ocorrências de estiagens, muitos deles entravam em situação crítica, como era o caso do Açude Epitácio Pessoa, em Boqueirão, que abastece mais de 20 municípios paraibanos, incluindo Campina Grande.

Hoje, após a transposição das águas do Rio São Francisco, esse cenário mudou. O gerente de hidrometeorologia e eventos extremos da Aesa, Alexandre Magno, ressalta que a situação dos rios e reservatórios hoje é deficitária, devido ao período normal de estiagem para esse período, mas, em Boqueirão, o pano-

rama é diferente.

“Porque os nossos rios são intermitentes, então, se chove, tem água; caso não, eles secam. O que acontece em alguns rios é que o governo fez a transposição de bacias, e muitos reservatórios estão tornando os rios perenes. Nessa época, eu acredito que 90% do sistema está com a vazão regularizada de forma mínima, para prever os usos futuros”, explica.

Ele destaca ainda que, como estamos numa região semiárida e a chuva é muito variável, é preciso aguardar a próxima recarga, ou seja, as próximas chuvas, que devem começar a ocorrer daqui a 60 a 90 dias.

Alexandre ressalta que, após essa recarga, caso ela

evolua bem, é que os sistemas voltam à chamada “normalidade”. “Mas na verdade essa ‘normalidade’ não existe, é um ciclo. Um reservatório está de uma forma hoje, amanhã pode mudar esse cenário”, afirma.

No caso de Boqueirão, ele ressalta que houve a chamada “redenção hídrica”: “Que são as águas do São Francisco entrando todo dia lá. O Rio Paraíba, que era um rio intermitente, ele hoje ficou perene, mas perene artificialmente, está sendo perenizado pela transposição. Então o Açude Epitácio Pessoa hoje recebe água constante, a Aesa faz essa operação de distribuição do uso da água. Inclusive, antigamente era meio hectare para cada usuário, para irrigação, e agora está em dois hectares,

para ver como o sistema melhorou muito a gestão”, esclarece, enfatizando que a transposição trouxe uma condição única para os locais que estão em seu curso.

“Agora, o restante do estado passa por uma estiagem normal para essa época. Se até março não houver recargas satisfatórias, aí a gente entra num período chamado de ‘seca’”, reforça Alexandre.

Além das bacias hidrográficas do Paraíba e do Piranhas-Açu, as outras nove são: Abiaí, Gramame, Miriri, Mamanguape, Camaratuba, Guaju, Curimataú, Jacu e Trairi. Nessas, estão distribuídos 135 reservatórios, monitorados pela Aesa.

“Hoje no estado tem quase 500 pontos de monitoramento,

que é feito diariamente, entre tempo, clima e recursos hídricos. Essas informações também são divulgadas no *site* da Aesa, e as pessoas podem acompanhar”, ressalta.

O gerente esclarece ainda que a agência trabalha com o fornecimento de água bruta, sobretudo para o abastecimento e para a criação animal, e que os demais usos são permitidos após sanadas essas primeiras necessidades, e na quantidade adequada ao nível de cada reservatório.

Ele explica também que, por meio do Plano Estadual de Recursos Hídricos da Paraíba, existem vários programas, de todos os tipos, desde ordenamento de solo, manutenção, monitoramento, fiscalização, recuperação de mata ciliar,

políticas para lidar com a degradação de solos e nascentes, entre outras ações, visando à preservação desses espaços.

“

Os nossos rios são intermitentes, então, se chove, tem água; caso não, eles secam

Alexandre Magno

Manutenção inadequada aumenta a degradação

Segundo destaca o professor do Departamento de Engenharia Civil e Ambiental da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Joácio Moraes, problemas de poluição em rios e nascentes são vistos no dia a dia pela população de João Pessoa, em espaços como o Rio Cabelo e Gramame — principal manancial responsável pelo abastecimento de água em João Pessoa e região.

“Ou cuidamos para não jogar resíduos e esgoto, ou vamos perder o nosso maior bem”, lamenta ele. O professor, que também integra o Movimento Esgotei, voltado à defesa ambiental, comenta que muitos desses espaços estão ficando assoreados, por isso, nos períodos de chuva, os cursos d’água têm cada vez menos capacidade de abrigar as precipitações.

“Muitas vezes ações da prefeitura vêm retirando material do fundo do rio, fazendo a dragagem, mas essa lama retirada é colocada às margens dos rios, devastando a mata ciliar. Além disso, quando vem a próxima chuva, esse material é levado pela água, novamente para os rios”, afirma. Joácio aponta que na universidade há diversos profissionais que poderiam auxiliar a defesa civil municipal e outros órgãos nesse trabalho.

“Precisamos enfrentar os problemas de forma definitiva, com a formação de comitês técnico-científicos para cada problema que existe, senão ficaremos apenas enxugando gelo”, lamenta ele, que pontua que as ações públicas, embora existam, não acontecem na rapidez e na medida



Técnicos da Semam atuam na recuperação de nascentes

necessárias para de fato solucionar os problemas ambientais encontrados nas bacias hidrográficas.

O professor ainda aponta que campanhas educativas também são essenciais para conscientizar a população, evitando que moradores joguem resíduos de forma inadequada, por exemplo, e também que saibam onde denunciar caso tomem conhecimento de irregularidades.

Entre as ações que vêm sendo desenvolvidas para preservação dos rios e nascentes, destacam-se iniciativas como o projeto Nascente Viva, desenvolvido pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), com o objetivo de promover a recuperação ou regularização ambiental das Áreas de Preservação Permanente (APPs), às margens das bacias dos rios Paraíba e Gramame.

Até então, por meio dessa iniciativa, 120 hectares receberam reposição, com o plantio de mudas de espécies nativas e outros 80 estão em fase de implantação. No que se refere às nascentes, 10 já estão em recuperação ambiental e outras cinco estão em fase de

implantação.

“Esse é um projeto que busca a preservação dos recursos naturais e a melhoria da qualidade da água por meio do plantio de mudas nativas, mas que também inclui ações educativas envolvendo a comunidade local, escolas e instituições, com o intuito de conscientizar a população sobre a importância da conservação ambiental e a fiscalização para fins de cumprimento da legislação ambiental pertinente”, explica o superintendente da Sudema, Marcelo Cavalcanti.

Os proprietários rurais que tenham interesse em participar do projeto, devem entrar em contato com os canais da Sudema. A partir disso, será realizada uma vistoria e a assinatura de um Termo de Compromisso. As empresas, que têm obrigações legais de compensação ambiental, financiam e executam o reflorestamento, incluindo a contratação de técnicos, licenciamento ambiental e plantio de mudas.

Ao autorizar as ações em suas terras, os proprietários rurais comprometem-se a preservar as áreas e informar

problemas. Além disso, podem obter benefícios ambientais e legais, como obtenção da Licença de Adesão e Compromisso para acesso ao Tarifa Verde e a outorga de uso da água, ressalta a Sudema.

Outro órgão que promove ações visando à preservação dos rios é a Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas-PB). Por meio do Projeto Corredor das Águas, que funciona a partir da integração de Soluções Baseadas na Natureza (SbN), promove-se a conexão entre as comunidades e o meio ambiente.

As ações envolvem a restauração de áreas protegidas, a recuperação de leitos regulares de rios e a formação de corredores ecológicos. Além disso, o projeto atua de forma colaborativa, buscando a adesão de moradores das regiões beneficiadas, instituições de Ensino Superior e diversas entidades parceiras. A iniciativa ainda prevê a oferta de assistência técnica, capacitações, fomento à produção de mudas e apoio à criação de uma rede de coletores de sementes para a restauração ambiental.

Ainda em fase de estruturação e implementação dentro do Programa Paraíba Mais Verde, a previsão é de que o projeto comece a ser executado em 2026. A execução será conduzida em Unidades de Planejamento, como bacias e microbacias hidrográficas.

O início das atividades será priorizado nos territórios do Litoral Norte (Camaratuba e Mamanguape) e Litoral Sul (Gramame-Mamuba), abrân-

gendo a Zona da Mata Paraibana. As bacias hidrográficas mencionadas incluem os rios Abiaí, Gramame, Mamanguape e Camaratuba.

Recuperação

No município, a Secretaria de Meio Ambiente de João Pessoa (Semam-JP) também promove ações para recuperação e preservação dos rios da cidade, como a recuperação de nascentes. Essa ação envolve o plantio de mudas para recompor a vegetação natural nesses locais, ajudando a prevenir erosão e assoreamento.

Ainda são feitas coletas de amostras de água, para análise físico-química e microbiológica, que podem ajudar a orientar as ações de restauração. Outras iniciativas envolvem: recomposição da mata ciliar (localizadas às margens dos rios); monitoramento da qualidade da água; limpeza, desassoreamento e remoção de entulho e lixo; e fiscalizações e vistorias ambientais.

Além disso, o Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica, implementado em parceria com a Fundação SOS Mata Atlântica, inclui diretrizes para proteger as matas ciliares e os mananciais urbanos. Esse documento orienta o uso do solo, mapeamento das áreas de nascentes e define políticas para evitar a degradação ambiental dos corpos hídricos. A secretaria também promove ações de educação ambiental, sensibilizando e mobilizando a população para contribuir com a preservação desses espaços.

OTÁVIO RIBEIRO COUTINHO

Dirigente da Feap faz balanço positivo de 2025

Apesar das dificuldades financeiras para a promoção de competições no automobilismo, ele projeta avanços para a próxima temporada

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

A Federação de Automobilismo do Estado da Paraíba (Faep) encerrará o ano com 114 pilotos federados e uma temporada que contou com diversas competições de grande sucesso que renderam bons frutos à modalidade esportiva no estado. O presidente da entidade há quase 10 anos, Otávio Ribeiro Coutinho, em entrevista ao jornal **A União**, faz um balanço da temporada atual e projeta ainda maiores avanços nesse cenário em 2026.

Otávio Ribeiro destaca a importância dos empresários Fernando Monteiro e George Crispim no automobilismo da Paraíba

Foto: Evandro Pereira

Entrevista

■ *Qual a avaliação que você faz em relação ao ano de 2025 para o automobilismo paraibano?*

Em 2025, mesmo com toda a situação [financeira] que nós estamos vivendo, foi um ano positivo. Em relação ao *kart*, o *grid* diminuiu um pouco, sim. Mas temos outras praças desportivas que foram criadas aqui no Nordeste, como o cartódromo em Alagoas, e, com isso, teve aumento de pilotos lá. Eles também estão começando a vir aproveitar a pista daqui; é tanto que, no ano que vem, além do nosso estadual, nós vamos ter um regional tanto com os pilotos daqui, da Paraíba, no Paladino, como de lá, e, com isso, eu acredito que o *grid* vai aumentar consideravelmente. Sobre o Autódromo Internacional, esse cresceu bastante. Nós temos uma categoria de iniciantes que se chama “Palio Cup”, com carros no *grid* todos iguais, com a mesma motorização, um nível muito similar de um carro para o outro. Então é uma corrida bacana de se assistir, bem disputada, temos pilotos de toda a região do Nordeste e é muito bom. E as outras marcas também aumentaram seu número de carros no *grid*. Eu acredito que o ano que vem vai aumentar mais ainda.

■ *Como você avalia o trabalho que Giovanni Guerra, maranhense reeleito para a presidência da Confederação Brasileira de Automobilismo (CBA) para o quadriênio 2025–2029, vem fazendo? Qual a importância de termos um nordestino nesse cargo?*

Nós estamos tentando modificar o próprio estatuto da Confederação, para que ele não só faça esses oito anos, como manda o estatuto, mas fique mais quatro anos, porque a Confederação nunca cresceu tanto, nunca se criou uma credibilidade tão grande, tanto a nível nacional como internacional. Hoje, a CBA é uma das instituições mais respeitadas no mundo todo, não só aqui, dentro do Brasil. Ele criou credibilidade junto aos promotores de eventos, e com isso o automobilismo, não só na Região Nordeste, mas em todo o Brasil, cresceu sensivelmente.

■ *Há algum tempo, foi levantada a possibilidade de João Pessoa receber uma das etapas da Stock Car. Ainda existe essa possibilidade?*

Nós temos essa possibilidade, através de um circuito de rua, que seria lá no Altiplano: parte do circuito seria dentro do próprio Centro de Convenções, se utilizaria toda aquela estrutura para boxes e o restante do circuito seria naquele anel externo, que passa naquela estrada que dá acesso ao Conde. Também há a possibilidade de se realizar no próprio Autódromo daqui: o proprietário de lá, o senhor Fernando Monteiro, está fazendo novos investimentos para se adequar perante as medidas exigidas pela CBA para receber uma homologação a nível nacional e, com isso, virão eventos a nível nacional. Não imediato a Stock Car. Virá a Turismo Nacional, a Sprint Race (Nascar Brasil) e, logo depois, a Stock Car. Porque são vários detalhes, como o *pit lane*, que está um pouco estreito, tem que alargar, entrada e saída de boxes, enfim, o que está faltando lá são alguns itens referentes à segurança, tanto para os pilotos como para o público de um grande evento. Eu acredito que essa homologação saia no ano que vem.

■ *Na sua concepção enquanto dirigente, o que é que faz a Paraíba ser tão forte nesse cenário de automobilismo?*

Primeiro, agradeço a Deus por ter dois malucos aqui na Paraíba. Um se chama George Crispim, que é o proprietário do Paladino, e outro louco que se chama Fernando Monteiro, porque eles investem construindo essas praças esportivas, que sabem que não vão ter retorno financeiro; se tiver, é no longo prazo. Infelizmente, nós não temos o apoio forte, tanto de iniciativa privada como de iniciativa pública. Da pública nós conseguimos, em algumas situações, como ambulância, algumas coisas que diminuem os nossos custos para os eventos. E tem a questão que hoje, no Nordeste, o único local que tem praça esportiva funcionando o

é a Paraíba. No Ceará, infelizmente, o Autódromo de Eusébio, eu acredito que só vai funcionar até esse ano; está uma luta tremenda lá. O Autódromo de Caruaru, está tendo uma movimentação dizendo que também vai sair; eu acho muito difícil. Então, aqui, a Paraíba está privilegiada por causa desses dois malucos, e também por nós estarmos muito centralizados. Nós estamos no meio do litoral do Nordeste. Então fica bom tanto para quem está na Bahia para vir à Paraíba quanto para quem está lá no Maranhão vir também.

■ *Em 2026, nós teremos o jovem pernambucano Rafael Câmara disputando a Fórmula 2, além do paulista Gabriel Bortoleto na Fórmula 1. A Feap tem buscado a revelação de jovens talentos paraibanos no automobilismo? Se sim, como?*

Tudo inicia no *kart*. Se você tem um *kart* forte, você tem perspectiva de ter representantes fortes saindo daqui da Paraíba. Mas é como eu falei: o dinheiro está pouco e o povo está priorizando outras situações. Porque hoje, pra você colocar uma criança para iniciar no *kart*, logo de entrada, o pai do piloto gasta em torno de 100, 120 mil. Só de estrutura de ferramentas, equipamentos e o próprio *kart* para entrar para competir profissionalmente. Então você vai pra uma corrida e já gasta de 8 a 10 mil reais numa etapa na Paraíba, com inscrição, pneus, mecânico, hotel; tem tudo isso, não é barato. E, quando você começa, você não vai correr só aqui. Você tem que ir para outras praças esportivas e disputar com outros

pilotos, de outras regiões. E ali é uma escola, você vai aprendendo. É um passo a passo. Você começa num *kart*, para, como o Rafael Câmara, chegar numa F2. Você tem que ter um senhor “PAltrocínio”, pra chegar nessa situação. A gente tem a praça esportiva, que tá aí pra o pessoal começar. Tem as escolas de *kart*, lá no próprio Paladino. O que inviabiliza é essa questão financeira, porque é muito difícil, até pra questão de patrocínio.

■ *Em 2026, você completa 10 anos como presidente da Feap. Quais desafios e avanços você notou nesse período?*

Uma dificuldade é você querer que a coisa aconteça sem ter o apoio da iniciativa privada, e, portanto, tudo ser muito difícil. Mas a gente está caminhando, está crescendo, devagarzinho, como eu falei, com o Fernando Monteiro e o George Crispim, já que a ajuda da parte da iniciativa privada são eles dois. Estamos fazendo a coisa acontecer. E também a grande ajuda dos pilotos, porque, puxando pra lá, pra cá, a grande estrela do negócio são os pilotos. Se não tiver o piloto, não existe a união. E a perspectiva é de crescer mais. A gente espera que 2026 seja um ano bem mais positivo.



Uma das provas no Autódromo Internacional da Paraíba nesta temporada, que tem reunido pilotos de várias partes do Nordeste

Foto: Reprodução/Instagram @garagem83

BRASILEIRÃO

Última rodada define dois rebaixados

Internacional, Vitória, Fortaleza, Ceará e Santos lutam desesperadamente para se manterem na Primeira Divisão

Agência Estado

O Brasileirão encerra-se hoje, com nove partidas, todas às 16h. O destaque fica por conta da luta contra o rebaixamento. Internacional, Vitória, Fortaleza, Ceará e Santos vão entrar em campo buscando se salvar do descenso. A contundente vitória por 3 a 0 sobre o Juventude, com direito a *hat-trick* de Neymar, permite que o Alvinegro praiano jogue mais tranquilo na última rodada, diferente do Colorado, que tem situação mais complicada na Série A.

Segundo dados do Departamento de Matemática e Estatística da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Santos chega na última rodada do Brasileirão com apenas 2% de probabilidade de cair para a Série B. A equipe está na 14ª posição, com 44 pontos. Na última rodada, o time de Neymar joga na Vila Belmiro contra o Cruzeiro, que deve poupar titulares visando as semifinais da Copa do Brasil.

Por sua vez, o Inter vive situação para lá de dramática. Depois de ser goleado pelo Vasco, por 5 a 1, os gaúchos entraram na zona de rebaixamento faltando somente três rodadas para o fim do campeonato. Na última quarta-feira (3), o time colorado foi derrotado por 3 a 0 pelo São Paulo, na Vila Belmiro, e caiu para o 18º lugar, com 41 pontos.

O risco de o Inter ir para a Segunda Divisão é de 77,6%. O time gaúcho joga em casa contra o Bragantino e, além de vencer, precisa torcer pelo tropeço dos adversários diretos na luta contra o Z4 para escapar da queda.

Ceará e Fortaleza chegam na rodada derradeira preci-



Foto: Divulgação/Fortaleza

O Fortaleza vem fazendo uma campanha de recuperação nas últimas rodadas e precisa vencer o Botafogo para não depender de outros resultados

sando pontuar para ficar na primeira divisão. O time alvinegro, 15º com 43 pontos, tem 20,3% de risco de queda. O seu adversário será o Palmeiras, na Arena Castelão. Já o tricolor cearense está invicto há nove partidas, com quatro vitórias consecutivas, e saiu do Z4 na penúltima rodada. Em 16º com os mesmos 43 pontos do rival, mas com pior saldo (-4 a -13), a equipe do técnico argentino Martín Palermo tem risco de 35% de ir à Segunda Divisão e desafia o Botafogo, no Rio.

Depois de ficar cinco jogos invicto, o Vitória tomou

duro golpe e foi goleado pelo Red Bull Bragantino, por 4 a 0, em jogo atrasado da 24ª rodada. O time baiano entrou no Z4 e ocupa a 17ª posição, com 42 pontos. A probabilidade de rebaixamento da equipe, que recebe o São Paulo, em Salvador, é de 65%.

Libertadores

Flamengo, Palmeiras, Cruzeiro e Mirassol já garantiram vaga direta na fase de grupos da Libertadores de 2026. Fluminense, Bahia e Botafogo têm vaga assegurada pelo menos nas fases prévias às disputas dos grupos.

Na última rodada, esses três jogam pela última vaga direta no torneio continental, via Brasileirão, reservada ao quinto lugar.

Na sexta posição com 60 pontos, o Bahia tem confronto direto com o Fluminense, quinto colocado com 61 pontos, no Maracanã. O clube que vencer garante vaga na fase de grupos da Libertadores. Para ficar com a classificação direta, o Botafogo, sétimo lugar com 60 pontos, necessariamente, terá que ganhar do Fortaleza e torcer para que não haja vencedor no duelo entre seus concorrentes.

Outra briga relevante, mas secundária, é pela oitava posição, que pode dar vaga na pré-Libertadores caso Cruzeiro ou Fluminense vençam a Copa do Brasil. O São Paulo inicia a rodada ocupando esse lugar com 51 pontos, tendo três de vantagem para o Bragantino, nono colocado com 48 pontos.

O Tricolor garante a posição com um empate contra o Vitória, no Barradão. Se perder, terá que torcer contra o Massa Bruta, que visita o Internacional, no Beira-Rio.

Risco

Situação do Internacional é bastante complicada na última rodada do Brasileirão e a possibilidade de cair para a Série B chega a 77,6%, segundo dados da Universidade de Minas Gerais

FÓRMULA 1

Três pilotos brigam na última prova pelo título do Mundial

O amante do automobilismo vai conhecer, hoje, a partir das 10h (horário de Brasília), no GP de Abu Dhabi, o campeão mundial de pilotos, já que o de Construtores ficou com a McLaren de forma antecipada.

Pela primeira vez desde 2021, a Fórmula 1 chega à última etapa do ano com a briga pelo título ainda aberta. E, desde 2010, o campeonato não tinha mais de dois candidatos ao título.

Lando Norris chega à liderança do campeonato com 408 pontos, contra 396 de Max Verstappen e 392 de Oscar Piastri. Com 25 pontos em jogo na última etapa do ano, o britânico precisa subir ao pódio para não depender dos resultados dos outros para levar seu primeiro título. Ao falarem sobre a situação das ordens de equipe durante a coletiva de imprensa dos pilotos em Abu Dhabi, Norris e Piastri explicaram que a possibilidade de pedir um ao outro para passar para o outro lado não havia sido discutida dentro da equipe.



Foto: Reprodução/Instagram @lando



Foto: Reprodução/Instagram @maxverstappen1



Foto: Reprodução/Instagram @oscarpiastri

O inglês Lando Norris necessita terminar no pódio para conquistar o título, também disputado pelo holandês Max Verstappen e o australiano Oscar Piastri

Mas Zak Brown, chefe da equipe, disse à Sky Sports F1 que seria tolice não aplicar as ordens de equipe se apenas um dos pilotos estiver na disputa durante a corrida.

“Sim, é claro. Somos realistas. Queremos vencer o campeonato de pilotos”, afirmou ele quando per-

guntado se a equipe pediria a Piastri para abrir para Norris se ele não estivesse mais na disputa.

Mudanças em 2026

A Fórmula 1 passará por uma das maiores mudanças de regulamento técnico de sua história em 2026. Além de novas unidades

de potência, que serão alimentadas 50% pelo motor a combustão e 50% pelo componente elétrico, os carros terão novos chassis, que começarão a ser apresentados em janeiro do ano que vem.

Até agora, cinco das 11 equipes de 2026 já anunciaram a data de lançamento dos seus carros. Red Bull

e Racing Bulls serão as primeiras, em 15 de janeiro. Logo em seguida, a Alpine mostrará o novo monoplacado, já em Barcelona, local do primeiro teste pré-temperado.

No início de fevereiro, Cadillac e Aston Martin lançarão os novos carros. A equipe americana,

estreante na F1, mostra o novo carro dia 08, durante uma propaganda do Super Bowl, final da NFL, principal campeonato de futebol americano. O time de Silverstone, que será comandando por Adrian Newey em 2026, lançará seu carro no dia seguinte, 09 de fevereiro.

FLAMENGO

Jorginho supera lesões e vira símbolo

Volante consegue rápida adaptação ao futebol brasileiro, sendo um dos jogadores mais importantes nas conquistas

Agência Estado

Em menos de seis meses, Jorginho tornou-se peça fundamental do elenco do Flamengo. Contratado pelo clube carioca no início de junho, o meio-campista não demorou para cair nas graças da torcida rubro-negra.

Um dos nomes de confiança do técnico Filipe Luís, Jorginho é um dos símbolos da conquista do Flamengo no Campeonato Brasileiro. O primeiro troféu do jogador no futebol nacional.

“É fruto de muito trabalho, muita entrega, muita seriedade. Com certeza, é mérito de todas as pessoas envolvidas. Todo mundo por trás do CT, o envolvimento da torcida, todo o projeto, todo o trabalho nos bastidores. O resultado em campo é tudo fruto desse entorno todo que ajuda”, disse o meia, em entrevista à Globo após o título.

Jorginho amplia o número de taças na carreira. O atleta tem no currículo, entre outros, o título da Libertadores pelo Flamengo; do Mundial de Clubes, da Champions League e da Liga Europa, pelo Chelsea. Com a Seleção Italiana, levou a Eurocopa de 2020.

“A energia é sensacional. A conexão do grupo, o grupo é muito bom. Todo mundo é um pelo outro. Não tem ego, ego a gente deixa de lado, a gente quer ver o bem do



Foto: Adriano Fontes/Flamengo

Jorginho com os familiares durante a comemoração do título de campeão do Brasileirão, após a vitória sobre o Ceará

Flamengo. A gente trabalha para ver o companheiro crescer, entrar cada vez melhor para ajudar o time. Então essa energia, essa conexão faz toda a diferença”, declarou o jogador à Globo.

No Flamengo, Jorginho atua pela primeira vez no futebol brasileiro. O jogador, que nasceu em Imbituba, em Santa Catarina, e é naturalizado italiano, iniciou a carreira profissional no Hellas Ve-

rona, em 2010. Chegou a ser emprestado ao Sambonifacesse, também da Itália.

A partir de 2014, Jorginho defendeu o Napoli, ganhando maior destaque no cenário europeu. Pelo clube de Nápoles, conquistou uma Copa da Itália e uma Supercopa da Itália.

Em 2018, foi contratado pelo Chelsea. Na equipe inglesa, viveu o auge da carreira. Após passagem vitoriosa pelo time de Londres, trans-

feriu-se para o rival Arsenal, em 2023, ficando na equipe até junho de 2025, quando acertou com o Flamengo.

O meio-campista logo se adaptou ao futebol brasileiro e ao time carioca. Fez a estreia pelo Flamengo durante o Mundial de Clubes O primeiro jogo pela equipe em solo brasileiro foi no dia 14 de julho, na vitória por 2 a 0 sobre o São Paulo, no Maracanã, pelo Campeonato Brasileiro.

“Ah, uma estreia esperada, né? Com muita expectativa, não só por mim, mas pela minha família e amigos. E nesse *check-list* aí [dos estádios famosos em que jogou], com certeza o Maracanã é muito especial. A energia desse estádio, pelo que eu vi, é algo incrível. Foi muito especial para mim, para minha família e para os meus amigos, que agora vão ter a oportunidade de acompa-

nhar mais de perto”, disse Jorginho na ocasião.

“Foi bem diferente. Já na entrada do campo, um montão de criança. De onde sai tanta criança? (Risos). Um momento especial para mim, e acredito que um momento muito especial para essas crianças, um momento marcante. Foi algo muito bacana”, complementou.

Nos meses seguintes, Jorginho sofreu com algumas lesões no Flamengo. O atleta chegou a perder 10 partidas da equipe, após problemas na coxa. No entanto, o meio-campista recuperou-se para a reta final da temporada, ajudando o time a conquistar os títulos da Libertadores e do Brasileirão.

Jorginho foi um dos pilares da campanha do Flamengo, mesmo chegando ao clube na metade da temporada. Elogiado pelo técnico Filipe Luís, Jorginho coroa a rápida adaptação ao futebol nacional com o caneco do Campeonato Brasileiro.

“É um craque. Eleva muito o nível do nosso meio de campo. Eu amo esse tipo de jogador, que é um treinador dentro de campo. Ele leva sempre a minha ideia e entende muito rápido. Ele transmite e corrige o time dentro de campo, muitas vezes onde eu não consigo chegar. É um jogador muito diferente. Vamos poder desfrutá-lo aqui por um tempo”, afirmou Filipe Luís em julho.

EDIÇÃO DE 2026

Libertadores começa no dia 3 de fevereiro e já tem 33 clubes

Agência Estado

O Flamengo sagrou-se tetracampeão da Copa Libertadores da América ao vencer o Palmeiras por 1 a 0, no penúltimo dia de novembro, em Lima, no Peru. Para o ano que vem, o torneio já tem 33 equipes classificadas.

Em 2026, a Copa Libertadores está prevista para começar no dia 3 de fevereiro. No total, 47 times participarão da competição organizada pela Conmebol.

Além do Flamengo, outros seis clubes brasileiros já asseguraram um lugar na próxima Libertadores: Bahia, Botafogo, Cruzeiro, Fluminense, Mirassol e Palmeiras.

Como o Flamengo conquistou o Brasileirão por antecedência, os cinco primeiros colocados do tor-



Foto: Adriano Fontes/Flamengo

O Flamengo conquistou a Libertadores no dia 29 de novembro e no dia 3 de dezembro ganhou o Brasileirão

neio de pontos corridos já estarão na fase de grupos. O sexto e o sétimo jogarão a fase prévia da Libertadores. O país ainda terá uma vaga para o campeão da Copa do Brasil que está na fase de se-

mifinal, a partir do dia 10. A Argentina, por sua vez, já tem seis equipes garantidas: Argentinos Juniors, Boca Juniors, Independiente Rivadavia, Lanús, Platense e Rosario Central. O

tradicional River Plate corre o risco de não disputar a competição. O time precisa torcer para o rival Boca Juniors vencer o torneio Clausura para poder estar na Libertadores em 2026.

Clubes já classificados para a Libertadores de 2026

Brasil:

Bahia
Botafogo
Cruzeiro
Flamengo
Fluminense
Mirassol
Palmeiras

Argentina:

Argentinos Juniors
Boca Juniors
Independiente
Rivadavia
Lanús
Platense
Rosario Central

Bolívia:

Always Ready
The Strongest
Chile
Coquimbo Unido

Venezuela:

Carabobo

Colômbia:

Independiente
Santa Fé
Equador
Independiente del Valle

Paraguai:

2 de Mayo
Cerro Porteño
Guarani
Libertad

Peru:

Alianza Lima
Cusco
Sporting Cristal
Universitário

Uruguai:

Juventud
Liverpool
Nacional
Peñarol

ARBITRAGEM

CBF anuncia profissionalização de árbitros para o Brasileirão 2026

Agência Estado

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) anunciou que quer ao menos 30 árbitros profissionais no Brasileirão, a partir de 2026. A proposta foi apresentada por Rodrigo Cintra, chefe da Comissão Nacional de Arbitragem, no 1º Encontro de Executivos do Futebol, realiza-

do nesta semana, na sede da entidade, no Rio de Janeiro.

O objetivo é colocar em prática o Núcleo de Profissionais de Arbitragem ao longo do Campeonato Brasileiro do ano que vem. A CBF também revelou que o número pode aumentar e chegar a 60 até 2027, incluindo a Série B.

Depois de episódios po-

lêmicos envolvendo a atuação de juízes na Série A deste ano, a profissionalização da arbitragem ganhou força no segundo semestre. Em outubro, um Grupo de Trabalho foi criado para discussão de melhorias e há previsão da entrega de um relatório de atividades até janeiro do ano que vem.

O programa específico

para a arbitragem brasileira é baseado em modelos já existentes, como da Inglaterra, Itália, Espanha e MLS, a liga dos Estados Unidos.

Além de um salário fixo, a proposta, que deve contar com contratos anuais e rotina semanal de treinos, estuda a possibilidade de pagamento de bônus por partida. A CBF ainda

Polêmicas

Atuações de árbitros nesta temporada forçaram CBF a criar um grupo de trabalho para melhorar o nível técnico

pretende oferecer acompanhamento psicológico, de nutrição e de preparação física para os árbitros, e capacitação dos demais árbitros para padronização e possibilidade de ascensão.

Apesar da divulgação de vários pontos do programa, ainda não foi apresentada a previsão de salários que serão pagos nos contratos.



R Á D I O

Tabajara

FM 105,5

M K T E P C

A rádio que mais cresce em AUDIÊNCIA

No último ano, a **Tabajara 105.5FM** teve um crescimento de **47,31%** na sua audiência, atingindo **65 mil ouvintes mensais**, conforme dados da pesquisa Kantar IBOPE 2025. Isso é prova de que seja no esporte, na informação ou na música, a **primeira rádio da Paraíba permanece viva no coração dos ouvintes.**

HISTÓRIA

O mundo dos engenhos de açúcar

Assumindo um papel preponderante na formação do povo brasileiro, a atividade agroindustrial foi uma das principais fontes de riqueza do Brasil Colonial

Marcone Simões
Especial para A União

Nenhum dos grandes ciclos socioeconômicos ocorridos ao longo de cinco séculos da história do Brasil teve um papel tão preponderante na formação do povo brasileiro quanto o ciclo da cana-de-açúcar. A alma brasileira está, definitivamente, vinculada a essa atividade devido à intensa interação de três raças e três culturas que iriam moldar, de forma natural, o caráter do homem brasileiro. Somos uma inegável fusão da cultura dos povos originários, dos europeus e dos africanos. A ocupação territorial dessa terra, chamada de “Pindorama” pelos povos nativos, só iria se estruturar com o encerramento do extrativismo que caracterizou o ciclo do pau-brasil, coincidindo, exatamente, com o surgimento do ciclo da cana-de-açúcar, primeira atividade agroindustrial do Brasil Colônia.

Os engenhos foram instalados, originalmente, nas terras férteis e úmidas da linha litorânea do Nordeste. Essas unidades dispunham de grandes áreas para cultivo da cana e possuíam estrutura para o fabrico do açúcar. A crescente demanda europeia pelo produto brasileiro promoveu uma rápida expansão dos engenhos, que também passaram a ocupar territórios úmidos mais afastados do litoral. Como os nativos não se subjugaram nem se adequaram ao trabalho do eito, o império português não hesitou em trazer da África a mão de obra escravizada, para manter a produção e comercialização do chamado “ouro branco”, que o Brasil enviava diretamente para Portugal. O sangue e o suor dos africanos alimentaram a máquina geradora dessa riqueza agroindustrial até ocorrer a abolição da escravatura, em maio de 1888.

O mundo dos engenhos, durante mais de dois séculos, não foi apenas a principal fonte de riqueza do Brasil Colonial, foi também o verdadeiro ventre da nação brasileira. Portugal havia dividido a Terra de Santa Cruz em capitanias hereditárias com o objetivo de facilitar a administração da colônia, feita pelos

donatários, que por sua vez, estimulavam a ocupação territorial pela concessão de sesmarias. Assim, impregnado de forte paternalismo, repetia-se no Brasil o modelo feudal europeu de ocupação do solo.

A miscigenação física e cultural, no período colonial, criava sua própria dinâmica social. Havia insatisfações generalizadas em todas as classes sociais. A elite dos engenhos começava a reclamar da intensa fiscalização e crescente cobrança de impostos feita pelos representantes da Coroa Portuguesa, pois a administração colonial tinha, como seu principal objetivo, promover a máxima exploração econômica para favorecer o enriquecimento lusitano. Assim, os maiores investimentos feitos em terras tupiniquins visavam proteger o território de invasões estrangeiras, haja vista a cobiça de algumas nações europeias pelas propagadas riquezas tropicais.

O visível acúmulo de riqueza pelos senhores de engenho conferia-lhes grande prestígio regional, passando a desempenhar papel de autoridade local, com poderes autoimputados, para ditar normas, julgar e punir subalternos, muitas vezes de forma pessoal e cruel. Esse poder instituído nos engenhos servia para conter as tensões sociais com escravizados e para equilibrar a divisão de poder entre senhores e representantes da Coroa.

O surgimento de uma classe social dominante, encabeçada pelos senhores de engenho, mobilizou a Igreja Católica para expandir sua presença no entorno dessas unidades produtivas, cuja configuração incluía a casa-grande, a senzala, a casa do engenho e a capela. Essa aproximação do poder eclesiástico com o poder econômico dos senhores de engenho possibilitou a criação de novos conventos, para formar contingente de religiosos e fornecer educação formal aos filhos dessa elite nascente.

Vale registrar que, ocasionalmente, alguns jovens humildes também eram aceitos para receber formação nesses centros educacionais. A aproximação da Igreja Católica com o senhorio produziu uma malha

social com significativa representação política perante a administração do Brasil Colônia. Essa força política iria, futuramente, desembocar no sistema político conhecido como “coronelismo”.

Pela literatura, música e culinária

No início do século 20, foram produzidas as mais significativas obras literárias brasileiras ambientadas no mundo dos engenhos de açúcar. Essa honra coube a dois grandes escritores paraibanos: José Américo de Almeida, com o romance *A Bagaceira*, e José Lins do Rego, com a trilogia iniciada pelo romance *Menino de Engenho*. A leitura dessas obras possibilita-nos realizar um mergulho profundo no ambiente íntimo dos engenhos.

Quando esses livros foram escritos, não mais existiam escravizados nem senzalas, mas suas páginas ainda trouxeram, como que preso no ar, o aroma de suor do oprimido, o qual continuava presente na pele do trabalhador rural assalariado e do meeiro. A mão de obra rural continuou na labuta, sob frágil proteção trabalhista, até conseguir que seus direitos fossem assegurados por lei. Essa categoria de trabalhadores ainda seguiria lutando pela posse da terra, outrora doada para grandes proprietários e negada àqueles que arduamente trabalharam, para produzir a maior riqueza nacional. Essa insatisfação gerou a luta dos camponeses, que mais tarde revelar-se-ia no movimento dos “sem-terra”.

As mais remotas notícias da história da humanidade dão conta de manifestações culturais presentes em todas as civilizações, atestando que é quase impossível viver sem lazer e sem expressão da arte. No mundo dos engenhos, não seria diferente. Os senhores promoviam suas festas de salões e os escravizados reuniam-se ao ar livre, para cantar e dançar. Foi nesse espaço que surgiu a capoeira, disfarçada de jogo. Essa manifestação cultural foi uma das mais peculiares formas de luta e resistência, que permitiu aos cativos se defenderem e preservarem sua cultura.

A música popular brasileira incorporou os ritmos africanos de tal forma que não é possível desassociar uma coisa da outra. No samba e na batucada, essa influência é gritante, mas podemos encontrar a matriz rítmica africana em quase todas as pulsações da música popular. Está no sangue e na batida do coração brasileiro.

No paladar, encontra-se uma singular contribuição da presença africana nos engenhos: a tradicional feijoada nasceu na cozinha dos escravizados, que aproveitavam restos de carnes e cozinhavam junto ao feijão. Outro prato nordestino muito conhecido, o baião de dois, também teve origem semelhante. E o que dizer do cuscuz? Essa iguaria parece ser uma junção do fazer culinário indígena, árabe e africano. A culinária elaborada na cozinha dos escravizados também incluía sofisticados pratos para oferendas religiosas. A abundância de açúcar, melaço e da própria rapadura inspirará todo tipo de sobremesa, como as cocadas, o pé de moleque e os manjares à base de coco, açúcar e gema de ovos, que eram servidos na mesa dos engenhos nordestinos.

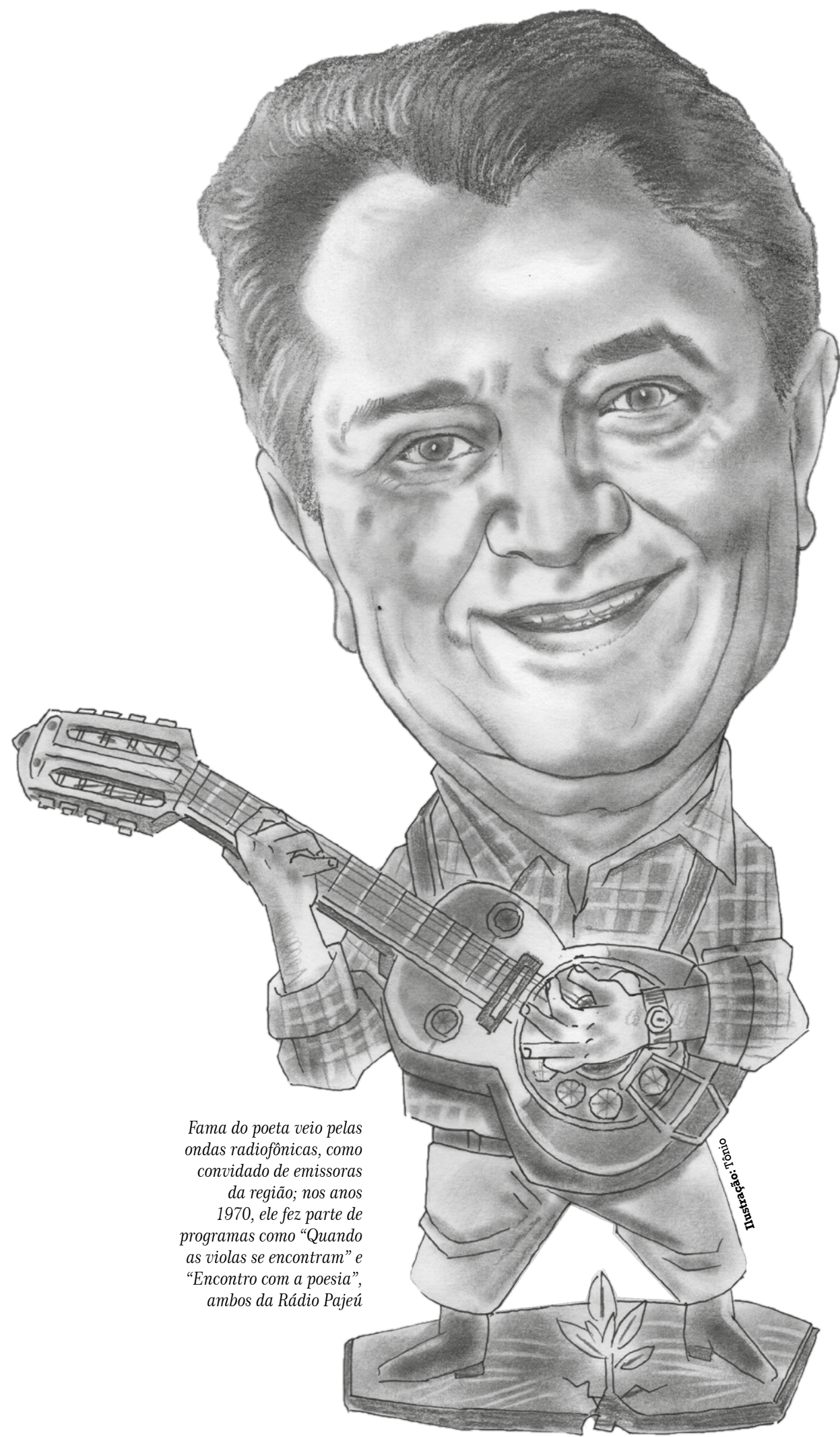
A cachaça, que atualmente é um produto emblemático do Brasil, surgiu nos engenhos, de forma acidental, a partir de um resíduo da produção do açúcar, um caldo chamado de “cagaça”. Os escravizados descobriram que esse caldo ao fermentar produzia uma bebida alcóolica que eles consumiam. Depois a “cagaça” passou a ser destilada e apreciada por toda a população. A legislação brasileira define a cachaça como uma bebida típica, que segue critérios específicos de produção. Em 2016, ela foi declarada patrimônio histórico e cultural nacional. Atualmente, a cachaça paraibana ocupa lugar de destaque no cenário nacional e vem colecionando premiações no país e no exterior.

Fotos: Leonardo Ariele

Terceira edição de “Menino de Engenho”, de José Lins do Rego, uma das obras que possibilitou um mergulho profundo no ambiente íntimo dos engenhos

Acima e ao lado, imagens do Engenho Corredor, no município de Pilar (PB), onde Zé Lins passou a sua infância





Fama do poeta veio pelas ondas radiofônicas, como convidado de emissoras da região; nos anos 1970, ele fez parte de programas como “Quando as violas se encontram” e “Encontro com a poesia”, ambos da Rádio Pajeú

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

“Herdeiro dos astros” e “Menestrel do Sertão”. Esses foram os títulos dados ao poeta e cantador João Paraibano, que levava de sua terra natal, para além do nome, as paisagens e experiências vividas na infância. Com a viola em punho, fez do Sertão do Pajeú, no Semiárido pernambucano, seu “paraíso”, onde se projetou no rádio, casou-se e construiu família.

João Pereira da Luz nasceu em 1952, num sítio do município de Princesa Isabel, onde também se criou. Filho de agricultores, as poucas lembranças que mantém da cidade do Alto Sertão paraibano eram de quando, ainda pequeno, acompanhava o pai para comprar mantimentos como café, rapadura e fumo. Montava no lombo do jegue e voltava para casa. Foi também no sítio que, com 12 anos de idade, incentivado pelo cantador José Miúdo, que frequentava a região, pegou na viola e cantou pela primeira vez. Não demorou muito para que deixasse o trabalho da roça e se fixasse em Afogados da Ingazeira. Pernambuco, onde viveu e fez sua vida em versos e acordes.

“Eu nasci no Sertão e me criei / escutando o xexéu de manhãzinha / O Nordeste me deu quando eu não tinha / E Jesus me atendeu quando chamei / Poesia foi quadro que plantei / nas paredes do meu interior / O espelho da mente é refletor / Onde eu vejo Jesus quando me deito / Obrigado, meu Deus, por ter me feito / Nordestino poeta e cantador”, assim se expressou o artista, num dos trechos do poema *Autorretrato*.

A alcunha de “Paraibano” foi dada, segundo o próprio cantador, por acaso.

Ao comentar, num programa da Rádio Pajeú, que tinha conhecido um rapaz talentoso, José Miúdo não se lembrou do sobrenome do jovem e, sabendo unicamente a sua origem, passou a chamá-lo de João Paraibano. O nome artístico pegou e foi assim que ele passou a ser conhecido por onde passava.

A fama veio pelo rádio. Primeiro, como convidado de emissoras da região. Depois, em 1973, com o programa *Quando as violas se encontram*, na Rádio Pajeú, dividindo o microfone com os poetas Moacir Laurentino e Raimundo Borges. Com a despedida dos companheiros da cidade, seguiu na mesma emissora, à frente do programa intitulado *Encontro com a poesia*.

Apesar de o repentista cantar outros mundos, eram as representações em versos das paisagens sertanejas que marcaram a sua obra. “Eu amo o mundo natural e, mesmo que eu quisesse, não tinha como enveredar por outros campos, porque fui criado na roça, e quando eu peguei a viola e comecei a viajar e a cantar nas feiras, minha cantoria era sempre falando de pedra, de jumento, de pau de arapuca, de pedra de quixó, de seca e de inverno. É uma cantoria que eu fui limpando um pouco — não é que eu seja um cantador apenas de seca, de Sertão e natureza —, mas é o mundo que eu gosto de ouvir e gosto de cantar”, revelou ele, em entrevista. Nos festivais dos quais participava, quando o tema era natureza, os cantadores já sabiam que João Paraibano se sairia bem.

Foi num desses eventos, o 2º Congresso Nacional de Violeiros de Campina Grande, em 1975, que o escritor e poeta Braulio Tavares conheceu João Paraibano, cantando em dupla com Sebastião Dias. “Naquele Olimpo de re-

Sergio Felipe Moraes**

Artigo*

Quando a aula vira uma “conversa”

Muitos dos comentários sobre educação no meio digital, feitos por diversos especialistas, abordam direta ou indiretamente a “aula”. Ela está no centro do debate educacional, mesmo que não seja citada ou problematizada.

Em virtude das recentes transformações do mundo, talvez não faria sentido “dar aula” ou defender esse conceito. Tecnicamente, videoaulas já podem reproduzir o modelo de “aula-palestra”, podendo ser assistidas infinitas vezes pelos alunos. Nesse sentido, programas que utilizam a inteligência artificial generativa na educação tentam reproduzir o modelo da “aula expositivo-dialogada”, baseado em perguntas problematizadoras e nas “perguntas de compreensão” mobilizadas pela docência em aulas presenciais. O modelo da “aprendizagem ativa”, em muitos casos, transforma a aula em um jogo de perguntas e respostas — um quiz.

O que parece estar obsoleto não é a aula, mas o conceito de aula e os modelos que tentam reproduzi-la na atualidade, seja na versão convencional ou na oriunda do mundo digital. Primeiramente, a linguagem não é um espelho que reflete automaticamente o sentido das coisas existentes neste mundo. Algo pode ser dito e não necessariamente compreendido, ou pode ser entendido de outro modo.

Outro problema é que a pergunta e o questionamento do estudante funcionam como intromissão nas formas de conduzir as aulas, restringindo o espaço para expansão do pensamento e das formas de



Em muitos casos, o modelo da “aprendizagem ativa” transforma a aula em um jogo de perguntas e respostas, como um “quiz”

Foto: Divulgação/Pexels

tas e a conjecturas do outro, a afetar e ser afetado. O entendimento funciona como resposta ao espaço de abertura ao contraditório, à busca por “algo a mais” que dependa do outro para existir.

Metodologicamente, a ideia é planejar como sensibilizar e despertar a curiosidade do outro para aprender algo que inicialmente não desejava, mas que pela reelaboração do conhecimento feita, passa a interessá-lo e afetá-lo. Incentivar os educandos a perguntarem o que sabem e o que não sabem para ler, escrever e desenvolver o pensamento crítico de forma integrada. E defender a necessidade de avaliar a aprendizagem conforme as professoras alfabetizadoras, que utilizam a “prática guiada” como parte do processo avaliativo.

■ ■ ■ ■

(*) Excepcionalmente, nesta edição, não teremos a coluna dominical da jornalista Angélica Lúcio, que retornará no próximo domingo (14).

■ ■ ■ ■

(**) Sergio Felipe Moraes é doutorando e mestre em Ensino de História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de especialista em Educação Tecnológica (Cefet-RJ). É autor do livro *Aula como conversa*, no qual propõe uma metodologia para atravessar os desafios da educação no mundo contemporâneo.

ser. E o aspecto fundamental é o desafio de saber lidar com interesses e desinteresses dos alunos pela educação escolar, especialmente quando se leciona para a juventude.

O conceito de “aula como conversa” surge em resposta a esses desafios, sendo compreendido como “espaço para debates” que “produz entendimentos por meio da comunicação”. Ela é aberta a pergun-

João Paraibano

Um cantador de sentimentos vindo do Sertão

pentistas no auge da arrancada para o sucesso, e que eu estava encontrando pela primeira vez, João não se des-tacava. Era tranquilo, baixinho, meio tímido, ainda mais jovem do que eu, e ficava em segundo plano diante de presenças mais vigorosas. Foi somente com o passar dos anos, a repetição dos congressos, e as noites em pé de parede que se prolongavam após as disputas, que pude vê-lo cantar mais solto, mais confiante, agigantando-se por trás da viola, ficando do tamanho dos versos que fazia”, confidenciou Tavares.

A simplicidade e inspiração articulavam-se com a segurança e na estruturação dos versos, fazendo dele um dos grandes nomes da cantoria nordestina. Braulio Tavares destaca que João Paraibano era um cantador de sentimento, que conhecia as minúcias da vida no Sertão e possuía uma compreensão psicológica das atitudes do sertanejo.

“Muitos versos de João, para mim, surgem naquele território poético da observação da natureza e da paisagem humana, dos costumes, dos pequenos gestos das pessoas. Um simples registro, um *flash*, mas numa concentração poética semelhante à do *haikai* japonês, capaz de em três linhas evocar uma paisagem física, uma estação do ano, um momento de introspecção e de meditação por parte do poeta que observa”, comprou Braulio Tavares.

Foram 40 anos dedicados à poesia e à cantoria, algumas delas gravadas em vinil e CD, outras que ficaram apenas nas memórias dos festivais e apresentações públicas. Viajou por cidades



Foto: Reprodução/Facebook

Canhoto, com sua viola, participou por três vezes do “Fantástico”, da Globo

como João Pessoa, Fortaleza e Recife, que, em sua opinião, eram as melhores para a cantoria, assim como pelo Sertão paraibano e toda a região do Pajeú pernambucano, que considerava como o “coração da poesia nordestina”.

No “show da vida”

No pé de parede — apresentação marcada pelo improviso e desafio, realizada em locais públicos, como feiras, mercados e praças — era onde João Paraibano preferia estar, pela aproximação das pessoas. “As duas melhores coisas para inspirar a cantoria são o silêncio e o calor humano.

Se você chegar a um clube e ver um mói de gente lá no fim do mundo e um palco, você pode ter certeza que você vai cantar ruim. Agora, quando você vê aqueles banquinhos atravessados e o povo pertinho da gente, é quase certeza que você vai cantar bem”, analisou ele, em entrevista.

João Paraibano frequentou a sala de aula por apenas uma semana. O interesse em aprender as primeiras letras só despertou aos 12 anos, quando precisava responder aos bilhetes da primeira namorada. “A gente não sente falta daquilo que não conhece. Eu fui nascido e criado na roça e eu achava que não ia sentir falta da escola, do es-

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Do caipira ao sertanejo de raiz — IX

É notório saber que, entre os vários caminhos pelos quais enveredou a nossa música caipira, diversos momentos foram por ela alimentados, em momentos diversos. São exemplos mais claros dessa realidade dos que nos chegaram advindos da fusão de guarânia paraquaiá, via Cascatinha & Inhama, bem como com a assimilação os ritmos mais modernos, quais sejam aqueles que foram vivenciados diretamente pela nossa Jovem Guarda.

O fato é que a juventude dos anos 1960, independentemente de gosto e aptidões musicais, cultivou o estilo sertanejo, fazendo com que algumas duplas transitassem com “passe livre” entre o sertanejo propriamente dito e o nosso iê-iê-iê, tanto com desenvoltura mercadológica como com apreciação rítmica.

Hoje, já não se estranha o fato de que tanto “intérpretes solo” quanto duplas tenham incorporado em seus repertórios “joias” da música caipira travestidas de baladas ou mesmo de *rock’n’roll* e, algumas vezes, incorporando até elementos do rock progressivo e do psicodélico.

Para se ter uma noção mais clara dessa última afirmação, basta que se lance mão (ou ouvidos) da engraçada composição de Rita Lee, parceria com Tom Zé, “2001”, com a valorização infinita dos arranjos dos inquietos Mutantes Arnaldo Batista e Sérgio Dias: “Astronauta libertado / Minha vida me ultrapassa / Em qualquer rota que eu faça / Dei um grito no escuro / Sou parceiro do futuro / Na reluzente galáxia”.



Imagem: Reprodução/Playboy

Capa do segundo álbum da banda Os Mutantes (1969), um marco de fonografia nacional

Por essa época e momento, já era bem visível a busca de modernização que se vinha tentando para o nosso cancionário de raiz. Incursionou pela mesma trilha a dupla formada pelos irmãos Chrystian & Ralf, inicialmente com esse alcançando bastante

sucesso com o chamado *pop-rock made in Brazil*. Posteriormente, a dupla enveredou por caminhos outros, como a música romântica com viés sertanejo, sem, contudo, se deixar levar pela novidade do tal “sertanejo universitário”, de gosto tão duvidoso.

Englobar

Hoje, já não se estranha o fato de que (...) tenham incorporado em seus repertórios “joias” da música caipira travestidas de baladas ou mesmo de *rock’n’roll*

Sérgio Reis foi outro que, advindo dos bastidores da Jovem Guarda (“Coração de Papel”, de 1967), se deu bem quando, depois de incursões pelo rock mais pesado, partiu para a música sertaneja, marcando presença com *hits* consagrados, como “O Menino da Porteira” (Teddy Vieira, 1954), “Panela Velha” (Celmar Gomes de Moraes e Ari Silvestre, 1988), “Pinga ni Mim” (Elias Filho, 1980).

Seguindo caminhos semelhantes, merece destaque a dupla Chitãozinho & Xororó, que desempenhou papel preponderante na abertura de maiores espaços para a música sertaneja, em emissoras e rádio e televisão. Grandes sucessos: “Evidências” (José Augusto e Paulo Sérgio Valle) e “Sinônimos” (autoral).

TECNOLOGIA

O que fazer quando seu WhatsApp for clonado?

Veja sinais de alerta e como confirmar acessos indevidos no seu aplicativo

Alice Labate
Agência Estado

Usuários do WhatsApp podem identificar rapidamente se tiveram a conta clonada ao verificar a área de aparelhos conectados no aplicativo e observar sinais de uso indevido, como mensagens desconhecidas ou mudanças no perfil.

Golpes que envolvem o acesso não autorizado ao WhatsApp estão cada vez mais comuns e, na maioria dos casos, criminosos tentam ativar a conta da vítima em outro celular ou usam sessões abertas no WhatsApp Web para ler e enviar mensagens. Por isso, entender onde sua conta está ativa é o primeiro passo para evitar prejuízos.

Além da checagem, alguns comportamentos suspeitos ajudam a indicar que outra pessoa pode estar usando o seu WhatsApp, como mensagens lidas sem que o dono da conta tenha aberto a conversa.

Como identificar

Para identificar se uma conta foi clonada, basta ficar atento às atividades incomuns e que o usuário não lembra de ter realizado, como mensagens enviadas ou lidas sem que o dono da conta tenha aberto a conversa.

Outra evidência é o recebimento de códigos de verificação por SMS quando o usuário não tentou entrar no WhatsApp em outro aparelho; esse tipo de mensagem indica que



Mudanças no perfil sem autorização, como foto, nome, recado ou status, são outro sinal de alerta de clonagem

Foto: Carlos Rodrigo

alguém está tentando registrar seu número.

Também vale prestar atenção a desconexões repentinas do aplicativo, porque, quando outra pessoa ativa sua conta em um novo dispositivo, o WhatsApp costuma derrubar a sessão anterior.

Além disso, mudanças no perfil sem autorização — como foto, nome, recado ou *status* — são outro sinal de alerta de que outra pessoa pode estar usando o seu perfil.

Sessões ativas

A forma mais rápida de confirmar um acesso indevido é verificar a lista de sessões ativas do WhatsApp. Esse recurso mostra todos os aparelhos que têm permissão para usar sua conta, incluindo computadores, navegadores e outros celulares.

Para acessar, abra o seu WhatsApp, entre em “Configurações” e toque em “Aparelhos Conectados”; essa área exibe a localização aproximada e o horário da última atividade de cada sessão. Se o usuário identificar algum dispositivo desconhecido ou um local diferente do

habitual, é possível encerrar a sessão imediatamente tocando no item e selecionando “Sair”.

O recurso funciona da mesma forma em iPhones e celulares Android, permitindo que o usuário revise todas as conexões em poucos segundos e elimine acessos suspeitos.

Charada

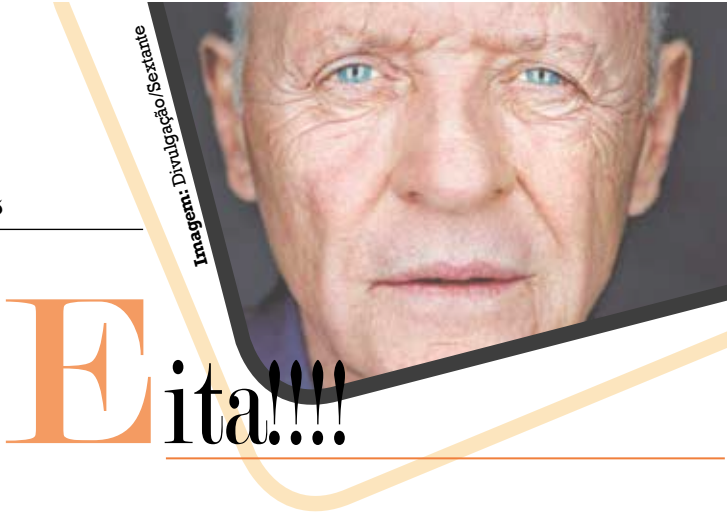
Resposta da semana anterior: Membro inferior (1) = pé + escritor italiano (2) = Dante. **Solução:** erudito afetado (3) = pedante.

Charada de hoje: No navio de grande porte (1), viajava a minha amiga Chica (2), em busca de uma nova atividade marítima (3).



Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Ilustração: Bruno Chioffi



Eita!!!!

Livros de não ficção que acabam de ser lançados para você ler ainda em 2025

O ano de 2025 já está no seu fim, mas ainda dá tempo de ler bons livros de não ficção que acabaram de sair do prelo. O jornalista Leonardo Neto, via Agência Estado, selecionou alguns títulos com essas características a seguir.

Brasil no Espelho (Editora Globo Livros, 224 páginas)

O cientista político Felipe Nunes apresenta um retrato do brasileiro contemporâneo feito por meio de uma ampla pesquisa realizada a partir da onda de protestos de 2013. De lá para cá, o país passa por intensas transformações sociais, políticas e culturais que são exploradas e analisadas por Nunes. O autor propõe um olhar que expõe como nossos traços culturais e comportamentais influenciam o desenvolvimento nacional, sugerindo caminhos para políticas públicas, negócios e para o futuro.

As Cartas do Boom (Editora Record, 590 páginas)

As décadas de 1950 a 1970 testemunharam um dos momentos mais importantes da história literária do século 20: o “boom” da literatura latino-americana, que apresentou ao mundo nomes como Julio Cortázar, Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa. A edição mostra esse momento visto por dentro, a partir da troca de correspondência entre os quatro autores listados acima.

Até Que Deu Tudo Certo: Memórias (Editora Sextante, 304 páginas)

O ator Anthony Hopkins (foto acima) revisita os grandes momentos de sua carreira e vida. No livro, ele relembra a infância em uma pequena cidade no País de Gales, em meio à guerra e à crise econômica; fala sobre o início da carreira; da paixão pela atuação e da luta contra o alcoolismo. O volume traz uma coleção de fotografias pessoais.

Todo o Caminho Até o Rio (Editora Objetiva, 368 páginas)

Elizabeth Gilbert ficou conhecida mundialmente ao escrever *Comer, Rezar, Amar*, que aborda temas de amor próprio e descoberta pessoal. Agora, no livro *Todo o Caminho Até o Rio*, ela fala sobre amor, tristeza, dor e transformação a partir da sua história com a sua companheira, Rayya Elias, que morreu em 2018. O título desse novo livro, que levou sete anos para ser escrito, vem de uma piada interna delas, que, quando descobriram que Rayya estava morrendo de câncer, passaram a chamar a morte iminente de “o rio”.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 – chifre; 2 – cajado; 3 – cacto; 4 – porta da casa; 5 – folha do chá; 6 – cauda do touro; 7 – chapéu; 8 – coco no chão; e 9 – cerca.